

Florêncio Magno de Farias Fonsêca nasceu em Cuité/PB, em 1959. Lá, aprendeu suas primeiras letras no Grupo Escolar Vidal de Negreiros. No ensino médio, foi aluno do Ginásio Agrícola de Currais Novos/RN. Fez o curso Técnico em Agropecuária, no Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, em Bananeiras/PB e, posteriormente, iniciou o curso superior em Engenharia Florestal, da então UFPB, em Patos/PB, mas não chegou a concluir. Formou-se em Gestão Pública, pela Universidade Metodista de São Paulo – Polo de Campina Grande. Servidor da UFPB/UFCG desde 1983, começou trabalhando em Patos/PB. Em 1998 foi transferido para Campina Grande/PB, onde atuou na Secretaria de Recursos Humanos e na Procuradoria Federal. Atualmente exerce o cargo de coordenador de legislação e normas da SRH/UFCG.



Já foi "Lencinho", para sua saudosa mãe. É "Fló", para sua amada esposa, "Painho" para seus filhos, "Flor" para muitos amigos e "Fulô" para inúmeros colegas.

ISBN 978-858001214-9

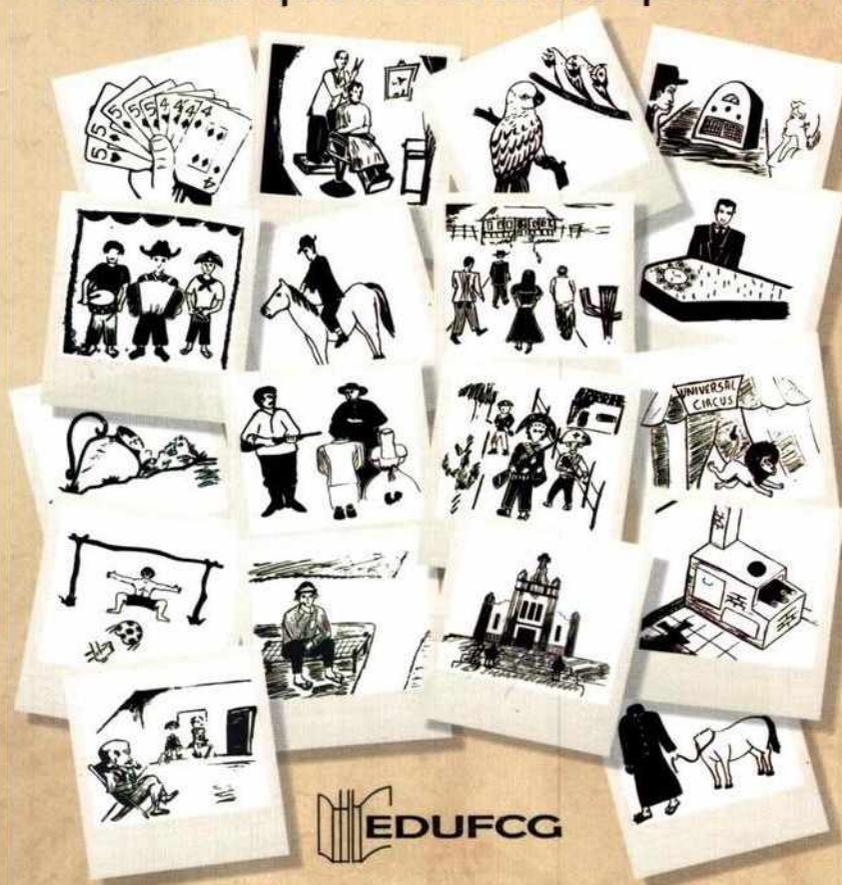


9 788580 012149

Florêncio Magno de Farias Fonsêca

MEMÓRIAS DE UM MENINO

Histórias que li e Estórias que ouvi



MEMÓRIAS DE UM MENINO

Histórias que li e Estórias que ouvi

Florêncio Magno de Farias Fonsêca

MEMÓRIAS DE UM MENINO

Histórias que li e Estórias que ouvi



Campina Grande PB

2017

© dos autores e organizadores
Todos os direitos desta edição reservados à EDUFCG

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

F676m Fonsêca, Florêncio Magno de Farias.
 Memórias de um menino : histórias que li e estórias que ouvi / Florêncio
 Magno de Farias Fonsêca. – Campina Grande: EDUFCG, 2017.
 246 f.

ISBN 978-85-8001-214-9
Referências.

1. Literatura – Contos. 2. Literatura - Causos. I. Título.

CDU 82-34

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - EDUFCG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG

editora@ufcg.edu.br

Prof. Dr. Vicemário Simões
Reitor

Prof. Dr. Camilo Allyson Simões de Farias
Vice-Reitor

Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves
Diretor Administrativo da Editora da UFCG

Yasmine Lima
Editoração Eletrônica/Capa

Wanderson Macedo
Ilustrações

Ária do Socorro Pereira
Revisão Linguística

CONSELHO EDITORIAL

Aníbes Pereira de Castro (CFP)
Benedito Antônio Luciano (CEEI)
Erivaldo Moreira Barbosa (CCJS)
Janiro da Costa Rego (CTRN)
Marisa de Oliveira Apolinário (CES)
Marcelo Bezerra Grilo (CCT)
Naelza de Araújo Wanderley (CSTR)
Railene Hérica Carlos Rocha (CCTA)
Rogério Humberto Zeferino (CH)
Valéria Andrade (CDSA)

Foram feitos todos os esforços para identificar possíveis detentores de direitos. Caso tenha havido alguma violação involuntária, eventuais omissões serão incluídas em futuras edições.

“Os mentirosos são parecidos com os escritores que, inconformados com a realidade, inventam outras”. Ariano Suassuna.

“Recordar não é viver. Porque recordar é viver de lembranças, e viver de lembranças é morrer de saudades”. Alcides Carneiro.

“Sentimos saudades de certos momentos da nossa vida e de certos momentos de pessoas que passaram por ela” Carlos Drummond de Andrade

A Deus, pelo dom da vida

À memória de meus pais, Benedito e Vina.

A Fatinha, minha dedicada esposa.

Aos meus filhos Magno, Felipe e Fabryna,
verdadeiras bênçãos de Deus na minha vida.

A toda família Farias.

As noras e genro, pela dedicação e respeito.

À professora Socorro Pereira, socorro bem presente nas
minhas dúvidas gramaticais.

Ao professor Hélder, Viviana e Yasmine por suas genero-
sas colaborações.

SUMÁRIO

- 11 PREFÁCIO
- 15 AS PRIMEIRAS LEMBRANÇAS DO SÍTIO MURALHAS
- 25 A BOTIJA
- 33 MURALHAS NO ROTEIRO DO CANGAÇO
- 45 A CHEGADA DE EXÓTICAS PERSONAGENS A MURALHAS
- 75 AS GABOLICES DE MIGUELÃO, CONTADAS NA BARBEARIA DE ZÉ MOREIRA
- 101 O FORRÓ DA BELA VISTA
- 107 O SUMIÇO DE ZÉ DE ARATACA
- 115 A ESCOLINHA DE MIGUELÃO
- 127 MIGUELÃO VAI AO COMÍCIO DE ARGEMIRO FIGUEREDO
- 135 A PARTIDA DE FUTEBOL DO SÉCULO XX
- 155 PAGANDO UMA PROMESSA
- 165 O SEPULTAMENTO DE JOÃO NICOLAU
- 171 UMA REVELAÇÃO BOMBÁSTICA NO CASSINO DE SEU MESSIAS
- 183 O PADRE SEM CABEÇA DO OLHO D'ÁGUA DA BICA
- 193 INCIDENTES NO UNIVERSAL CIRCUS
- 205 AS DESCONFIANÇAS SÓ AUMENTAVAM
- 217 OS ACASOS DA VIDA
- 235 DESENTERRANDO A BOTIJA
- 241 GLOSSÁRIO
- 243 REFERÊNCIAS

PREFÁCIO

Era 02 de novembro dos mortos dó ano de 1938, quando Miguelão e um magote misterioso invadiram o Sítio Muralhas, para apagarem de vez as fronteiras já obscuras entre a ficção e a realidade, entre a mentira e a verdade, entre o passado e o presente. Tudo para provar que na realidade tudo é imaginado e que a história humana nesse planeta não passa de uma grande invenção coletiva.

O autor compara o seu ofício narrativo ao de um mentiroso, mas nessa infinita pluralidade de mundos inventados, mentirosos somos todos. Porém, é preciso talento para dar a invenção o cheiro, a cor, os sons e até os toques do real simulado. É preciso, sobretudo, sabedoria para nos fazer rir da nossa condição humana. E é fundamental estar mergulhado até o pescoço no caldo cultural do nosso povo, para retratá-lo e recriá-lo em suas próprias histórias, verdades e mentiras. Florêncio traz esse talento, sabedoria e cumplicidade.

Dono de uma prosa boa, bem-humorada, expansiva, pontilhada de atalhos que cortam, voltam, explicam e enriquecem a rotação da narrativa, ele a transporta, viva e inquieta, ao texto.

Ao escrever este livro, Florêncio afirma ter revivido o seu tempo de criança. E foi essa também a minha sensação. Acredito que não só por conviver naquele clima frio e quase irreal da Serra de Cuité; e servir da mesma sopa ancestral das estórias de assombração e de trancoso, do Olho D'água da Bica com as suas princesas de pedra e padres sem cabeça, das revistas e figurinhas multicoloridas da barbearia de seu Benedito Alves, das aventuras de Pedro Malazarte, das desventuras de cangaceiros violentos, vaqueiros prodigiosos, coronéis inabaláveis... Mas porque, também, o seu texto faz mergulhar em uma infância arquetípica e

persistente, onde o local e o universal se cruzam e as coisas da vida e do mundo ganham formas distorcidas, paralelas, profundamente emocionais.

Ficou nos idos de 1877 a viagem sem volta do coronel João Clementino, acompanhado de Nego Fulô, para plantar uma botija nas terras profundas do Sítio Muralhas. E assim, de forma prodigiosa, dali e para sempre, iriam emergir causos e personagens estranhos e saborosos, que pontilham e partilham estas páginas quase em uma profusão: Diassis, Miguelão, Dosanhos, João Nicolau, Zé Moreira, Zé Caga-Fogo, Miguel de Almeida, Teodora Bunda de Bacia, Raimunda Cabeça de Pano, Ciciliano, e tantos outros.

Tempos imemoriais da onça estadual, da espetacular estreia do rádio no mercado das três portas, da pobre cadela Violeta, da Margarida embuchada e redimida no Parque São José, das notícias do papagaio Xodó, doutor em Letras Vernáculas em Harvard; das contendias antológicas do Muralhas Futebol Clube contra o Clube Regatas Campo Comprido; das lavadeiras dos tanques do Ingá, da seca terrível de 1958; das promessas cumpridas à Nossa Senhora das Mercês, das previsões zoológicas de Antônio Pavão, das estórias maroquianas do Bar Ouro Verde, da maldição de Minringaba, dos baralhos viciados no Cassino de Messias Castilho e das mulheres que viram peixe debaixo da lona milenar do Universal Circus.

Eis que em 1992, Zé de Alaíde, cavando ao pé do fogão da velha Casa Grande, trouxe à luz a velha botija do coronel João Clementino, enterrada há 115 anos. Fechava-se assim um ciclo no pote sem fundo do tempo, onde Florêncio mergulhou a caneca para beber as estórias dessa gente e desse mundão de Deus, que começou lá pras bandas do Sítio Muralhas.

Ramilton Marinho

NOTA DO AUTOR

Quando decidi escrever este livro, o fiz imbuído na concretização da trilogia da existência. Conforme muitos afirmam, o homem, na vida, tem que fazer três coisas: plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro. Como funcionário da UFCG e trabalhando no Viveiro Florestal, em Patos, ajudei a reproduzir centenas de milhares de árvores. Já tive três filhos que só me dão prazer e alegria. Faltava apenas o último passo, o qual dou agora sem nenhuma outra pretensão. Ressaltando por oportuno, que neste livro usei um linguajar nordestino, como forma de destacar a rica expressão oral existente na nossa região, por entender ser essa a verdadeira língua do povo. Para tanto me afastei propositalmente das normas ortográficas da língua pátria.

Não sou literato, nem tão pouco tenho a aspiração de ser chamado de escritor só porque escrevinhei estas coisas simples. O grande Ariano Suassuna, quando participava da Bienal do Livro em Brasília, no ano de 2014, causou furor ao afirmar “que todo escritor é um mentiroso”. Por minha vez, me contento em ser chamado apenas de um mentiroso ou um contador de “causos”. Até porque acredito que uma estória contada de forma cômica e bem-humorada, adoça a vida e revigora a alma.

Quando eu pedi ao artista plástico André Santos, para fazer o retrato falado de alguns personagens deste livro, tive como resposta uma coisa que me chamou a atenção. Disse André: – Faça na hora e desta forma, eu não morro mais! Falou de cátedra, pois sabe que a escrita tem o poder de immortalizar o ser, as pessoas e as coisas. Desta maneira, tive apenas o intuito de homenagear algumas pessoas que passaram na minha vida e que pretendo eternizar. Escrevi coisas acumuladas ao longo de toda minha existência, histórias que li e estórias que ouvi as quais eu gosto de

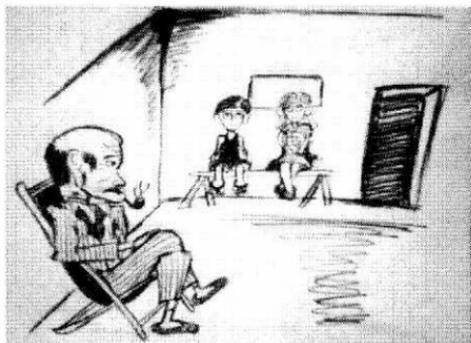
contar, sem ter nenhuma preocupação com a realidade, e de maneira simples—afinal a minha intenção é fazer as outras pessoas rirem, ao tempo em que revivo os meus tempos de criança.

Como costumo dizer, o que fiz foi dar um passeio ao longo da minha vida, especialmente nas terras de meus antepassados — o Sítio Muralhas, em Cuité.

Assim, em cumprimento da trilogia da vida, posso afirmar que plantar árvores foi fácil; difícil foi regá-las. Ter filhos foi fácil; difícil foi criá-los. Por fim, escrever este livro também foi fácil, difícil vai ser arranjar quem leia.

1

AS PRIMEIRAS LEMBRANÇAS DO SÍTIO MURALHAS



O Sítio Muralhas, localizado no município de Cuité, Estado da Paraíba, berço da família Farias, onde habitaram figuras por demais conhecidas da população cuiteense, dentre eles meus bisavôs Minervino e sua esposa

Dadá e seus filhos, meus tios Ioiô Vino, João Vino, Dosanhos, Dias-sis, Iaiá, Marica, Zé Déu, Trajano Farias, e muitos outros.

A Casa Grande, ainda hoje de pé, guarda boas lembranças de minha infância, muitas histórias e estórias habitam minha memória, de forma clara, como se tivessem ocorrido ontem.

Lembro-me quando íamos com nossa mãe visitar nossos avós Trajano Farias e Madrinha Conceição, como carinhosamente lhes chamávamos, à noite, após o jantar, nos sentávamos num banco, outros já iam para as redes armadas na sala e meu avô, em sua espreguiçadeira, com seu cachimbo de fumo de rolo no canto da boca, nos contava estórias de assombração e de cangaceiros, o que nos metia um medo arrepiador! Nossos olhinhos ficavam atentos a cada palavra, a cada detalhe e a cada fazer de silêncio do meu avô... Naquela época, o sítio não possuía energia elétrica e essa ausência fazia ainda mais aumentar o nosso medo. A casa de meu avô ficava a poucos metros da Casa Grande e bicentená-

ria, construída pelo coronel João Clementino da Rocha e nós ficávamos no eterno vai-e-vem entre uma e outra, na maior alegria, com nossos estilingues a caçarmos passarinhos, a tomar banho nos riachos... no inverno saíamos para colher umbu e assar milho nas brasas da fogueira... era uma festa só, que nos traz muitas saudades e recordações.

O ambiente de Muralhas era tão saudável, que minha mãe ousava contrariar toda a lógica, tão grande era o prazer de nos levar pra lá. Certa feita, fomos acometidos de coqueluche: de mim pra cima só escapou a minha irmã mais velha Marleide. O resto, todos contraíram a epidemia, e foi aí que contrariando todas as recomendações médicas, ela botou todos debaixo do braço e levou-nos para nos tratar em Muralhas e só regressamos quando estávamos todos curados.

João Clementino da Rocha o patriarca da família, nasceu em 1825, e possuía além do Sítio Muralhas outras duas propriedades rurais, sendo uma localizada no distante município de Riacho dos Cavalos - PB e outra em Currais Novos, no vizinho Estado do Rio Grande do Norte.

A Casa Grande, conta com mais de duzentos anos de construída. É um casarão que, como já disse, foi palco de muitas histórias e estórias pitorescas, que se entrelaçam com outras ocorridas na cidade de Cuité e que procurarei relatar neste livro.

Contou-me tio Déu, irmão de minha mãe, e depois me confirmaram o tio Aduato e minha mãe Vina, a mesma história, às vezes com pequenas e insignificantes divergências, mas sempre com riquezas de detalhes, que no ano de 1876, o coronel João Clementino da Rocha, que passava uma temporada em cada uma de suas fazendas, encontrava-se na fazenda Porcos, em Riacho dos Cavalos, e, no final daquele ano, como em todos os outros, solicitara de seu capataz que fizesse suas experiências a fim de esclarecer se o ano que se avizinhava seria bom de inverno.

O capataz em questão era o fazia-tudo, o que hoje nós chamamos de “mil e uma utilidades”. Com o nome de Francisco Aparecido da Anunciação, e afetosamente apelidado de Nego Fulô, era descendente de escravos, oriundo das bandas de Minas Gerais, precisamente de Arraial Novo, hoje cidade de Santa Luzia do Carangola, de onde fugira em 1858. Contava Nego Fulô, que era devoto de Santa Luzia, por ter visto aquela Santa operar um milagre, e relatava o evento de forma minuciosa. O caso havia se sucedido com o seu ex-patrão naquelas terras longínquas. Para não nos alongarmos muito, passarei a contar o fato de forma resumida, para não nos desviarmos do nosso assunto. Eis os fatos narrados por Nego Fulô:

Em um dia ensolarado do mês de maio de 1856, seu patrão Senhor Coronel Antônio Carlos de Sousa, estava cortando uma pedra de moinho, quando teve um olho atingido e ferido por um estilhaço. Como era devoto de Santa Luzia, o coronel prometeu que se alcançasse a graça de não perder sua visão, construiria uma capela em sua homenagem. Assim foi feito, e hoje a cidade tem como padroeira Santa Luzia.

Conforme me ensinou o Padre Celestino Tino Grillo, quando na época atuava como pároco na cidade de Guarabira e vinha, voluntariamente, toda quarta-feira, a Bananeiras, trazer seus ensinamentos religiosos aos alunos do Colégio Agrícola, a igreja católica prega que podemos aumentar nossa fé pela humildade, pela oração, pela leitura da palavra de Deus e da vida dos Santos. Os Santos existem não para serem adorados, mas para nos lembrarem que eles também tiveram fé em Deus. Eles existem para que nós tentemos seguir o mesmo caminho deles. Eles são um exemplo de fé e esperança que deve permanecer sempre com as pessoas. E assim são inúmeros os santos cultuados pelos fiéis católicos, entre os quais se encontra Santa Luzia, que é tida como a “protetora dos olhos e da visão”.

A história dessa Santa, contada por seus devotos, conforme visto no blog R7, é de que Santa Luzia era de uma família de Siracusa, na Itália, tendo recebido ótima formação cristã, ao ponto de Luzia ter feito um voto de virgindade perpétua. Com a morte do pai, Luzia soube que sua mãe a queria casada com um jovem de distinta família, porém pagão. Nessa ocasião, sua mãe adoece gravemente e Luzia, que era devota de Santa Águeda, leva sua mãe à tumba da santa. Milagrosamente, sua mãe recupera a saúde e acaba concordando que a filha seguisse a vida que escolhera, consentindo, também, que distribuísse seu rico dote entre os pobres.

O noivo rejeitado vingou-se, entregando Luzia como cristã ao procônsul. Este ameaçou Luzia de colocá-la no prostíbulo e sua resposta foi: “O corpo se contamina se a alma consente”.

Assim sendo, dezenas de soldados tentaram carregá-la, mas o corpo de Luzia pesava muito, nada conseguindo. Contam que enquanto estava presa, arrancaram-lhe os olhos, mas, no dia seguinte estavam novamente perfeitos. Por este milagre é que ela é venerada como protetora dos olhos.

Santa Luzia, não querendo oferecer sacrifício aos deuses e nem quebrar o seu santo voto, foi decapitada no ano de 303, para assim testemunhar com a vida – ou morte – o que disse: “Adoro a um só Deus verdadeiro, e a ele prometi amor e fidelidade”. E assim, até hoje é adorada e comemorada sendo a data de celebração de seu dia 13 de dezembro.

E por que fiz questão de contar a história de Santa Luzia? Todos nós nordestinos estamos acostumados a esperar a estação chuvosa com grande ansiedade, e quando esta vem com abundância de chuvas, para todos é motivo de grande júbilo. Daí é comum, nos dias atuais acompanharmos os noticiários meteorológicos com muita atenção, e porque não dizermos também, questionarmos os mais velhos sobre suas experiências, que advêm de muito tempo atrás, e cuja prática convencionou-se chamar de “meteorologia popular”.

Não é de hoje que a fé se relaciona com o tempo e o clima. E o nordestino, ávido por bons invernos, sempre apela para suas crenças nos santos. As simpatias para fazer chover vêm de longas datas, há quem acredite que colocar a imagem de Santo Antônio de cabeça para baixo no sol quente, dentro de um copo d'água, ou mudar a imagem de lugar é chuva na certa.

Conforme me contaram meus tios, certa feita a seca era tão brava que, na tentativa de fazer chover, resolveram não só trocar os santos de lugar, e assim acordaram em trocar os padroeiros de Cuité – Nossa Senhora das Mercês por São Sebastião, padroeiro da cidade de Picuí. Desta forma, partiram duas procissões em sentido contrário: a de Cuité para Picuí conduzia a imagem de Nossa Senhora das Mercês, e a de Picuí para Cuité trazia a imagem de São Sebastião.

O coronel João Clementino da Rocha, ao chegar em casa, encontrou sua esposa, se esvaindo em lágrimas, ao indagá-la o que lhe fazia chorar, ela esclareceu que era muito devota de Nossa Senhora das Mercês e que estava com muito desgosto em razão da mudança da padroeira para a cidade de Picuí. Ao saber dos acontecimentos o coronel mandou imediatamente selar outro cavalo e seguiu depressa em direção das procissões. Contam ainda, que ao chegar próximo ao povoado Onças, hoje Santa Luzia, o coronel encontrou a Procissão de Nossa Senhora das Mercês, e, ordenou que parassem o andor, que ele precisava falar com o vigário. E assim foi feito. Depois da conversa entre o coronel João Clementino e o padre da freguesia de Cuité, o negócio foi desfeito à revelia do vigário de Picuí. Até hoje o local exato de onde a procissão retornou é conhecido como o Poço da Volta.

Naquele mesmo ano, o Coronel, em agradecimento, fez a doação de um enorme sino de bronze para o campanário da igreja da nossa padroeira, por sinal até hoje este velho sino ainda badala no alto da Igreja Matriz de Cuité, a chamar os fiéis para as so-

lenidades religiosas, e ainda quando os cortejos fúnebres passam pela Igreja em direção ao Campo Santo Nossa Senhora do Carmo.

Mas voltemos às previsões meteorológicas do capataz Nego Fulô. O fazia-tudo, do coronel João Clementino, não era diferente, pelo contrário, tinha essa crença enraizada em sua mente, passada por seu pai, que já aprendera com seus avós. E por isso o coronel tinha tanta confiança nas suas observações, que, ano após ano, só estabelecia suas estratégias agrícolas após 13 de dezembro, quando Nego Fulô fazia suas previsões meteorológicas.

A experiência de Nego Fulô é praticada até os dias atuais pela meteorologia popular – dizem que quando chove no dia 13 de dezembro (dia de Luzia), o ano é bom de inverno e começará logo em janeiro do ano seguinte; se chover no dia 14 de dezembro, o inverno começará em fevereiro; se, por acaso, a chuva cair no dia 15, o inverno só terá início no mês de março do ano que vem, e assim por diante. Fulô dominava esta técnica como ninguém, pois acreditava que sendo Santa Luzia a santa que tem os olhos muito bons, é a única que pode enxergar além do horizonte.

A ordem para que fosse feita a experiência veio do coronel João Clementino no dia 12 de dezembro de 1876, portanto véspera do dia de Santa Luzia. Mas, a observação de Nego Fulô não se resumia apenas a esperar pela chuva no dia da santa. O experiente “meteorologista popular” completava suas observações com três fatores, a saber: observava durante toda a noite se as estrelas ficaram piscando muito em céu límpido; se as estrelas ficaram mudando muito de lugar e se o dia amanhecia com muita cerração.

Na manhã do dia seguinte, conforme relataram meus tios, o coronel João Clementino, ao abrir a porta no “quebrar da barra”, encontrou Nego Fulô, sentado na porteira da fazenda, com uma cara de tristeza que dava dó. – *E aí?* Indagou o coronel. Nego Fulô em tom de aflição, mas, ao mesmo tempo, de sabedoria, respondeu – *Coroné o ano que vem vai ser o mais seco da era, num*

vai pingar uma gota d'água. E não foi diferente: no ano de 1877, ocorreu uma das maiores secas no nordeste, conforme é noticiado até os dias de hoje. Veja o que noticiou o Jornal de Mossoró, do dia 24/02/2013, com a manchete - **A Seca de 1877:**

“O ano de 1877 foi terrível para o sertão nordestino. É nesse ano que começa a calamidade da mais terrível das secas que flagelaram as províncias do nordeste no final do século XIX. No Rio Grande do Norte, quase todas as cidades do interior foram atingidas pela intempérie. As populações abandonaram os sítios a procura das cidades. (...)”.

Já o Jornal, online O Povo, de Fortaleza – CE, em matéria publicada em 10 de março de 2013, fez noticiar o seguinte: **A Grande Seca de 1877:**

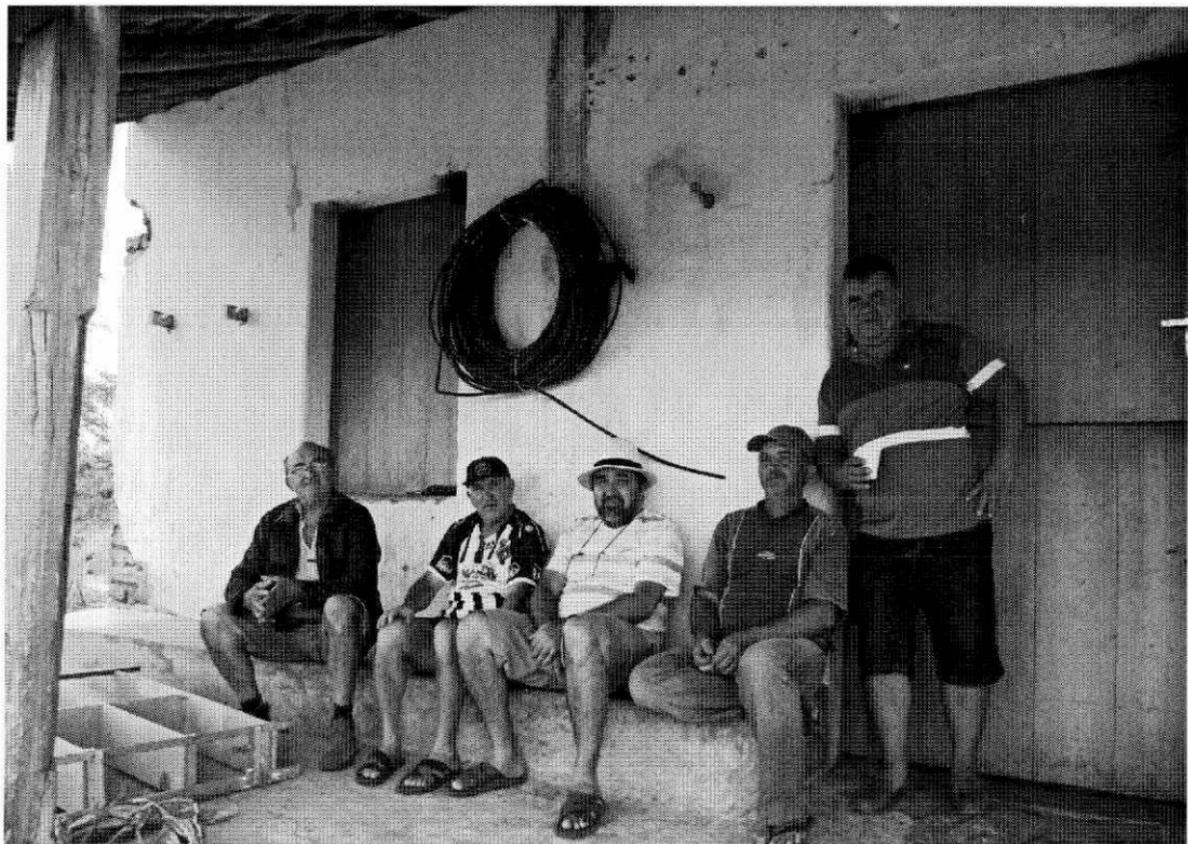
“(...) na história das secas cearenses nunca houve uma migração tão intensa como na seca de 1877, nem tanto sofrimento, três anos de seca, quando centenas de milhares de pessoas foram se refugiar em lugares menos afetados, como Aracati, Baturité, ou Fortaleza. Na capital da província, famílias maltrapilhas e famintas iam de porta em porta pedindo água, comida e roupas, invadiam plantios das casas nos arredores, moças se prostituíam para sobreviver. (...)”.

A polêmica Revista Eletrônica fez publicar, em 20 de março de 2013, texto assinado por vários autores, e no qual foram

apontadas as principais consequências das maiores secas que atingiram a região nordeste, dentre as quais a de 1877. Veja o que publicaram os autores:

“1877/1879, Esse período foi marcante, uma das maiores e graves secas atingiu todo o Nordeste. O Ceará, por exemplo, tinha na época uma população de 800 mil habitantes. Destes, 120 mil (ou 15%) migraram para a Amazônia e 68 mil pessoas foram para outros estados. Grandes secas atingiram toda a população. As lavouras da Paraíba e Pernambuco foram destruídas e as vilas abandonadas” (VIRGINIA, et al, 2013)

Como podemos observar, as previsões catastróficas de Nego Fulô se confirmaram e, graças a elas, o coronel João Clementino, tomou as medidas que salvaguardaram seu patrimônio. E o que fez o coronel João Clementino? Vendeu todo o seu rebanho (conforme tio Déu, só vacas foram “300 de pontas serradas”) e veio para a sua fazenda em Muralhas, onde o clima era mais ameno e pretendia passar o período de estiagem. Assim começam os fatos que ainda hoje tem seus efeitos, pitorescos, apavorantes e econômicos. Contados por muitos e complementados por uma porção de “bravos forasteiros” que aqui aportaram.



O AUTOR LADEADO POR ALGUNS DE SEUS PRIMOS. DA ESQUERDA PARA DIREITA: MILANÊS QUE COM ELE ASSISTIU A MULHER QUE VIRA PEIXE; CICILIANO QUE SABE TUDO MENOS TOCAR SANFONA; ARISTEU QUE ATÉ HOJE LABUTA NA VELHA MURALHAS E JAIME EZEQUIEL, FILHO DO GRANDE PONTA DE LANÇA DO MURALHAS FUTEBOL CLUBE JAIME EZEQUIEL.



RUÍNAS DA CASA ONDE MORAVAM MEUS AVÓS, AQUI PASSAMOS BONS MOMENTOS.



A CASA GRANDE, HOJE COM MAIS DE 200 ANOS DE CONSTRUÍDA. PARTE JÁ DEMOLIDA PELA A AÇÃO DO TEMPO.

2

A BOTIJA



Relataram por muitas vezes os meus tios, que já ouviram de seus pais, que o coronel João Clementino chegou ao Sítio Muralhas, no final do mês de janeiro de 1877, acompanhado apenas de Nego

Fulô. Vinham em boas montarias, seguidos de vários animais de carga. Dentre as mercadorias trazidas pelo coronel, estava grande quantidade de moedas de ouro, joias, vários relógios de algebeira, os quais tinha o hábito de colecionar, traziam também pujantes e elegantes aparelhos de chá com talheres de ouros, que haviam sido importados da Europa. Com a desculpa de fazer uma reforma na casa, para melhorar as acomodações, passaram a trabalhar diuturnamente, sem pedir a ajuda de mais ninguém – apenas ele e o Nego Fulô, fizeram a chamada “reforma”. Na verdade era uma mera desculpa. O que realmente ocorreu foi a construção de uma cozinha nova com um grande e belo fogão a lenha, num canto da parede.

A ampliação da casa teve um único propósito, qual seja: proporcionar um esconderijo adequado para as suas economias que eram bastante volumosas. Pois bem, esconderam (enterraram) a grande fortuna e regressaram, a fim de apanhar o restante da família que ficara na fazenda Porcos, em Riacho dos Cavalos.

Conta-se que no fatídico caminho de volta contraíram febre tifóide. O Nego Fulô, apesar de mais velho, gozava de melhor saúde e chegou ainda vivo ao seu destino, trazendo o seu adorado patrão já agonizando em fase terminal, e que veio a falecer minutos após a chegada. Nego Fulô, como um fiel escudeiro, desempenhou seu papel até o fim, com uma dedicação e uma fidelidade ímpar, e na certa terá recebido a recompensa divina. Mas, Fulô, apesar de ser um homem forte e sempre com boa saúde, não resistiu à peste e veio a óbito na madrugada do dia seguinte e foram os dois sepultados no mesmo dia, pois seus familiares tinham a noção da gravidade e de como era contagiante a enfermidade. A famigerada febre tifóide, conforme li em livros de medicina, é uma doença infecciosa causada pela bactéria *salmonellatyphi*, e é considerada uma doença grave, que apresenta constante febre, alterações intestinais, aumento das vísceras e, se não tratada, pode ocorrer uma confusão mental e levar à morte.

Naquela época, como atraso da medicina, a falta de recursos, e o saneamento precário ou inexistente, uma doença desta natureza era fatal, tendo ceifado milhares e milhares de vidas. Como vimos, um dos sintomas da febre é confusão mental, o que na certa terá ocorrido com os dois moribundos, que faleceram sem revelar onde e como teriam guardado as economias juntadas ao longo de uma vida. Contava o coronel João Clementino da Rocha, naquela data, com apenas cinquenta e dois anos de idade. Partiu cedo, levando o segredo, que só seria revelado muito tempo depois, através de aparições em sonhos, a muitos dos seus descendentes.

As histórias de botijas vêm de tempos imemoriais. Acontece que pessoas agraciadas pela sorte, depois de sonhos com gente do outro mundo, conseguiram desenterrar valiosos tesouros (botijas), contendo moedas de ouro, libras esterlinas, joias, brilhantes, e outras pedras preciosas e até barras de ouro forte.

Mencionam-se, inclusive, nomes de pessoas reconhecidamente pobres que, sem herdar de parentes ou amigos, sem que tivessem sido beneficiados por um bilhete grande de loteria, amanheciam ricos misteriosamente.

Discordo, sob todos os aspectos, dos que chamam essas histórias de “lendas”. Primeiro porque tenho um exemplo na minha própria família. Segundo: os encontros de dinheiro e joias não me parecem impossíveis de ocorrer conforme a crença popular, por um motivo muito simples e que passo a expor.

Nos tempos remotos, não existiam, como hoje, os estabelecimentos bancários. Os homens de dinheiro, tanto do alto comércio como os agricultores e criadores mais opulentos, tinham receio de forças invasoras que travavam lutas ou guerras no Brasil, e os bandoleiros e cangaceiros, especialmente na região Nordeste, que agiam em grupos e saqueavam e levavam tudo que havia nas fazendas. Assim não restava outra saída, a não ser enterrar as joias e dinheiro dentro de casa ou nos matos, em lugares ermos.

No seu livro *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954), o escritor e historiador potiguar Luís da Câmara Cascudo conta que o tesouro enterrado é um mito presente em quase todas as culturas e que, no Nordeste, são chamados de botija: “(...) ouro em moedas, barras de ouro ou de prata, deixada pelos holandeses ou escondida pelos ricos, no milenar e universal costume de evitar o furto dos ladrões”.

A médica e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Clotilde Tavares, conta no sítio eletrônico *Umas e Outras*, que foi criada ouvindo histórias de botija e que elas envolvem um conjunto de superstições e crenças que invadem a nossa cultura. E assim expôs:

“Primeiro vem o sonho. Sonha-se com o tesouro, que muitas vezes é indicado por

almas penadas, seres do outro mundo condenados a sofrer nas chamas do Inferno enquanto o ouro escondido em vida não for encontrado. Parte dele deverá se destinar a missas pelo defunto e o resto fica para o herói que, afrontando os perigos de empresa tão arriscada, desenterra o ouro.

Aprendi com os mais velhos e recordei hoje na leitura de *Cascudo* que para desenterrar uma botija é preciso obedecer a certas regras. É preciso ir à noite, sozinho, sem falar com ninguém e em silêncio. Se contar a outra pessoa, o tesouro some. Se outra pessoa for pegar a botija sonhada por alguém, não encontra nada. Quando muito, uma panela de carvão em lugar do tão cobiçado ouro. E é preciso traçar um “sino salomão” (um signo de Salomão, a estrela de seis pontas) no chão, antes de começar a cavar” (Clotilde TAVARES, 2009).

E assim, resolveu contar, em seu livro intitulado “A Botija”, várias destas peripécias, por sua bela obra foi agraciada com o Prêmio Câmara Cascudo, da Prefeitura Municipal de Natal. Editado pela editora 34 em 2006, o livro é muito bem aceito e foi adotado como leitura obrigatória do vestibular de 2011 da Universidade Federal de Campina Grande. É realmente uma boa leitura que recomendo aos incrédulos.

Como admirador dos contos da Autora, tomo a liberdade de transcrever uma dessas histórias, contada de forma resumida do sítio eletrônico acima referenciado:

“Na cidade de Cerro Corá, onde estive em 1999, ouvi uma história de botija. Passou-se na Fazenda Tupã, que era propriedade de Sérvulo Pereira, magnata daquela região e dono de minas de ouro, e que hoje pertence a seus descendentes. Um rapaz que trabalhava lá começou a sonhar com uma “bola de ouro” que estaria enterrada em determinado lugar da casa sede da fazenda. Contou a um, contou a outro, mas ninguém deu crédito à história, e parece que nem ele mesmo estava acreditando muito. Aí ele foi morar em Natal, mas o sonho não parou de perseguir-lo até que, no final de 1998, foi lá no local indicado pelo sonho e arrancou a botija. Um buraco entre a parede e o piso, na parte anterior da casa, foi somente o que encontraram na manhã seguinte. Ouvi a história e fotografei o buraco quando andei por aquelas paragens em 1999”(Clotilde TAVARES, 2009).

O ex-governador do Estado da Paraíba, Dorgival Terceiro Neto, conta também em seu livro intitulado “Paraíba de ontem, evocações de hoje”, (que me foi presenteado pelo dileto amigo e colega na UFCG, Enoque Marinho), no capítulo intitulado de: “Frade Foragido deixou botija na Paraíba”, uma história *intrigante*. A narrativa se dá quando o Autor fala sobre a rendição dos rebeldes da Confederação do Equador em dezembro de 1824, na qual foi preso o inesquecível frei Caneca. Pois bem, por ocasião

das prisões, o também prisioneiro frei João de Santa Miquelino, conseguiu se desvencilhar de seus alçozes e fugiu para nunca mais voltar à Paraíba, onde deixou uma botija. Conta o ilustre escritor, advogado e jornalista, o seguinte:

“Escutei de meu pai a seguinte narração por ele ouvida de seu genitor. Em Lage Vermelha, o coronel Dorgival construiu casa e currais, no século passado. Lá, colocou um vaqueiro, nos idos de 1880, conhecido como Zé Cascão. Numa noite, o velho campeador subiu até Santa Rita, em busca de animais que não se recolheram ao curral. Quando chegou ao lugar chamado “tapera do frade”, foi surpreendido com forte ventania e sons esquisitos. Apavorado, voltou para casa às pressas. Poucos dias depois, ainda cedo da noite, apareceu-lhe o vulto do religioso dizendo-lhe que fosse à tapera da casa e procurasse o batente da moradia e arrancasse o que lá achasse sob a soleira. Zé Cascão fez o que lhe ordenou o religioso; removeu as pedras e encontrou dois dobrões de ouro, assim chamadas as antigas moedas portuguesas e espanholas. Levou-as à fazenda Jardim, onde morava o seu patrão. As moedas estavam coladas uma a outra. Foi necessário apoiar o cume de um facão da emenda dos dobrões e bater no dorso do instrumento para separá-las. (TERCEIRO NETO, Dorgival, 1999.p. 62)

E segue o autor, em sua narrativa:

“Zé Cascão, não sabia o que era um frade, porque nunca vira um deles. Conhecia padres, com batinas pretas. Assim descreveu para o patrão a figura que lhe apareceu”:

– “Coroné, eu acho que ele era padre, porque tinha uma batina. Mas não era preta não sinhô; era acastanhada. Por cima da batina tinha um meio capote. Tinha também um cordão amarrado na cintura com as pontas compridas caindo na ponta do pé dele. Não calçava como os padres eram chinelas com tiras de sola separadas umas das outras”

Completando a descrição, Zé Cascão dizia ao coronel Dorgival: –“A rodela da cabeça dele era diferente da que tem na cabeça dos padres. Era desse tamanho (projetava com os dedos polegares e indicadores, em círculos o tamanho da tonsura na cabeça do religioso).

E concluía, ainda se referindo à tonsura do frade:

– É do tamanho de uma “rudia”. – Reportava-se ele às roscas de pano, as rodilhas que as pessoas usam sobre a cabeça para apoiar volumes que conduzem”. (TERCEIRO NETO, Dorgival, 1999. id. ib.p. 63).

E completa o Autor:

“Estava confirmado que Zé Cascão vira o verdadeiro dono da botija que acabara de arrancar”.

Desta forma, quero afirmar com todas as letras: tenho plena convicção da existência de muitos tesouros enterrados por esse mundo afora. Agora, os fatos que ocorreram com a botija enterrada pelo coronel João Clementino da Rocha, no Sítio Muralhas, no ano de 1877, eu conto mais adiante.

3

MURALHAS NO ROTEIRO DO CANGAÇO



Conforme uma grande quantidade de historiadores e pesquisadores que escreveram sobre o assunto, o cangaço no Brasil teve seus tempos áureos na segunda metade do século XVIII e perdurou até os anos quarenta do

século XX. Segundo Antônio Gaspareto Junior (2013), o termo é derivado de canga, um artefato de madeira utilizado em pescoços de boi para transporte.

Como os titulados cangaceiros tinham que carregar todos os seus pertences junto ao corpo, passaram a ser tratados como tal a partir desta referência. José Gomes que tinha a alcunha de Cabeleira foi o primeiro homem a ter atuado como cangaceiro. Conta-se que ele aterrorizava a região metropolitana de Recife na segunda metade do século XVIII. Entretanto o movimento só ganhou notoriedade no final do século XIX. Naquela época, aproveitando-se dos momentos difíceis por que passavam os nordestinos, homens criminosos grassavam o terror com suas vidas ciganas. Daí surge o primeiro grupo propriamente dito de cangaceiros, que foi comandado por Jesuíno Alves de Melo Calado, chamado de Jesuíno Brilhante, que também praticou seus atos criminosos na segunda metade do século XVIII.

É extensa a bibliografia sobre o cangaço, de estudos sociológicos, reportagens documentais e todas convergem para afirmar que as origens do movimento estão nas próprias questões sociais e fundiárias do Nordeste. Para enfrentar tal cenário, homens isolados ou em bandos saqueavam fazendas, sequestravam e assassinavam coronéis e roubavam o que podiam. Os cangaceiros, em geral, viviam cometendo crimes, fugindo e se escondendo. Conforme ainda afirma Gaspareto, havia três grupos no Cangaço. Um deles prestava serviço aos próprios latifundiários, logo, não eram tão fúgtivos assim. Havia um segundo grupo que representava mais ainda os poderes locais dos fazendeiros, tanto que eram conhecidos como “políticos”. Estes, conseqüentemente, gozavam até de certa proteção. Somente um terceiro grupo era independente e praticava uma vida bandida por conta própria. Todos eles, contudo, conheciam bem a natureza da caatinga do nordeste brasileiro e, por isso, tinham ampla vantagem na hora de fugir das autoridades. Era da natureza também que tiravam todos os recursos para enfrentar as adversidades.

Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, foi, sem sombras de dúvidas o cangaceiro mais famoso da história. Nascido no sítio Ingazeira e criado em Vila Bela, atual Serra Talhada (PE), sua data de nascimento até hoje permanece um mistério, com versões de dias e anos diferentes. Alguns autores afirmam ser 07 de abril de 1897, outros, 04 de junho de 1898. A importância do cangaceiro para o movimento é grande e, por isso, é chamado de Senhor do Sertão ou Rei do Cangaço. Atuou juntamente com seu bando nas décadas de 1920 e 1930 em quase todo o nordeste brasileiro. Lampião tinha uma personalidade ambígua. Para as autoridades, era um criminoso selvagem que precisava ser eliminado. Para a população da região, era o símbolo de coragem e de honra.

Antes de Lampião, porém, a história registra a existência de outro cangaceiro, que não se tornou conhecido e famoso, como

seu sucessor Lampião, mas que também teve seu papel marcante no cenário nordestino. Conforme matéria no Blog do jornal Diário de Pernambuco, em reportagem exibida em 02 de outubro de 2012, sob o título “o rei do cangaço antes de Lampião, Manoel Batista de Moraes entrou para a história como Antônio Silvino, nascido no dia 2 de dezembro de 1875, em Afogados da Ingazeira. Durante 16 anos, driblou a polícia, praticou saques e assassinou inimigos, mas era tratado pelos poetas populares como um “herói” por respeitar as famílias, o seu apelido mais conhecido foi “Rifle de Ouro”.

Ainda jovem, integrou o bando liderado por seu tio, Silvino Aires Cavalcanti de Albuquerque. Com a prisão deste em Custódia, assume o comando e muda o nome e sobrenome, homenageando o parente.

Segundo ainda a mesma matéria do jornal pernambucano, Antônio Silvino iniciou-se no cangaço, com apenas 21 anos de idade, juntamente com o irmão, Zeferino. Ambos tinham o intuito de vingar a morte do pai, Batistão do Pajeú, que fora assassinado em plena via pública de Afogados da Ingazeira, no dia 3 de janeiro de 1897. Batistão, que era procurado pela polícia, teve a coragem de entrar na cidade no dia mais movimentado da semana – o dia da feira livre, e assim foi atingido por um tiro de bacamarte desferido por Desidério Ramos, que, além de ser seu desafeto, havia sido contratado pelo coronel Luís Antônio Chaves Campos, chefe político local.

Como vários autores afirmam, o Cangaço permaneceu vivo por tanto tempo na história do Brasil porque os próprios latifundiários assim almejavam. Eles o alimentavam como alternativa para cobrança de dívida e assim contavam com a possibilidade de formar exércitos mercenários em caso de disputas de famílias, o que era muito comum naquela época. Aliás, o pai do próprio Lampião foi assassinado num desses conflitos. Os chefes políticos

locais sustentavam essas facções armadas, que deles recebiam alimentos, residência para morar e uma pequena porção de terra. Em contrapartida, os cangaceiros os protegiam, com o uso das armas, dos adversários políticos. O fenômeno só foi atacado decisivamente, por ação do Estado, no governo de Getúlio Vargas.

O presidente Vargas determinou que qualquer rebeldia ou desordem perpetrada por cangaceiros no território brasileiro deveria ser abolida. Desta forma foi empreendida uma caçada sem precedentes ao chefe do Cangaço, Lampião. Em consequência, todos os cangaceiros que não se renderam foram mortos pelo governo, o que aconteceu com Virgulino, no dia 28 de julho de 1938. Vários cangaceiros foram degolados e suas cabeças foram conservadas para exposição no Nordeste, como forma de demonstração do que aconteceria com os que não cumprissem com a ordem imposta.

Conforme contam e todos já conhecem, depois do fim de Lampião, chefes de outros bandos se entregaram. O último grupo famoso foi o de Cristino Gomes da Silva Cleto, conhecido como Corisco, que chegou ao fim no dia 25 de maio de 1940 com a morte de seu líder.

A versão que acabamos de ver é a oficial, contada em inúmeros livros, filmes, séries de televisão, jornais e outros meios de comunicação.

Todavia, o fotógrafo, técnico em contabilidade e escritor, José Geraldo Aguiar, revolucionou os meios literários quando do lançamento de seu livro, no qual apresenta uma nova versão sobre a história do cangaço brasileiro, no que diz respeito a Lampião, o Rei do Cangaço. No livro *Lampião o Invencível – Duas Vidas, Duas Mortes*, o outro lado da moeda (Thesarus, 2009), ele afirma que, depois de 17 (dezesete) anos pesquisando a vida de Lampião – que ele diz ter conhecido no interior de Minas Gerais, tem plena convicção de que o Rei do Cangaço, não morreu na

data indicada por inúmeros autores, e divulgado por toda a imprensa nacional.

Conforme afirma o Autor o seu livro, tem como objetivo “provar” que Virgulino Ferreira da Silva não foi morto pela Polícia na localidade de Angicos, município de Poço Redondo (SE), na madrugada de 28 de julho de 1938, ao lado de 11 companheiros, incluindo a lendária Maria Bonita.

O livro de José Geraldo Aguiar causou uma reviravolta na biografia de Lampião, que foi transformado num dos mais conhecidos cangaceiros brasileiros, e, como já dito, foi cantado em prosa e verso, com inúmeras biografias e cinebiografias. Veja o que afirma o autor em entrevista reproduzida no Blog Pernambucolismo e intitulada As Duas Mortes de Lampião:

“Perguntado em entrevistas sobre a real história do dia 28 de Julho de 1938 e o porquê do cangaceiro ter escolhido mentir e viver na clandestinidade, José Geraldo Aguiar conta que tudo foi um acordo entre Lampião e as autoridades, pois o mesmo estava com 40 anos e há tempos pensava em abandonar aquela vida e se tornar fazendeiro em Minas Gerais. Lampião teria negociado com o então governador de Sergipe, de quem era amigo, tido apoio de amigos, entre eles Padre Cícero, e abandonado o Estado na calada da noite; outros cangaceiros permaneceram no local onde aconteceu a emboscada. Lampião fugiu, passou pela Bahia, Piauí, até que, em 1950, ele e Maria Bonita acabaram se estabelecendo em Minas. ‘Lampião viveu na clandestinidade e chegou a ter 13 identidades falsas’, afirma

o pesquisador. Ele reforça ainda o fato de que após a decapitação desses cadáveres, só quatro dias depois essas cabeças em estado de decomposição chegaram à presença do público, dentro de uma lata com sal grosso e vinagre, transportadas pela Polícia Militar”.

Assim a história do cangaço no Brasil é sem sombra de dúvidas complexa e apaixonante e conforme Avay Miranda, em artigo publicado no sítio eletrônico Livros e Bicicletas (2009) “a morte do mais famoso cangaceiro brasileiro tem causado muitos debates, informações desencontradas, ao longo da história”.

Portanto, não pretendemos fazer juízo de valor, acerca dessas controvérsias que inundam os jornais, revistas, sítios eletrônicos especializados na matéria, por não sermos peritos em um assunto cercado de tantas nuances, e que na certa renderá, ainda, muitas descobertas.

Pretendemos sim, apresentar breves divagações, que me levam a crer que nos roteiros do cangaço, o Sítio Muralhas, era passagem obrigatória, conforme veremos nos próximos capítulos. E para começar, gostaria de contar uma história que por muitas vezes minha avó me contou, quando eu, inocentemente, adotava os critérios de investigações policiais, o qual consiste em fazer as pessoas contar uma mesma história, várias vezes a fim de esclarecer se elas estão inventando algo. Desta forma, não tenho nenhuma dúvida de que isso aconteceu de fato. Até porque, minha avó era muito religiosa e temente a Deus e abominava a mentira.

Relatou-me por diversas vezes minha avó, Maria Conceição de Macedo, ou simplesmente madrinha Conceição, de saudosa memória, que o cangaceiro Antônio Silvino esteve em sua casa. Contava ela:

– Estávamos nós um dia em nossa casa no sítio, quando de repente surgiu na porta um bando de cangaceiros, todos os homens da casa estavam fora; uns, trabalhando no roçado, outros, viajando. Só estavam em casa as mulheres. O chefe do bando apresentou-se dizendo ser Antônio Silvino e que não nos preocupássemos que ele não iria nos fazer mal algum. Perguntou pelo dono da casa e mamãe muito nervosa disse que ele estava campeando o gado. E ele então afirmou que iria esperar pela sua volta. Perguntou se poderia adentrar e, com o consentimento de mamãe, entrou e sentou-se numa espreguiçadeira que havia logo ali na sala, em seguida pediu que minha mãe preparasse-lhe um ponche, pois estava com muita sede e calor. Daí, mamãe ordenou que fôssemos ao pomar colher algumas laranjas para o suco e, como estava muito nervosa, fez o dito refresco e esqueceu-se de colocar o açúcar. E, para nossa surpresa este fato só foi revelado ao meu pai quando este chegou em casa. Quando papai chegou, foi surpreendido logo no alpendre com a presença daqueles estranhos homens, mas mesmo assim, não teve medo. Aproximou-se e adentrou na sala. Quando Antônio Silvino lhe avistou disse:

– Bom dia, coronel, estamos aqui só de passagem. Não vamos fazer nenhuma desordem, só queremos descansar um pouco e nos alimentar, a sua patroa já nos serviu um ponche e parece que ela está com tanto medo que se esqueceu de adoçar, mas não tem problema, diga a ela que estamos em paz e não tenha medo. Papai então os convidou para almoçar e logo após o almoço eles foram embora.

Outra história por ela também contada e confirmada dia desses por seu filho, o tio Alceu Farias, era a seguinte:

– Certa vez, o cangaceiro Antônio Silvino, juntamente com o seu bando, tiveram na casa de meu avô Minervino Farias, no Sítio Muralhas, e lá foram muito bem recebidos, apesar do rebuliço que causou, pois Mãe Dadá, esposa de meu avô estava grávida e,

ao perceber a presença dos cangaceiros, teve um medo tão danado, que teve um aborto. Conta ele que não dormiram na casa grande, pois preferiam se recolher ao mato e evitar emboscada da polícia. No final da tarde, começo da noite, jantaram, e, ao saírem da Casa Grande, pediram ao velho Minervino, que mandasse na manhã seguinte que os criados da casa levassem o café, ressaltou, todavia, que os mesmos fossem assoviando, para não serem confundidos e não serem recebidos à bala. Solicitou também que meu avô Minervino, mandasse um mensageiro até a cidade com a solicitação, aos mais abastados, de uma contribuição em dinheiro. O que foi prontamente atendido pelos endinheirados de então. Porém um deles não dispunha, na ocasião, do valor estipulado pelo cangaceiro e mandou, além de uma pequena quantia, um bilhete no qual se justificava, por não poder mandar mais. Ao ler tal bilhete Antônio Silvino, teria dito o seguinte:

– Não quero nada a força de ninguém. Volte e diga a ele que se tiver precisando mando devolver.

Conforme ainda relatado por minha avó Conceição e por tio Alceu, após receber as doações e almoçar na Casa Grande, pegou suas tralhas e partiu, acontece que ao sair em busca do sítio Campo Comprido, sucedeu-se um fato pitoresco e uma brincadeira do chefe dos cangaceiros para com os meus tios e assim relatam:

– Na hora da saída estavam os rapazes da casa todos a prostrar no alpendre quando Antônio Silvino lhes fez a seguinte pergunta:

– Qual de vocês é o mais bonito?

– E tio João Vino, inocentemente saltou de lá e disse:

– Sou eu capitão!

– E esse em cima da bucha falou:

– *Então pegue esse bisaco de bala e vá levar lá no Campo Comprido.*

Campo Comprido é um sítio perto de Muralhas.

Já meu tio Déu, era um homem simples, mas de uma inteligência rara, que na vida foi polivalente, pois era um multi-profissional, e durante sua jornada, desempenhou as profissões de agricultor, cantador, marceneiro, pedreiro, pintor, pecuarista, e sapateiro, de onde tirou os recursos para criar e educar seus filhos. Certa feita me contou que havia ingressado no ramo de sapataria, quando no final da década de quarenta, abriu um negócio e, para tanto, investiu alguns contos de réis. Na sua sapataria, minha irmã Marleide era a principal modelo – após serem experimentados por ela, os sapatos e sandálias, por ele fabricados, passavam a ser produzidos em grande escala.

Antes, porém da sapataria de tio Déu, Zé Nicolau, (irmão gêmeo de João Nicolau) tinha uma pequena fábrica de sapatos. Fundada em 1928, era ela que supria o comércio de calçados de Cuité e região, naquela época. Conta-se que nesta velha sapataria de Zé Nicolau aconteceu um “causo” extraordinário dado à situação hilária. Eis a estória:

– *Certa feita, estava o proprietário Zé Nicolau, já se preparando para fechar a loja, quando, de repente, chegou um homem, mal-encarado e passou a exigir do pobre sapateiro um sapato de tamanho 44(quarenta e quatro). Naquela época, um sapato deste tamanho tinha que ser encomendado com muita antecedência e claro que não tinha nenhum na loja. O cabra, enfezado e com os diabos no couro, deu de garra de uma peixeira e passou a ameaçar todos que estavam na sapataria. Dizia se não aparecesse um sapato que desse em seus pés ia matar todo mundo. Neste ínterim, eis que surge na esquina da rua nada mais nada menos que Antônio Silvino e seus cangaceiros. Ao que o pobre de Zé Nicolau, disse: – Agora deu foi a mulesta! Ao se aproximar da*

sapataria Antônio Silvino, foi logo perguntando ao proprietário, de quem era freguês há muito tempo, o que estava acontecendo ali. Zé Nicolau com a voz trêmula, contou ao chefe do cangaço o que estava se passando e este por sua vez ordenou-lhe que lhe trouxessem o par de sapatos maior que tivesse na loja. Ao que foi prontamente atendido, e lhe trouxeram um de número 38. Antônio Silvino jogou este par de sapatos aos pés do desconhecido e mandou que ele calçasse imediatamente, o valentão vendo que estava num beco sem saída, calçou a duras penas o sapatinho. Ao terminar foi indagado por Antônio Silvino se havia ficado bom e o cabra gaguejando disse: – Ficou meio apertado Capitão! E o chefe do cangaço em cima da bucha disse: – Não tem problema, a gente corta os dedinhos não é? E o valentão já todo mijado assim falou: – Reparando bem Capitão, o bicho tá até folgado!

Numa destas visitas feitas a Cuité por Antônio Silvino, um membro de seu grupo se afeiçãoou por uma moça e desertou do bando, se amancebou com ela e passou a morar na cidade. Da sua vida no cangaço, herdou um belo fuzil. Por ser ex-cangaceiro, julgava-se o mais valente da região, sua valentia escorava-se justamente na arma que possuía, que era a única do lugar. Ele alardeava de esquina em esquina que fazia isso, fazia aquilo, que não tinha medo de nada. Vivia arrotando valentia.

Em 1937, meu tio João Fonsêca, foi nomeado interventor de Cuité e passou a administrar a cidade, com muita dedicação e afinco. E como a política é cheia de nove horas, seus adversários faziam de tudo para testar sua capacidade administrativa. Assim, Pedro Viana, que foi também prefeito naquela mesma época, fez queixa de que havia uma onça comendo tudo quanto era bezerro da região, e pediu providências enérgicas por parte do chefe do Poder Municipal. Veja o que é ser prefeito de um lugar pequeno, ademais naquela época.

Tio João Fonsêca num ato de desespero resolveu criar uma espécie de brigada para capturar a onça viva ou morta. E como

não poderia deixar de ser, lembrou-se de Zé de Isidoro, o valente ex-cangaceiro de Antônio Silvino.

Mandou chamá-lo à Prefeitura, com o propósito de nomeá-lo para o cargo de Chefe da Guarda Municipal, cujo primeiro encargo seria dar cabo das desordens da onça. Veja o que aconteceu no diálogo entre o prefeito e o seu pretense servidor:

– Seu Zé de Isidoro, mandei chamar você aqui porque estou precisando de sua ajuda, para resolver uma pendenga política com uma onça que está querendo desmoralizar minha administração, dando pano para manga aos meus adversários, que já estão até me chamando de frouxo. O fato é que a miserável cismou de fazer estragos nos rebanhos de criação e já dizem que a onça é minha correligionária, pois, só tem comido os bezerras dos meus concorrentes. E desta forma eu preciso de um homem valente para matá-la.

Ao fechar a boca Zé de Isidoro foi logo respondendo:

– Pois não, seu prefeito. A onça vai morrer e não vai demorar!

– Graças a Deus, que você é um homem valente, porque ela já matou e comeu dois caçadores, que foram matá-la de espingarda. Mas, como você tem seu fuzil é mais fácil e ainda, fica mais barato para o município! Disse tio João Fonsêca.

Ao ouvir o relato da morte dos caçadores, Zé de Isidoro, passou a tremer e a olhar para um lado e para outro e disparou:

– Agora, só tem um problema seu prefeito!... Como o senhor mesmo me disse eu vou ser nomeado guarda municipal. E pelo o que eu tô sabendo, a onça tem feito estrago em Cuité, em Araruna, em Picuí e até em outros municípios. E deste jeito ela é uma onça estadual e só quem pode matar ela é um soldado da Polícia Militar da Paraíba!

E assim, a onça continuou por um bom tempo, fazendo estragos nas criações.



GARRUCHA CALIBRE 22 LR - MARCA CASTELO, FABRICADA EM 1940 - PERTENCENTE A JOÃO NICOLAU.



PARABELLUM ALEMÃO - MODELO 1936, CALIBRE 9MM. PERTENCENTE A MIGUELÃO.

4

A CHEGADA DE EXÓTICAS PERSONAGENS A MURALHAS



Corria o ano de trinta e oito, precisamente 02 de novembro de 1938, dia reservado para se referenciar os mortos. Meus tios como de costume, tinham acabado de acordar. Eles iriam à cidade, realizar

suas visitas ao cemitério, onde jaz todos os seus antepassados.

Tia Iaiá foi a primeira a levantar, e ao abrir a porta deu de cara com quatro figuras completamente estranhas ao seu convívio. A princípio, julgou que seriam ciganos, depois perguntou a si mesma em pensamento – *Meu Deus será os cangaceiros que fugiram das volantes da polícia de Sergipe?* Na época, todos viviam apreensivos com as notícias que davam conta das perseguições aos cangaceiros de Lampião, que conseguiram escapar do cerco a Angicos no Estado de Sergipe, entre eles o famigerado bandoleiro sergipano Luís José da Silva ou Luís de Maurício, de alcunha Azulão. Em Muralhas, ainda não havia sido noticiado que o famoso cangaceiro tinha se entregado a polícia de Jeremoabo, no final de outubro daquele ano.

Tia Iaiá ainda com muito medo, de pernas trêmulas conseguiu balbuciar o seguinte: – *Bom dia, quem são vocês e o que fazem em Muralhas?* Perguntou num arroubo de valentia.

Os forasteiros eram quatro, três homens e uma mulher. Portavam roupas comuns, e não o que os cangaceiros costumavam usar. Talvez tenha sido isso que encorajou tia laiá. Neste momento, antes que eles respondessem as perguntas, ouve-se uma voz lá de dentro que pronunciou a seguinte frase:

– *Quem tá aí laiá?*

Era meu tio Dosanjós Farias. Tia laiá, por sua vez respondeu:

– Não sei não! Na verdade não sabia mesmo.

– *Como não sabe? Por acaso você ficou doida, tá falando só!*

Retrucou, o tio Dosanjós. Foi falando e seguindo em direção à porta. Quando chegou até o alpendre, percebeu a presença das exóticas figuras.

Meu tio, um homem destemido e corajoso, aproximou-se dos desconhecidos estendeu-lhes a mão cumprimentou a todos, desejou-lhes boas vindas e convidou-os a entrar, pois o café já estava servido.

A mesa da sala de refeição era enorme, toda feita em madeira de lei, media uns três metros, continha embaixo do tampo duas enormes gavetas que servia para guardar os talheres e outros utensílios de cozinha, circundada por dois potentes bancos de madeiras nas laterais e nas cabeceiras dois possantes tamboretos. Sem nenhum aperto, dava para acomodar dezoito pessoas, oito em cada lado e dois nas cabeceiras. A comida já estava posta: uma enorme tigela de coalhada, dois grandes cuscuz de milho, uma grande travessa contendo queijo de manteiga bem fresco, uma bonita e possante manteigueira de porcelana cheia de manteiga da terra feita no dia anterior, bolachas, biscoitos diversos, tapioca, batata doce, macaxeira, inhame, leite e um enorme bule de ágata com café, bem fresco, adoçado com rapadura, que ainda exalava o cheiro por toda casa.

Sentaram-se todos e passaram a se deliciar com as guloseimas. Na cabeceira da mesa, sentou-se como de praxe o tio Dosantos, na outra, o possível representante do grupo de visitantes. Ao lado da sala de refeições, uma mesa bem forrada com impecável e alvejada toalha de renda, em cima um rádio que ecoava, no horário matutino, o Programa do Radialista Antônio Maria, da Rádio Clube de Pernambuco, que, naquela hora, anunciara a música samba canção de Ari Barroso interpretada por Francisco Alves – O Rei da Voz, gravada em março daquele ano, cujo título era: “A Única Lembrança”, em seguida foi anunciada pelo radialista Antônio Maria, também na voz do magistral interprete a canção “Serra da Boa Esperança” de 1937, o som um pouco inaudível, mas fazia grande sucesso e a alegria dos moradores.

Esta novidade que era o rádio nas Muralhas, já não era nenhuma coisa nova no restante do Brasil, pois por obra e graça do antropólogo Edgard Roquete Pinto, um dos grandes incentivadores do rádio no Brasil, a inovação já havia chegado ao país, esta maravilha, que veio revolucionar o mundo das comunicações. Cronologicamente, há registros que comprovam que a primeira emissora de rádio brasileira surgiu com a fundação da Rádio Clube de Pernambuco, em Recife; no dia 6 de abril de 1919. A Philips lançou o modelo 2516, uma pequena caixa de metal que, por seu formato, ganhara o apelido popular de Chapeuzinho Vermelho. Em função da boa qualidade de seus produtos, alcançou vendas de um milhão de aparelhos em 1932, e 100 milhões de válvulas em 1933. Porém o grande avanço da era do rádio se deu após a 2ª grande guerra mundial, quando americanos e japoneses travaram uma luta frenética para ver quem partiria na frente, e, nessa guerra, os americanos venceram mais uma vez, pois, em 1954 era lançado em New York o primeiro rádio transistorizado do mundo, que revolucionou e mudou definitivamente a história das comunicações.

A CHEGADA DO RÁDIO EM CUITÉ

Julgo oportuno pedir licença aos leitores para fazer um breve apêndice, para contar a chegada do primeiro rádio na cidade de Cuité. Esta história me foi revelada, pela minha avó paterna, Adelaide Amélia da Fonsêca Campos, madrinha Niná, casada com Filadelfo Venâncio da Fonsêca, mais conhecido por Dedé Fonsêca. Contou-me, repetidas vezes, minha avó:

O ano era 1935, e a sociedade cuiteense estava em polvorosa, com o anúncio da chegada da novidade. Pois o senhor Jeremias Venâncio, chefe político à época, iria apresentar a novidade aos seus conterrâneos. O episódio histórico ocorreu no chamado mercado das Três Portas. Minha avó, como toda a sociedade, foi ao evento com roupa de gala, tão grande era a sua importância. Para o acontecimento, acompanhado de seu esposo levou também a pequena Alaíde, sua filhinha, que na ocasião contava com apenas 07 aninhos.

A solenidade ocorreu em clima de grande festa e entusiasmo, pois tal feito era para uns uma coisa do outro mundo. O rádio, objeto da curiosidade e da aspiração dos presentes, foi posto em cima de uma barrica, com hora marcada para ser ligado, o que foi feito em tom solene por Seu Jeremias. Terminada a festança, todos regressaram as suas casas. Ao chegarem em casa ocorreu o seguinte diálogo entre minha avó Niná e a sua menina Alaíde. Observe a conversação da surpreendida senhora com a inocência da bela criança:

– *E você Alaíde o que achou da novidade?* Perguntou madrinha Niná.

A resposta da menina veio num tom de sinceridade e ao mesmo tempo de incredulidade com a impossibilidade do feito e despertou risos de todos os presentes, veja:

– Eu não vi nada de engraçado, o velho Jeremias Venâncio, dentro de uma barrica conversando besteira!

Acreditava, em sua inocência, que ali ocorrera mais uma brincadeira de infância. E assim, foi um acontecimento familiar, que marcou a chegada do tão festejado rádio a nossa cidade.

Mas, voltemos ao sítio Muralhas, onde o café já terminara com a surpresa de todos os presentes com o apetite de um dos visitantes, o qual havia devorado nada mais nada menos, que três pratos de coalhada, tendo inclusive, pedido farinha de mandioca para misturar a iguaria, dois pratos de cuscuz com leite, dez tapiocas, uns sem números de rodas de inhame com queijo e depois cinco xícaras de café com biscoitos. Logo se viu que se tratava de um homem de grande bulimia. Terminado o café, passaram todos ao alpendre e ali o líder dos forasteiros passou a se apresentar, bem como, fazer a apresentação dos demais companheiros.

E assim começou:

– Coronel Dosanjós, meu nome é Miguel Miquelino Ferreira da Silva, mais sou conhecido por Miguelão, nasci na da cidade de Jeremoabo na Bahia e ando aqui a busca de emprego, tanto eu como meus companheiros. Essa mulher chama-se Maria Piedade da Natividade, é minha esposa Santinha. Esse rapagão que come que nem um jumento, é Zé de Arataca, é chamado assim por ser da cidade de Arataca, também no Estado da Bahia. Para terminar, esse baixinho é o famoso Luquinha, lá das bandas da Floresta no Riacho do Navio, e nós estamos aqui à procura de serviço, seja qual for!

Meu tio então falou que estava precisando de trabalhadores para a lida com o gado e também na agricultura, disse que não podia pagar muito, mas que se eles quisessem trabalhar “boiado”, podiam se alojar na casinha ao lado que estava desocupada, pois seu último morador havia se mudado para o sítio

Mata, para trabalhar na roça de mandioca do filho do tenente Vicente Fonseca (grande produtor de farinha da região naqueles tempos idos). O dito produtor de farinha vinha a ser o pai de meu pai – Dedé Fonsêca.

Tudo acertado, alojaram os novos empregados e foram à cidade, para fazer a visita de covas dos seus entes queridos, pois, como já dito, era dia de finados, e iam visitar os túmulos, principalmente de seu genitor Minervino Cleodon de Farias, falecido em 1935, sua mãe Francisca Salustina da Rocha – Mãe Dadá, e seus irmãos Neco, morto aos 18 anos de idade, após ser picado por uma cobra venenosa e Ciciliano, morto em 1934, de febre tifóide. Fecharam a Casa Grande e partiram sob constante protesto de tia Iaiá, que achava muito arriscado deixar a propriedade entregue àqueles desconhecidos. Já sua irmã tia Marica não se cansava de dizer: – *Calma, minha irmã. Dos anjos sabe o que tá fazendo!*

No entanto, e graças a Deus, foram à cidade e quando regressaram no final da tarde, encontraram tudo na mais absoluta ordem. Olhando do ponto de vista dos dias atuais, foi grande a coragem de meus tios, pois só, com o passar de muitos anos foi que se pôde conhecer melhor e com mais detalhes quem realmente eram aquelas ignoradas personalidades, as quais passamos, na medida do possível, a defini-las:

Miguel Miquelino Ferreira da Silva: Contava na época, com mais ou menos 40 anos, era de cor moreno-claro, aproximadamente 1,80 metro de altura, torso másculo, cabelos pretos, lisos, feições duras, mas harmônicas, sem nenhum estigma físico. Usava sempre um enorme chapéu de abas largas. Excelente dentadura. Portava um pequeno defeito no olho direito, que la-crimeja constantemente, protegido por óculos de aros de ouro. Membros inferiores aguçados, em relação ao tronco, voz de tom muito alto e forte o que levava a julgar que se irritava facilmen-

te. Miguelão, conversador, de gênio forte, não se apartava um só momento, de seu parabellum nove milímetros, de origem alemã, novo em folha, fabricado em 1936, o qual dizia ter recebido numa conta de um fazendeiro coiteiro de Lampião. Portava também, uma faca “santa luzia” de lâmina muito afiada, medindo cerca de quarenta centímetros e ponta bem fina. Gostava de uma gabolice mais sempre se cercando de muita cautela para não se deixar cair em contradições. Era comum dizer: – *Táí Santinha que não me deixa mentir!* Gabava-se de saber ler e escrever com maestria e julgava-se quase um doutor das letras e das ciências.

À custa de muitas conversas e depois de idas e vindas, ao longo dos anos, foi que se teve a confirmação oficial das origens de Miguelão ele era realmente nascido em Jeremoabo no Estado da Bahia em data de 04 de junho de 1898, confirmação esta que ocorreu com a exibição do seu registro de nascimento (não se sabe se falso ou verdadeiro).

Maria Piedade da Natividade: tratada carinhosamente por “Santinha” por seu marido Miguelão passou a ser conhecida por todos com essa alcunha. Nascida na cidade de Floresta, no Riacho do Navio, esta sertaneja amoleceu o coração de pedra de Miguelão de quem nutria muito ciúme. Morena clara, 1,60m, um pouco gorda, o que levava meus tios a dizer “era meio torada no grosso”. Cabelos longos e sempre muito bem penteados, nascida em 25 de março de 1905, portanto tinha, na época em que aportou em Muralhas, 33 anos completos, voz média o que indicava calma na mente e no coração. Não era muito afeita às prendas domésticas, gostava de andar a cavalo campeando gado, e de trabalhar na roça, dizia que deveria ter nascido homem, pois não gostava de cozinhar nem lavar, “– *faço tudo isso por obrigação, mas gostar, gosto não!*” Falava sempre. Como toda mulher, era vaidosa, gostava de se arrumar e tomar banho de água de cheiro, quando ia sair para a cidade em dias de feira, vestia-se como

uma rainha e partia com seu Miguelão, toda faceira, numa alegria que dava gosto. Louca, do tipo desvairada, era a paixão que Santinha mantinha pelo marido. Para ela o último e único homem do mundo. Tratava-o sempre com muito carinho, o que fora logo percebido na primeira noite de estada no sítio Muralhas, quando, depois do jantar, armara uma rede para o seu xodó, que, ao deitar-se, passou a receber de sua amada esposa, um gostoso cafuné e assim, eram todas as noites no alpendre da Casa Grande. Sempre era chamada a socorrer o marido quando contavam suas bazófias, a quem continuamente perguntava “*não foi Santinha?*” Quando acabava de contar uma das suas bravatas.

José Apolinário da Conceição: Conforme Miguelão já o apresentara, tinha o apelido de Zé de Arataca, uma referência a sua cidade natal, município baiano localizado na Serra das Lontras. Negro, alto, cerca de 1,90m, corpo atlético, músculos avantajados, metia medo pela feição rude, portava uma grande cicatriz na face esquerda, a qual dizia ser proveniente de um corte num garrancho de jurema preta, quando corria atrás de um boi fujão. Zé de Arataca dominava a lida de gado como ninguém. Muito respeitador, tratava as mulheres por “*madama*” e os homens “*por meu patrão,*” qualquer que fosse a idade destes. Nunca foi visto, sem roupas, até mesmo quando ia tomar banho; nos açudes ou riachos, pulava na água com toda a roupa do corpo. Enquanto todos ficavam nus da cintura pra cima, Zé de Arataca, não tirava nem mesmo a camisa, quanto perguntado o porquê respondia com a mesma frase: – é que eu sou muito friento! – queria dizer ser muito sensível ao frio. Outra grande interrogação que cercava a vida daquele que veio a se tornar o maior vaqueiro da região, que dominava um boi em fração de segundos, era o seu medo imenso de trovão, quando vinham aquelas trovoadas mais fortes, que costumam ocorrer no começo do inverno. Pois bem, ao primeiro desses trovões, o homenzarrão de um metro e

noventa, amansador de touro bravo, corria para debaixo da cama de tio Dosanhos, que morria de rir com esta cena. Nascido em 21 de dezembro de 1918, ia, portanto, completar 20 anos de idade quando chegou ao sítio Muralhas.

Cícero Romão Lucas de Sousa: Apresentado apenas como sendo “o famoso Luquinha,” era um homem de baixa estatura, usava óculos de grau acentuado, media aproximadamente 1,60m, pele clara, cabelo louro escuro, dentes encardidos, talvez pelo vício de mascar fumo de rolo, também muito conversador, de riso fácil e escandaloso, costumava também contar umas loretas e ai de quem lhe contradissesse. Puxava de uma perna, precisamente a perna direita, sempre dizia que teria sofrido uma queda de cavalo numa corrida de argolinha na cidade de Tamandaré, em Pernambuco, sua terra natal, onde nasceu em 28 de junho de 1897, e de onde fugiu depois de uma briga com um cortador de cana-de-açúcar, no engenho Oriente – zona rural de Tamandaré, no ano de 1920, vindo se refugiar em Floresta no Riacho do Navio, também naquele estado. Lá, segundo contava, trabalhou na lida do gado e na agricultura. Dizia ter sido exímio dançador, não perdia um forró na redondeza, mas tinha, na verdade, “perdido o jeito”, depois que sofreu a queda do cavalo. Na verdade, não dançava nada e nos bailes, conforme dizia tio Diassis, sempre fora rejeitado pelas damas, que não queriam ter que “dançar arrastando um perna dura”. Andava sempre com seu amuleto no bolso da roupa, que chamava de “breve”, dizia que aquele era seu talismã da sorte e que já havia saído de muitas enrascadas graças a ele.

E assim eram as quatro personagens emblemáticas que, pouco a pouco, foram se incorporando à rotina do sítio Muralhas, cada um com suas manhas, seus segredos, seus problemas, suas virtudes e porque não dizer, com seus malefícios, afinal ninguém é perfeito.

As quatro misteriosas figuras não se deixavam fotografar. Diziam que a fotografia era obra do capeta, que roubava as almas das pessoas, todos achavam que, assim que tirassem uma foto, a sua alma era sugada por aquela enorme caixa preta e logo depois era refletida em um bloco de papel. Por este fato, é que só agora, através das minuciosas descrições de meus tios, foi possível que o artista plástico André Santos, funcionário do Museu do Homem do Curimataú, fizesse o retrato falado destas excêntricas personagens.

À medida que o tempo passava e a cada dia, novas revelações surgiam nos currículos, daquelas figuras, às vezes sinistras, às vezes pródigas, mas sempre misteriosas que deixavam transparecer que escondiam algo de muito aterrorizante nos seus passados não muito distantes e que teimavam esconder. Mas, as fatalidades da vida vez por outra lhes pregavam uma peça e novos fatos e acontecimentos vinham à tona e pouco a pouco as coisas iam ficando mais claras.

Tia laiá, muito inteligente, não quis casar, pois dizia que tinha medo da paixão lhe tornar uma mulher burra – sabia que a paixão às vezes cega. Não havia ainda digerido as conversas dos estranhos e novos moradores do sítio Muralhas, mas não discutia com seu irmão Dosanhos, expondo suas desconfianças, por respeitá-lo como o chefe da família. Porém, não achava lógico aquelas pessoas terem saído de tão longe para vir aportar ali. E sempre dizia a frase: – *Nesse angu, tem carço!* Porém por respeitar muito o seu irmão não ousava contrariá-lo, uma vez que ele sempre arrematava a conversa dizendo: – *O que nós precisamos saber deles já sabemos, é que são uns danados muito trabalhadores e isso basta.*

E assim seguia tia laiá, sozinha pregando no deserto. Mas, certo dia, numa roda de conversa na qual seu irmão estava ausente, criou coragem e perguntou:

– Ô! Seu Miguelão, como foi que danado vocês vieram parar nesse fim de mundo tão longe de sua terra natal?

Ao que Miguelão, respondeu, com uma rapidez feroz, como se não quisesse deixar dúvidas:

– Ô Senhorita laiá. A Paraíba não era terra estranha para mim. No ano de 30, eu já tinha morado por aqui, pra onde vim sentar praça na polícia, quando o presidente João Pessoa tava recrutando gente para combater na revolta de Princesa Isabel, do coronel Zé Pereira. Depois de um desentendimento, eu tive que sair da polícia e passei pro lado do coronel Zé Pereira. Quando tudo terminou, eu tive que voltar e fui parar em Floresta, no Riacho do Navio, foi quando eu conheci minha Santinha e fui logo casando com ela. Lá eu também fiz amizade com Zé de Arataca e Luquinha, e ficamos bons amigos. Lá houve uns desentendimentos, num dia que nós estávamos fazendo uma brincadeira de vaquejada e uns cabras safados vieram para cima da gente. Aí nós tivemos que se defender. Aí foi quando eu tive a ideia de vim morar em Princesa Isabel, só que quando nós chegamos lá a boca ainda tava quente pro lado do coronel Zé Pereira. Daí ele nos deu um bilhete e mandou a gente se apresentar em Patos, ao prefeito Clóvis Sátiro, que tava pegando trabalhador para trabalhar nas obras da prefeitura, só que quando nós chegamos lá, num tinha mais vaga. Aí ele mandou nós para fazenda Passagem da Madre, do coronel Deca Simplício, e lá nós passamos uns seis meses, foi quando Santinha começou me “aperrear” para vir pra banda daqui, pois queria por que queria ver se achava sua irmã Zefa Natividade, que fugiu com o marido dela para morar numa fazenda por nome de Irapuru do coronel José Pedro Bezerra, num lugar de nome Tangará, no Rio Grande do Norte. Hoje quem toma conta dessa fazenda é o filho do velho, um tal de Major Theodorico Bezerra. Pois bem, aí nós viemos parar aqui. A fazenda de Seu

Deca Simplício, era muito bom, mais eu fiquei com medo de ter que fazer uma besteira com um sujeito que tem lá por nome de Minringaba e eles contam umas estórias dele, que vou dizer uma coisa, se ele fizesse com eu o que eles disseram que ele faz com os homens, eu matava e cortava aquele fio de uma égua em cem pedaços. Agora nossos planos era ir para Tangará, mas quando nós chegamos em Picuí, pedimos rancho ao prefeito Antônio Xavier de Macedo que disse que coronel Dosanjós tava precisando de trabalhador, daí nós viemos acuar aqui. E estamos muito satisfeito, com vocês.

– *E quem é esse tal de Minringaba e o que é que ele faz de tão terrível?* Perguntou tia laiá.

– *Ô Senhorita laiá, é melhor eu não falar nesse assunto, é muita maledicência!* Disse Miguelão, colocando um ponto final no assunto, do qual ele nunca mais voltou a falar.

A estória contada por Miguelão sobre os olhares atentos de seus companheiros, apesar de muito concatenada, acentuou ainda mais dúvidas na incrédula tia laiá, mas o tempo foi passando e ela sempre em alerta com suas suposições. Conjecturando sempre que podia, a fim de montar sua versão dos fatos.

Uma das coisas que mais chamava a atenção da “Sherlock Holmes de Muralhas” era a clausura a que se submeteram os quatro exilados, não saiam do sítio por nenhum motivo e quando viam se aproximar algum desconhecido se recolhiam imediatamente. Só depois de longos quatro anos é que começaram ir à cidade, assim mesmo, muito receosos.

O autoexílio, das exóticas personagens, proporcionou situações tensas e hilárias na velha Muralhas, veja algumas delas:

João Nicolau um morador da vizinhança que tinha a mania de dizer que já servira ao exército brasileiro de onde herdara uma farda, e vez por outra, vestia-se desse paramento e chegava lá em

Muralhas com toda pompa e orgulho de oficial graduado, e passava a desfiar seu rosário de histórias mentirosas que despertava o riso de todos. Nesses dias, era fatal: ninguém tinha o direito de falar, e o “sargento João Nicolau” tornava-se o dono da situação.

Certa ocasião, quando o “velho ex-soldado” se aproximava da Casa Grande, foi um alvoroço, os quatro expatriados correram para dentro do mato e só voltaram quando tio Diassis garantiu que não era a polícia. O ardiloso João Nicolau sabia ler e escrever e tinha decorado o conto de um Soldado Velho de Lima Barreto e contava como se tivera se passado com um colega que tinha servido com ele, veja a história contada naquela noite:

“– Soldado Velho” deu baixa do serviço do Exército, por não servir mais para o trabalho. O soldado que recebia em recompensa de muitos anos de serviço era um cruzado. Ora, o que fez ele? Comprou um pato e saiu a revendê-lo. Chegando perto de uma casa saiu-lhe uma criada a comprar o pato.

Ele disse que o custo era de dois cruzados; ela, a criada, vai falar à patroa, que manda vir o pato e, por sua vez, manda pagá-lo. O soldado, porém, não saiu mais do portão. Após certo espaço de tempo chega um frade para penetrar na casa e pergunta-lhe o que estava ali fazendo. “Soldado Velho” que bispou alguma coisa no caso disse que estava à espera do pagamento de um pato que vendera à família. O frade logo perguntou quanto era; ele disse o custo de dois cruzados. O religioso puxa do bolso da batina o dinheiro e paga. Dispõe-se depois a entrar

na casa; o soldado o acompanha; e ambos entram. Chegando na sala, o frade, que parecia peculiarmente muito íntimo da casa, puxou uma cadeira e sentou-se; o militar fez o mesmo.

A dona da casa vendo o frade entrar, acompanhado por aquele homem desconhecido, ficou interiormente furiosa, mas sem saber o que devia fazer, nem com coragem para perguntar ao frade que homem era aquele. O eclesiástico não lhe explicava o fato, dizendo uma coisa é outra sem relação com ele; e assim vão os três até à hora de jantar, ao qual não faltou o pato de cabidela. O frade tomou lugar na mesa; o “Soldado Velho” também.

A dona da casa continuava furiosa, mas aceitava silenciosamente a situação, fazendo das tripas coração. Já estava a terminar o jantar quando bateram à porta. Era o dono da casa. Estava tudo perdido. À vista disto, a mulher tranca o frade e o soldado em uma alcova. O marido não saiu mais e a mulher cada vez mais ficava amedrontada. Chega à noite.

O frade não tinha dado até ali uma palavra; e o “Soldado Velho” também; mas, quando foi aí pelas 10 horas, o praça reformado, vendo que todos já estavam dormindo, provocou uma conversação com o frade. Pediu-lhe este que não falasse ali, mas o outro continuou a falar.

O frade gratificou-o com um conto de réis para que ele nada mais dissesse. Recebeu o dinheiro o “Soldado Velho”, mas imediatamente continuou a dizer que no dia que comia pato não podia ficar calado.

Deu-lhe o frade mais outro conto de réis ficando sem vintém. “Soldado Velho”, porém, não cessou de falar.

O seu companheiro, para ver se ele se calava, deu-lhe a batina de sêda. “Soldado Velho” teimou em afirmar que no dia em que comia pato não podia estar calado.

O frade já lhe pedia pelo amor de Deus que não falasse mais, pois, se tal fizesse, eles ficariam desgraçados. O dono da casa certamente despertaria e era capaz de matá-los. “Soldado Velho” não queria saber de nada; o seu desejo era só falar. O frade, percebendo que não tinha mais o que dar, despiu-se de toda a roupa e entregou ao tagarela para que ele não falasse mais.

Já sendo meia-noite, na cadeia, a sentinela soltou o brado de alerta; o “Soldado Velho” ouviu e respondeu com outro formidável brado. O frade, com medo, meteu as mãos na porta e saiu nu. “Soldado Velho”, que ainda não estava vestido com a batina, acompanhou o frade. Este pulou uma janela mas o dono da casa pula atrás dele e dá-lhe um tiro. “Soldado Velho” pula em seguida ao dono e o prende. O homem, que era pessoa de grande reputação, não quis

logo sujeitar-se à prisão, mas “Soldado Velho” não queria saber de nada.

Estava o “grosso” preso e bem preso, pois ele, soldado, era o rondante e tinha que cumprir o serviço, tanto mais que o preso tinha dado um tiro num homem. Não podia de maneira alguma soltá-lo. O dono da casa, vendo a resolução do “Soldado Velho” e que tinha mesmo de ir à presença das autoridades, vexado, ele que era muito conhecido e respeitado por todos, propôs ao militar, se ele o soltasse, dar-lhe doze contos. “Soldado Velho” aceitou o trato, mas com a condição do dono da casa mandar a sua mulher contar e trazer ali onde estavam, a maquia. O homem chamou a mulher e mandou que ela contasse os contos de réis com toda a pressa e os trouxesse. Assim foi feito. “Soldado Velho”, que só vencia um pobre cruzado por mês, saiu da aventura com 14:000\$, quatorze cruzados, a batina de seda do frade e todos os seus panos menores. **Quem pagou o pato?**”(LIMA BARRETO, 1919).

Foi desta estória que surgiu o dito “quem pagou o pato”, que até hoje ouvimos aqui acolá.

Nestas alturas, Luquinha já estava seguro, de que João Nicolau não passava de um falastrão, e assim se sentiu encorajado para soltar uma das suas, pediu licença para também contar suas aventuras. João Nicolau, numa deferência especial aquiesceu que aquele forasteiro que acabara de conhecer, fizesse sua fala.

– *Pois não Seu Luquinha, conte sua história!* Arrematou João Nicolau.

Assim, o velho Luquinha deitou e rolou e põe-se a falar:

– *Eu tava um dia, cansado de ficar sossegado, larguei a casa, e ganhei o mundo. Logo no primeiro dia, encontrei um urubu com uma perna e uma asa quebrada, batendo no meio da estrada. Agarrei o urubu e meti dentro de um saco, segui caminho afora. Ao anoitecer, cheguei diante de uma casa grande e bonita, alpendrada. Pela janela vi uma mulher guardando vários pratos de comidas saborosas e garrafas de vinho. Bati e pedi abrigo, mas a mulher recusou, dizendo que o marido não tava em casa e ficava feio ter um homem de portas adentro. Então eu fui para debaixo de uma árvore e fiquei reparando na chegada de um rapaz ainda moço, recebido com agrados pela dona da casa que o levou imediatamente para jantar. Lam os dois começando a refeição quando o dono da casa apareceu montado num cavalo alazão. O rapaz pulou uma janela e fugiu. Aí, eu dei tempo para o dono da casa mudar o traje e tornei a bater e pedir dormida. O dono apareceu e me mandou entrar, lavar as mãos e ir jantar com ele.*

A comida que apareceu era outra, bem pobre e malfeita. E lá com o urubu dentro do saco, dei com o pé, fazendo ele roncar, comecei a falar, baixinho, como se tivesse discutindo com o urubu.

– *Com quem está falando?* Perguntou o dono da casa.

– *Com esse urubu!*

– *Com esse urubu?*

– *Sim senhor, ele fala e adivinha. Eu trenei esse urubu desde novinho a falar e a adivinhar.*

– *E o que ele está adivinhando a agora?*

– *Está me dizendo que naquele armário tem um peru assado, arroz de forno, bolo de milho e três garrafas de vinho.*

– *Não me diga... Procura aí, mulher!*

A mulher procurou e, fingindo-se assombrada pela surpresa, encontrou tudo quanto anunciara o urubu e trouxe os pratos e o vinho para a mesa. Comeram fartamente e o dono quis porque quis comprar o urubu. Pela manhã, eu depois de fazer o preço que quis e fingindo estar muito contrariado, vendi o urubu e fui embora, deixando o urubu que nunca mais adivinhou coisa alguma.

Pura lorota de Luquinha. Esta aventura realmente se deu com Pedro Malazarte, conforme, contou o escritor Luís Câmara Cascudo, em seu livro "Contos Tradicionais do Brasil". Porém o ardiloso conhecia a estória e se revestiu do personagem e assim conseguiu impressionar a todos com suas proezas. Naquela noite os dois mentirosos se revezaram, até varar a madrugada cada um que contasse uma estória mais mentirosa do que a outra. Foi Luquinha terminando a sua, para João Nicolau, emendar essa:

– *Quando eu servi ao exército, tinha um soldado chamado Noventa e Nove e todo mundo tinha curiosidade de saber o porquê desse nome. Um dia eu atazanei tanto, que ele resolveu me contar por que tinha aquele apelido:*

Disse ele, que a sua mulher era muito braba, e por qualquer coisinha dava nele. Um dia ele criou coragem e falou para mulher:

– *Você já me deu 99 pisas, e eu não vou deixar completar as cem. Daí peguei todos os meus pertences e arribei de casa. Cheguei numa fazenda no município de Condado na Paraíba de nome Mata Fome, e fui pedir um emprego e quando perguntaram como era meu nome eu disse que era Noventa e Nove. Então*

eles pensaram que eu tinha esse nome porque já tinha matado noventa e nove pessoas. Ficaram tudo assombrado com minha brabeza. Daí o dono da fazenda Seu Antônio Caetano, falou para mim que o único serviço que tinha era o de pegar uma onça que tava acabando com o rebanho dele. Eu não contei conversa. Peguei o serviço. No dia seguinte o patrão disse pegue esse rifle e essa caixa de balas para você matar a onça. Aí eu disse não, eu não preciso disso para pegar uma oncinha dessas, me dê só um bocado de tabaco e umas cordas, que eu vou trazer ela é viva. Disse isso, apanhei os apetrechos e parti para buscar a fera. Quando cheguei na beira do rio vi a danada da onça bebendo água. Aí eu subi num pé de juazeiro e fiquei esperando a fera, que quando ela terminou de beber água veio direto para debaixo da árvore, e eu lá de cima mesmo, joguei o tabaco no focinho dela que foi batendo e ela começou a espirrar e a peidar, aí eu pensei ela vai adormecer. Mas, João, de repente, a condenada deitou-se, aí eu achei que a fera tinha adormecido, desci do pé de juazeiro para amarrar a danada, que dormindo que nada, a condenada tava acordada e me deu um carreira tão da muleta e saiu eu na frente e ela atrás, tinha hora que ela tava atrás e eu na frente, e ela pega porque não pega, de vez em quando eu dava uma volta no corpo, e a onça escorregava, uma volta e a onça escorregava e eu fui ganhando distância, até que consegui chegar na sede da fazenda e o armazém tava aberto, aí passei direto e tranquei a porta de trás, dei o arroteio, pela frente e fechei a outra porta e prendi a fera.

– Quando ele me contou isso, eu falei: Vixe Maria! Noventa e Nove, se fosse eu tinha me cagado de medo. E o desgraçado em cima do rastro, disse:

– E tu acha que a onça vinha escorregando em que, João Nicolau?

Miguelão esperou por sua vez e saiu com esta:

– Vou contar esta do “cabra” mais mentiroso que eu já vi na minha vida, o nome do danado é João Macaco, mora também lá pras bandas de Condado. Certa vez foi dado queixa ao governador que a polícia de lá tava judiando, muito com os presos, era cada surra de largar o couro, só faltava matar. O governador sabendo disso determinou ao Secretário de Segurança, que instaurasse um inquérito policial para apurar o sucedido. Quando o delegado chegou à cidade convocou varias pessoas para depor e ninguém teve coragem, pois tinham medo de ficar marcado pelos “macacos”. Agora, o encapetado do mentiroso do João Macaco, resolveu ir prestar depoimento.

Na hora do depoimento, vendo que o danado tava mentindo o delegado perguntou de onde ele viu os soldados batendo nos presos e João Macaco disse: – Eu vi pelas brechas da porta! Depois o delegado perguntou com qual instrumento os soldados davam as pisas, perguntou isto pensando em encabular João Macaco, mais que coisa nenhuma, o miserável numa astúcia daquelas disse o seguinte: – Não deu pra ver não doutor que as lapadas eram muito ligeiras!

Foi terminando a estória e João Nicolau emendou outra. O engraçado era que, o velho Nicolau só contava as de soldados, tão grande era sua paixão pela farda. Veja mais essa:

– Quando eu servia no exército, tinha um companheiro meu que se chamava Jesus. Depois da Revolução de 30, nós fomos convocados para auxiliar a polícia de uma cidade, onde tava tendo muita bagunça. O boato se espalhou pela cidade que o exército tinha chegado para por ordem que ia fazer e acontecer. Mas os vagabundos da cidade ficavam gozando de nós, dizendo que a gente era um bando de frouxo, que não tinha medo da gente e muitas coisas. Numa noite de festa os “cabras” começaram uma cachorrada da mulesta e nós fomos chamados para acabar com

a confusão. Fui escalado, junto com o **soldado Jesus**, quando chegamos lá os cabras tavam tudo bebo e partiram pra riba de nós com água e lenha, mais nós não contamos conversa baixamos o cacete e assim levamos o mais brabo para cadeia. No caminho, o cabra quis fugir e o jeito foi dar umas chibatas. Nisso vem passando uma mulher e disse: – Vixe Maria, assim é melhor matar! E o condenado saiu-se com essa: – Não minha senhora do jeito que vai tá bom demais! Saímos morrendo de rir e lá na frente outra velhinha: – Ave Maria, se pegue com Jesus meu filho! E o bebo de novo soltou essa: – E num é ele que tá me dando esta peia, dona Maria!

– Já que seu João Nicolau gosta muito de estórias de soldados, vou lhe contar mais essa. Disse o mais novo membro da confraria de mentirosos – Luquinha. E sapecou mais essa:

– Lá na cidade de Aguiar, no sertão da Paraíba, tinha apenas um soldado mole que nem a mulesta, não prendia nem um mosquito. Como ele gostava muito de comer “quarenta” (angu feito de massa de milho), botaram o apelido dele de Quarenta. Aí uma vez quando ‘**nós ia**’, quero dizer quando Lampião ia atacar a cidade de Aguiar, e chegou mais ou menos a duas léguas da cidade encontrou um rapaz, que parecia meio aluado e perguntou o seguinte: – Você vem de Aguiar? E o doidinho respondeu: – Vem sim senhor! Ai Lampião tornou a perguntar: – E quantos “macacos” têm lá? O doidinho respondeu em cima da bucha: – Lá mesmo num tem nem um, pelo menos que eu “teja”sabendo! E Lampião já se enfezando, “aberturou” o cabra e disse: – Tá bebo fio de uma égua, eu tô perguntando quantos praças tem lá no Aguiar cabra de peia! E o pobre todo mijado, falou: – O senhor qué saber quantos soldados né? E em seguida respondeu: – LÁ MESMO SÓ TEM QUARENTA! Ao que Lampião falou: – E você ainda diz só, seu merda. E dirigindo-se aos outros cangaceiros falou:

– *Cambada vamos voltar que nós só com quinze homens tamo em desvantagem! E para finalizar Luquinha concluiu: – Tá vendo, seu João Nicolau, o danado do Quarenta, sozinho salvou Aguiar de um ataque de Lampião!*

E João Nicolau, não se fez de rogado, e arrematou dizendo:

– *Eu sei dessa história. É verdade verdadeira! Por sinal, Quarenta serviu o exército comigo e nós somos até compadre, eu sou padrinho de um menino dele e como o povo é ruim como os diabos e o danadinho, gosta de angu, já botaram o apelido do bichinho de QUARENTINHA!*

E assim foi a noite toda.

É fato que as noites no sítio Muralhas passaram a ser mais alegres depois da chegada dos nômades, e a família se reunia todas as noites e ficavam até tarde a conversar amenidades, sem prejuízo das “estórias de trancoso” contadas pelos mais novos membros da confraria de historiadores. E assim, levavam a vida mais fácil e usavam isso como uma espécie de fuga das agruras da vida difícil que era viver, sem as benesses que o mundo de hoje nos proporciona, como a televisão, a internet, celular, dentre outros avanços da tecnologia.

Os tempos eram difíceis, os recém-chegados, faziam de tudo pra ganhar a confiança dos seus anfitriões e procuravam a toda hora, agradar contando cada estória mais mentirosa do que a outra. É numa dessas vezes, que surge um novo e intrépido, iniciante na arte de contar as suas aventuras, nada mais nada mesmo, do que o Zé de Arataca.

Zé de Arataca, sempre calado, no princípio mostrou-se muito tímido e quando muito fazia era contar as suas aventuras na lida do gado. Assim como contam as “estórias de pescadores”, também existem as “estórias de vaqueiros” e outros profissio-

nais. No mundo moderno de hoje conta-se de tudo, estórias de advogados, médicos, engenheiros, enfim em todas as classes tem mentirosos. Afinal, faltar às vezes com a verdade não é exclusividade de ninguém e de nenhuma profissão específica, é, sim, uma fraqueza humana, porém não se deve primar pela mentira maliciosa. Existe um ditado que diz que: *“meia verdade é uma mentira inteira!”*. Agora, no mundo das estórias fantasiosas é muito divertido, vez por outra, contar ou ouvir uma mentirinha à toa. Uma estória quando é contada de forma cômica e bem humorada adoça a vida e revigora a alma.

Feito esta preliminar, passo a contar também uma das de Zé de Arataca, que como vaqueiro, não podia fugir a regra. E contava cada estória que se tornava cada vez mais engraçadas, dado o seu linguajar de pessoa analfabeta, que atropela as palavras e faz seu próprio dicionário. Assim numa noite, após tomar uma carraspana “o fio de uma égua” saiu-se com essa:

– Eu trabaiava numa fazenda lá na Bahia, que tinha muito gado, mai era tanto gado, que precisava de cinquenta vaqueiro, pro mode de dar conta dos animá! Um dia nois tá lá sentado no aipendre da Casa Grande da fazenda, descansando a ceia, quando oiemos pra rodagem vimo um home que vinha pra cá e chegou esse baixim, todo espivitado, pedindo um trabaio de vaqueiro. A vaqueirama um magote de cabra rim, começaro a se rir do coitado. Nisso chegou o patrão e dixe: – Que cachorrada é essa aí? O baixim dixe eles tão mangando deu, seu coroné. Aí o patrão dixe: – Quem é você? E o homi arrespondeu sou vaqueiro dos bam, tô procurando trabaio. Aí o patrão mandou ele se aproximar mais pra perto e perguntou: – Voimice já ceiou, e Ele dixe: – Não tô com uma fome da molesta. Intonsse entre pro mode de comer. Quando ele terminou de comer cinco prato de munguzá com leite o patrão dixe a ele: Poi bem, amenhã nois vai fazer um teste c’ocê. Se voimicê pegar o boi que faz dói mei que esses cabra num

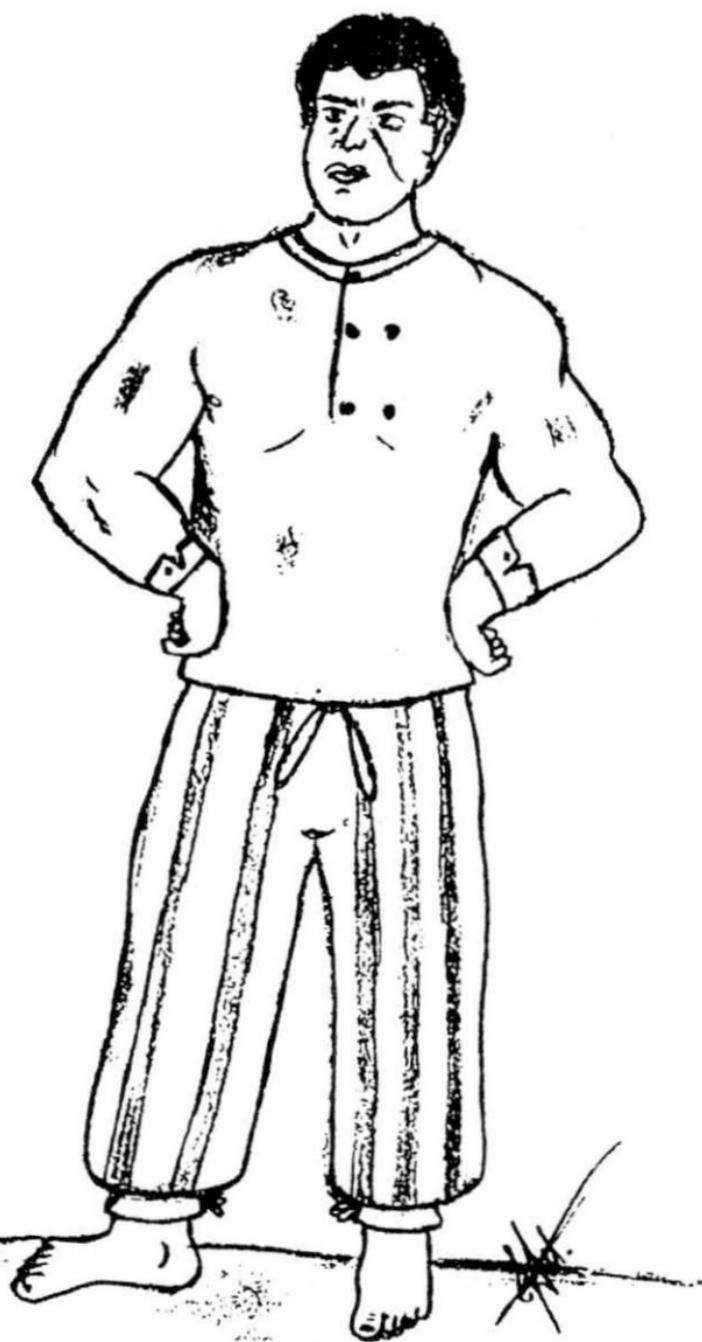
pega ôce vai trabaia aqui na fazenda. Quando o dia amenheceu o danado do baixim, foi logo pegano o mió cavalo de vaquejada que tinha e quaje caia quando foi assubir na cela. Mai meu patrão esse cavalo acostumado a correr atrain de boi de vaquejada, deu uma carreira tão da mulesta com o baixim e lá na frente cando avistou o boi foi cá carreira foi grande, e saiu pega poique num pega o boi, aí cando o boi oiô pra trai, lascou-se por riba dum foimigueiro caiu e quebrou a pata da mão virou pro riba da cabeça e morreu. Nisso o incapetado do baixim, vinha no cavalo cá molesta na carreira que cando o cavalo viu o boi caído deu um frei tão da gota serena que o baixim passou o rabo no chão. Aí o candigueiro fez uma coisa que achei bancana, sentou em riba do boi e ficou fazendo um cigarro de paia. Nisso chega noi e o patrão. Ai o patrão oiô para noi e dixe: – Isso é que é vaqueiro! O homi chegou ontem ainda num fei a congestão do mungunzá e já pegou o boi que fai dói mei que ôces corre atrain, bando de cabra frouxo. Ai, eu dixe, patrão eu sei que o sinhô vai mandar noi simbora, mais deixe eu perguntar uma coisa a esse vaquerim de méda. E nisso fui logo perguntando: – Ô vaquerim que diabo é aquela ruma de bosta em riba da cela de teu cavalo? Mai pruque eu perguntei isso, o baixim deu uma aresposta que lascou noi, ele dixe: – Oxente e oceis cando vão pegar boi para pra cagar é? É pru mode disso que ôces num pega nada, bando de cabra frouxo”.



RETRATO FALADO DE MIGUELÃO - AUTOR ANDRÉ SANTOS.



RETRATO FALADO DE SANTINHA - AUTOR ANDRÉ SANTOS.



RETRATO FALADO DE ZÉ DE ARATACA - AUTOR ANDRÉ SANTOS.



RETRATO FALADO DE LUQUINHA - AUTOR ANDRÉ SANTOS.



**O VELHO JOÃO NICOLAU EM SEUS TEMPOS DE SOLDADO EM
VISITA A VELHA MURALHAS**



FACA PERTENCENTE A MIGUELÃO COM A QUAL SURROU A CADELA VIOLETA.

5

AS GABOLICES DE MIGUELÃO, CONTADAS NA BARBEARIA DE ZÉ MOREIRA



As cidades do interior costumam ter suas figuras folclóricas, geralmente profissionais liberais, como pedreiros, marceneiros, pintores de paredes, alfaiates, barbeiros dentre outras inúmeras

profissões, que se destacam não só pela sua arte, mais também pela sua forma de agir, pensar e encarar as coisas da vida, muitos com uma presença de espírito de dar inveja a muitos pensadores. Faço questão de lembrar essas pessoas por terem sido e serem ainda verdadeiros exemplos de vida, que exerceram suas profissões com dignidade e dela tiraram seu sustento e conseguiram criar e educar seus filhos, legando-nos um exemplo de honestidade e sabedoria.

Uns desses profissionais que mais marcam o interior do Brasil são os barbeiros, que instalam seus salões modestos, e, assim, buscam trabalhar e viver honestamente. Nas barbearias, passaram diversas gerações de homens à busca de um bom corte de cabelo, boa conversa e ajuda para as suas aflições, dúvidas e males. E na velha Cuité não é diferente, existiram diversas dessas barbearias que até hoje provocam risos aos seus habitués frequentadores. São inúmeras, mas, para citar apenas algumas, existiam nas décadas de 50, 60 e 70 a do velho e saudoso Benedi-

to Alves, que como bom empreendedor, colocou também no seu salão uma banca de jornal e revistas, onde os amantes da leitura compravam suas gazetas para se inteirar das novidades que ocorriam mundo afora. Lembro-me que, quando ainda garoto, seu Benedito trazia para vender, em sua banca, álbuns de figurinhas, as quais colecionávamos com muita alegria e no caminho de volta da escola era comum nos ajuntarmos na barbearia, para trocar as figurinhas em duplicatas com outros colecionadores. Ali se juntavam um grande número de meninos que passavam a fazer seus negócios e a perpetrar um barulho tão grande, que vez por outra o homem perdia a paciência e nos expulsava jogando água para nos afugentar. Bons tempos aqueles.

Outro profissional de barbearia era o senhor Zé Balduino, que mantinha seu salão na Travessa Pedro Viana, e segundo tio Diassis, traz em seu currículo, o fato de ter arrancado um botija, nas dependências do antigo cemitério, que ficava localizado onde hoje está instalado o Mercado Público. Posteriormente transferiu-se para a cidade de Natal, onde foi cuidar das madeixas dos hóspedes do Grande Hotel, que na época pertencia ao Senhor Theodorico Bezerra.

Não podemos também deixar de destacar a figura de outro importante operário das cabeleiras, Seu Buriti, que montou seu salão em um dos anexos do Mercado Público, que, como os demais, não fugia a regra, contava também muitas estórias, que na verdade surtia muito efeito, nos seus propósitos, quais sejam: – atenuar a longa espera dos clientes, pela vez de se barbear ou cortar os cabelos.

Dessas estórias, contadas e repetidas a que mais me marcou, foi a do cuscuz de mandioca. Contava ele que, no início dos anos 70, após uma grande seca, os negócios não iam muito bem e o Governo Federal, a fim de socorrer os desempregados, passou a recrutar milhares de trabalhadores por todo Brasil, para traba-

lhar nas obras da transamazônica. Como não lhe apareceu outra opção, seu Buriti embarcou nesta aventura a terras desconhecidas. E prosseguia. Ao chegar lá, foi alistado para fazer a abertura de “picadas,” por onde a estrada iria passar, e assim seguiam mata adentro. Vez por outra topavam com uma tribo de índios que, no começo, lhes eram muitos hostis, mas que ele conseguiu “domar”. Contava ele que esta convivência lhe permitiu aprender muitos costumes indígenas, suas danças, sua alimentação, e outras tradições. Todavia a que mais lhe impressionou foi a capacidade de conservação dos alimentos por eles preparados. E dava o seguinte exemplo:

– Numa certa ocasião, tínhamos que remover uma pedra que estava mesmo no meio da picada, não era muito grande, mas nós, cerca de 50 homens, pegamos umas alavancas e passamos a levantar a dita pedra, e qual foi nossa surpresa? – Quando rebo-lamos a pedra do lugar vimos que debaixo dela tinha um cuscuз de mandioca, e nele estava escrito: feito em 01 de abril de 1930, e num era que o danado ainda tava bem quentinho, depois de 40 anos de feito. Eita bicho sabido é o tal do índio.

Outra barbearia de destaque nos anos 60/70/80, em Cuité, foi a de Seu Zé Anulino, instalada por alguns anos na antiga travessa Deodoro da Fonseca (hoje Calçada Basílio Magno da Fonsêca), esquina com a Rua presidente João Pessoa. Depois se mudou para a mesma rua, só que fazia esquina com o conhecido Beco do Feijão. Seu Zé Anulino, para acalmar seus clientes pela longa espera por sua vez de serem atendidos, disponibilizava tableiros de jogos de dama e gamão para o entretenimento dos fregueses, na vitrola não parava de rodar bons discos de vinil de grandes violonistas de *Waldir Azevedo*, de *Jacob do Bandolim*, dentre outros grandes artistas da música popular brasileira e, nos últimos anos, era comum ouvirmos Ivanildo Sax de Ouro, tocando Siboney. Um fato curioso do inesquecível e de saudosa memó-

ria, Zé Anulino, diz respeito a sua fama de “peru” das partidas de dama, quando vez por outra deixava o freguês com a cara cheia de espuma e ia dar uma olhada e um “pitaco” no jogo.

Existia como até hoje, outros profissionais que cuidam dos pelos capilares, como Seu Geraldo, que faz questão de me dizer todas as vezes que vou lá, que eu fui o seu primeiro cliente.

De fato, ainda lembro quando ele chegou à cidade, vindo do sítio Campo Comprido e se instalou como barbeiro na sua própria residência situada na hoje Rua vereador Francisco Patrício, antiga Quintino Bocaiúva. Na época, eu era tão pequeno que, para que ele pudesse cortar o meu cabelo, teve que aumentar a altura do assento da cadeira e, para isso, colocou para eu sentar uma cuia de medir farinha. Hoje seu salão se situa na Rua Caetano Dantas.

No Cuité da modernidade de hoje temos ainda outro profissional como Benedito, que trabalhava na Praça Cláudio Furtado e mudou-se para o bairro Castelo Branco, pois o prédio em que trabalhava foi vendido.

Com a modernização e a evolução dos tempos, tivemos a ascensão dos chamados “cabeleireiros” homens e mulheres, práticos ou cursados, que dão às cabeças o toque visual mais adequado à moda.

Mas há décadas quem quisesse cortar o cabelo teria que recorrer à Barbearia do Seu Zé Moreira, que ficava situada na Travessa Pedro Viana, centro comercial da cidade nos idos dos anos quarenta a sessenta. A referida avenida desembocava no largo da feira, onde fica situado o antigo Mercado Público das Três Portas, nas confluências das ruas XV de Novembro, 17 de Julho e Getúlio Vargas, atual Calçadão Orlando Venâncio.

Para lá convergiam todas as atenções dos habitantes da cidade. Nos dias de feira era uma verdadeira efervescência de pessoas a realizar suas compras semanais. Ali estavam instaladas

todas as casas de comércios da época, cada uma em sua especialidade, tais como: a drogeria de Onaldo Venâncio, a bodega de Seu Lindolfo Venâncio, as lojas de tecidos de Artur Viana e Zome Limeira, a Sede da Cooperativa de Crédito Rural de Cuité, o bar de Seu João Regis, a bodega de Samuel Furtado, as padarias de Oswaldo Venâncio e Plácido Almeida, a loja de ferragem de Silvino Viana, cassinos, dentre outros pontos de comércio.

O CAFÉ MORNO

No bar de Seu João Regis, eram servidos apetitosos cafés, acompanhados de pães quentinhos e deliciosos queijos de manteiga. Um contumaz freguês do lugar era o meu avô paterno Dedé Fonsêca, que todos os dias de manhã bem cedo, comparecia para fazer seu desjejum e falar de negócios. Eram muito comuns suas queixas no tocante ao café, do qual dizia todos os dias “que estava frio”. Seu João Regis de tanto receber aquelas reclamações e já bastante irritado, certo dia fez uma pegadinha com o velho Dedé. Veja a ardileza do dono do bar.

Seu João Regis costumava chegar ao seu estabelecimento bem cedo, para preparar as guloseimas que iam ser servidas. Neste dia fez um enorme bule de café e, depois de pronto, deixou-o ao fogo fervendo por muito tempo, pegou igualmente uma vasilha com água e colocou também pra ferver e dentro desta botou a xícara, o pires e a colherinha do açúcar e ficou a espera do cliente resmungador. Depois de horas de fogo, eis que chega o meu avô e ao adentrar ao recinto já foi logo exigindo:

– Ponha um café bem quente, com pão e queijo, ligeiro que estou com muita pressa, já estou atrasado!

Seu João Regis, mais do que depressa, corre a cozinha, onde as panelas já atingiam uns duzentos graus. Pegou os utensílios com um pegador de macarrão tão quentes estavam, o bule

teve que pegar na asa, com um pano para não se queimar. E passou a servir o assíduo e exigente freguês. Esse, por sua vez, ao pegar a colher para por o açúcar, percebeu que algo estranho estava a ocorrer, mas mesmo assim, seguiu em frente. Ao levar à xícara a boca, ouviu-se um som de frigideira chiando, provocado pela temperatura da xícara de café, o que gerou uma queimadura nos lábios do meu avô. Ato contínuo, viu-se descer dos olhos do velho duas grandes lágrimas, tão forte foi a dor. E qual foi a surpresa de todos os presentes, que já sabiam da armadilha preparada e assistiam a tudo.

O velho Dedé Fonsêca, em tom solene e sem se deixar entregar, balbuciou a seguinte frase:

– É João Regis, seu café hoje *tá morno!* Queimou-se todinho, mas, não deu o braço a torcer.

Pois é, mas vamos dar uma passadinha na velha barbearia de Seu Zé Moreira, que estava inserida neste contexto, portanto, na época, era o centro da irradiação do universo, pois era para lá que acorriam todos que gostavam de mexericos a fim de tecer comentários e dar suas versões, às vezes distorcidas, dos fatos ocorridos mundo afora. E assim, a velha casa de trato de cabelos e barbas se transformou em templo dos “linguarudos e mentirosos” os quais (como dizia o meu amigo, jornalista Ronaldo Dinoá) se “julgam santos e a vida alheia é seu alimento”.

O dileto e honrado barbeiro Zé Moreira, ao terminar de corta o cabelo e fazer a barba, perguntava ao cliente o seguinte:

– *Vosmicê qué áico, táico, ou qué que mui?*

Na verdade, queria saber o que o cliente preferia para a assepsia no pós-barba. Se ele colocava álcool, talco ou se molhava.

Desse santuário da mentira, contam-se muitas estórias, a começar pelas do seu proprietário, um homem que não teve direito a estudar e que, como muitos da sua época, dizia que não

via vantagem em fazê-lo, pois estudo não enchia barriga de ninguém. Gostava de caçar, sempre acompanhado de seu cachorro de caça, o qual chamava de “Jorli”. Dessas caçadas surgiam muitas histórias, as quais contava repetidas vezes, como forma de entreter seus clientes que nem percebiam quando chegava sua vez de serem atendidos.

Contou-me o Professor Ramilton Marinho que, certa vez, passava pela dita barbearia juntamente com Junior de Moca, quando viram o Seu Zé Moreira a se lamentar e a chorar (estava enlutado com a morte de seu companheiro de caçadas o pobre “Jorli”) e quando os dois meninos curiosos em saber o que fizera aquele homem tão rude e másculo chorar, perguntaram quase que simultaneamente: – *O que aconteceu Seu Zé?* E ele todo choroso respondeu:

– *Foi Jorli que morreu meus ‘fio’.* E completou: – *Ô, meu Deus nunca mais vai existir outro que nem o finado Jorli!*

Outra história que ouvi contar por muitos, quando ainda menino e trabalhava no Bar Ouro Verde, onde hoje funciona a loja O Boticário, que era de propriedade de Rosalvo Venâncio, mas que temporariamente fora alugado ao grande e extrovertido contador de “causos” Chico Maroca, foi esta que tentarei contar com o máximo de fidelidade do que escutei, quando, na condição de garçom, servia as mesas, e ouvi de Jairo Souto, outro cuiteense de senso crítico muito apurado. Tem duas profissões na qual se ouve coisas: a de motorista de taxi e a de garçom. Padre também escuta, mas não pode contar, assim é melhor nem ouvir.

A HÉLICE DO MOTOR DO AVIÃO

Pois bem, vamos a ela. O velho barbeiro Zé Moreira, como já ressaltado, não gostava de estudo nem tão pouco de estudan-

tes, não sei se por ignorância, ou pela boa inveja, por não ter tido oportunidade de estudar, ou até mesmo, por pura convicção. Costumava tratar os amantes das letras com desdém. Vez por outra, o ladino barbeiro gostava de aplicar testes aos seus fregueses que se dedicavam à busca de conhecimento e do saber. Uma vez, dirigindo-se a um estudante disse: – *Vocês são metidos a sabido, mais só diz besteiras, porque falam que quem morre debaixo d'água, morreu afogado. Mas eu vou lhe ensinar de uma vez por todas: – Quem morre na água morre agitado, quem morre afogado é quem morre no fogo!*

Noutra feita, no mais vigoroso espírito de astúcia, quis pegar o então acadêmico do Curso de Ciências Jurídicas, o saudoso Orlando Venâncio, e sacudiu uma pergunta, que julgava que era difícil de ser respondida. No entanto, tratando-se de o interlocutor ser quem era, deu-se um fato inusitado e uma resposta à altura da imbecilidade da pergunta. Conforme depois confirmaram diversas pessoas, o caso foi o seguinte:

O sagaz profissional no trato das madeixas alheias, que só conhecia os aviõezinhos dos Parques de Diversão, que baixavam em Cuité na festa da padroeira e o da figura do quadro que ostentava em seu salão, desta feita ficou em desvantagem.

O acadêmico de direito Orlando Venâncio, que na época ainda nutria vasta cabeleira, estava na cidade em gozo de férias da faculdade, quando resolveu dar um desbaste nos seus extensos cabelos e dirigiu-se até barbearia do famoso Zé Moreira. Ao chegar lá, foi logo sacudido por uma bateria de perguntas, dirigidas pelo dono do salão. Sabia o inquiridor que o seu entrevistado já estava no quinto e último ano do curso, mas ainda assim, fazia estas indagações no afã de ouvir em resposta algo como: “*não sei não*” e assim poder desvalorizar ainda mais a necessidade de se aprender a ler. E qual foi à pergunta que julgou ser de gaveta

para embaralhar a cabeça do futuro bacharel, perguntou o sádico interrogador, o seguinte:

– Você diz que é bom, quero ver se sabe me responder essa. De que material é feita a hélice do motor do avião?

Ora, como já dito, o perguntado cursava ciências jurídicas, e talvez nunca tivesse ouvido falar sobre tal assunto, se cursasse engenharia de materiais ou até mesmo engenharia mecânica, é provável que trouxesse a resposta na ponta da língua, mas o astuto e proeminente aspirante à advocacia já havia aprendido que, no exercício de sua profissão, o imprevisto e o poder de argumentação seriam de suma importância, e num instante de sensatez respondeu a pergunta que lhe pareceu muito imbecil com uma informação mais imbecil ainda, pois aprendera que a uma pergunta imbecil, desse sempre uma resposta também imbecil.

E qual foi à sagacidade e a profundidade da resposta do jovem acadêmico, que deu um nó na cabeça do seu inquiridor:

– A hélice do motor do avião é feita de um material que tem um ponto de ebulição filantrópica!

Respondeu o jovem acadêmico, em tom de deboche.

Como não podia ser diferente e para não ficar por baixo, o barbeiro perguntador, saiu-se com a seguinte frase:

– Também depois de cinco anos de faculdade, se você não soubesse de uma besteira dessa, eu ia botar um cabresto em você!

E como essas, existem inúmeras histórias relatadas desta casa de estética capilar que teve seus tempos áureos nos anos, quarenta, cinquenta e sessenta, e se tornou conhecida como repositório de emoções dos seus clientes e frequentadores. Naqueles tempos idos, a barbearia tinha a presença frequente dos mais ilustres cidadãos cuiteenses todos de saudosas memórias, que

para ali acorria. Dentre eles: Samuel e Miguel Furtado, Miguel de Almeida, Sebastião Casado, Jacó Viana, Artur Viana, Lindolfo Veñâncio, Seu Bila, Joaquim Maroca, Ioiô Viano, Zé Déu, Diassis Viano, Dosanhos Viano, que introduziram no recinto as figuras exóticas recém chegadas a Muralhas: – Miguelão e sua Santinha, Zé de Arataca e Luquinha, que fizeram parte do cenário no auge do salão e que protagonizaram muitos lances de verdadeiras contendas, fosse na área política ou no mundo dos negócios, das guerras e revoltas, mas sempre se esquivando de falar do cangaço. Passamos a narrar, algumas dessas estórias.

O EMPRÉSTIMO

Jacó Viana me contou certa feita, que outra particularidade do velho barbeiro era a de que, quando ele ouvia alguma palavra bonita, passava a usá-la mesmo sem saber o significado, só pelo fato de achar bonita a pronúncia. E como a sua barbearia era muito bem frequentada por pessoas cultas, era muito comum o velho ouvir palavras diferentes de seu cotidiano e delas fazia uso de forma “escalafobética”.

Certa feita, ouviu numa conversa entre clientes que discutiam sobre negócios bancários, o termo **estelionatário**. Achou bonita e vez por outra sapecava o termo para se amostrar, sem saber do que se tratava.

Passou-se o tempo, e chegou a vez em que tio Bianor Fonsêca, vinha do Banco do Brasil, onde tinha ido tratar de negócios, resolveu dar uma passadinha na velha barbearia, para fazer barba e cabelo.

Ao chegar lá, não havia ninguém esperando e foi logo sentando, para receber o tratamento capilar. Tio Bianor, percebeu que o velho salão já carecia de uma reforma, principalmente nos móveis e utensílios, mais sabia também das dificuldades finan-

ceiras que enfrentava o velho operário da cabelaria. Desta forma, passou a dar uns conselhos ao seu amigo. Disse tio Bianor:

– *Compadre Zé, não é de minha conta, mas o seu estabelecimento está precisando de uma reforma.*

Ao que Velho Zé Moreira respondeu: – *Fazer reforma com que dinheiro se o que eu ganho aqui dá muito mal para manter a família!*

Tio Bianor, não deixou nem ele fechar a boca e disse:

– *Não seja por isso, estou agora mesmo vindo do banco e o gerente me falou que tem uma linha de crédito para reformas de lojas comerciais, inclusive já apresentei uma proposta para reformar meu mercadinho. Vá lá homem!*

– *Sendo assim, amanhã mesmo vou lá ver se consigo um dinheirinho emprestado.* Respondeu o velho Barbeiro.

No dia seguinte, fechou a barbearia e rumou para a agência do Banco do Brasil. Chegando lá, foi muito bem tratado, e ao ser perguntado pelo gerente qual seria o motivo de tão honrosa visita, foi logo dizendo:

– *Bem eu vim até aqui, para ver se o senhor pode me arranjar um empréstimo para fazer uma reforma no meu comércio. Mas antes de tudo quero lhe dizer que o senhor tá fazendo negócio com um homem de bem, um **estelionatário** velho que só gosta do que é seu, e nunca enganou ninguém.*

O gerente ao ouvir tal afirmação, ficou desesperado e numa saída de mestre respondeu:

– *Seu Zé, infelizmente eu acabei de receber uma comunicação da Superintendência, afirmando que não tem mais dinheiro para empréstimo aos comerciantes!*

O TIRO CERTEIRO DE MIGUELÃO:

Certa feita, num dia de feira, já próximo do natal, estava Miguelão, na dita barbearia, a contar mais uma das suas. Dizia ele que, certa ocasião, numa caçada de galinha d'água, com um tiro só matou noventa e nove aves. E como era comum ele pedir socorro a sua Santinha na confirmação da veracidade de suas estórias, dessa vez não foi diferente e logo ao concluir foi logo fazendo a tradicional pergunta:

– *Num foi Santinha?*

Santinha que já estava cansada de esperar pelo marido, que lhe prometera comprar, naquele dia, na Loja de Artur Viana, a roupa para vestir noite de natal, não perdeu a oportunidade de por fim as mentiras do marido e respondeu com a seguinte frase:

– *Noventa e nove galinhas d'água e um macaco!*

Disse isso e saiu com a moléstia dos cachorros, amuada com a longa espera e foi embora para casa, nas Muralhas.

No final da tarde, quando Miguelão chegou em casa, vinha com um quente e dois fervendo e foi logo rodando a mão no pé do ouvido de Santinha, que correu para dentro do quarto e começou a chorar e a perguntar porque estava apanhando. Ao que o marido furioso respondeu:

– *Nunca mais faça um negócio desses, quando eu pedir para você confirmar uma estória minha, sua cachorra da mulesta! Você não sabe o trabalho que deu para eu construir uma cerca de pedra e botar o macaco em cima, quem já viu um macaco dentro d'água, sua sem-vergonha. Nunca mais faça outra dessa!*

Naquela mesma noite, quando todos se reuniram no alpendre, a conversar, Miguelão passou a contar mais uma das suas e veja para onde rumou à prosa:

– *Eu possuía um cavalo branco que era a coisa mais bonita do mundo, era um andaluz, puro sangue de muito valor. Todo mundo tinham muita inveja dele. Os fazendeiros da região tinham ambição pelo cavalo e queriam por fim da força comprar o bichinho. Faziam propostas de dar tentação, botavam preço no cavalo por cima da cabeça. Eu sempre dizia que o cavalo era como uma pessoa para mim não um simples cavalo. Assim, eu não poderia vender o animal por dinheiro nenhum do mundo. Como eu poderia vender um amigo? Embora passasse por tanta precisão, eu sempre rejeitava aquelas propostas.*

O cavalo era bom na vaquejada, na argolinha, na lida do dia a dia, era mesmo um anjo para mim. Um dia eu me vi apertado quando vinha da feira – uns cabras safados me botaram uma emboscada pra me matar, e a surpresa foi tão grande, que eu tive que correr. Quando os cabras iam quase me pegando, eu entrei no pátio de uma casa grande de fazenda, que tinha uma cerca de vara de 12 palmos de altura, o danado do cavalo não contou conversa pulou a cerca nem triscou nas varas. Num foi assim Santinha?

Santinha coitada, ainda choramingando da surra que tinha levado por conta da estória do macaco. Disse em cima do rastro:

– *Foi desse jeito. Eu vinha até na garupa! Num lembra não, meu velho?*

O BARBEIRO CAÇADOR

Na semana seguinte, na segunda-feira, Miguelão, como de costume, volta à velha barbearia e, ao adentrar, antes mesmo de sentar, seu proprietário Zé Moreira, que como já dito, também gostava de caçar sempre acompanhando de seu inseparável cachorro “Jorli”, foi logo dizendo:

– *Seu Miguelão, a semana passada o senhor contou uma estória das suas caçadas e não deu tempo de contar a minha.*

Ao que Miguelão respondeu: – Pois não seu Zé. Conte agora!

E o velho barbeiro caçador, sapecou esta, veja:

*– Um dia nós fomo uma caçada de onça na Serra da Rajada, lá entre as cidades de Acari e Carnaúbas dos Dantas, fomo a convite dum proprietário de lá que convocou todos os caçadores que quisessem ir, pois as onças estavam acabando com seu gado, e lá fui eu, “Jorli” e mais dois companheiros. Quando chegamo lá, era uma mata muito fechada, dava até medo de entrar, mas nós emburacamo de mata adentro. Passamo a noite toda no rastro de uma onça pintada, valente como os seiscentos mil diabos e sempre com o cuidado de atirar numa posição que não estragasse o couro da bicha, que era muito bonito e eu tinha prometido a minha mulher arranjar um couro daqueles para ela fazer um tapete. Meus companheiro depois de andarem a noite toda, deitaram na sombra de um juazeiro e passaram a dormir e eu mais meu amigo ‘Jorli’, continuamo no rastro da miseráve, e quando foi com o dia amanhecendo, nós já tava chegando ao Açude de Gargalheiras, quando avistei lá de riba a danada bebendo água, desci a serrinha dei o arrodei e peguei a bicha mesmo de frente. E o melhor não podia ter acontecido o tiro pegou no focinho da infeliz que caiu prontinha. Meus companheiro ouviro o disparo correram pra donde nós tava e ficaram surpreso e sem acreditar, pois a onça tava morta e não tinha um pingo de sangue, a bala tinha entrado nos olho da bicha e não tinha um buraco da saída da bala e haja a gente procurar sem achar nem sangue nem buraco da saída do tiro. Foi uma teima danada, os meus companheiro a dizer que eu não tinha matado a onça, que quando eu cheguei ela já tava morta. Aí eu tive a ideia de trazer a bicha para Cuité para fazer um exame. Na época, ainda não tinha nenhum veterinário, foi preciso vir um de Campina Grande. E o Senhor não queira saber o que o doutor, depois de mais de três dia de exame fazendo a tal “tópsia” ele deu o veredito: **“A bala entrou na cabeça do***

animal, precisamente no olho esquerdo, perfurou rins, fígado, baço, coração e pulmão e saiu pelo cú, tomando destino ignorado.” Quem achou bom foi minha senhora que ganhou um couro de onça sem nenhum estrago!

A VIRILIDADE DE MANÉ CABOCO

Quando o sagaz barbeiro terminou a estória, Miguelão, como quem querendo desviar o assunto para não ter que desmentir o barbeiro-caçador. Passou a falar sobre a virilidade de um amigo seu lá do Vale do Pajeú. Veja que rumo tomou o colóquio na velha barbearia, disse Miguelão:

– Ô seu Zé tem um compadre meu, de nome Mané Caboco, que enviuvou com mais de 85 anos, e se casou novamente com uma menina de 18 anos. E prosseguiu – E num é que a danadinha já tá grávida! Esperando um filho do velho Mané! O senhor me acredita. Que velho danado não é?

E o velho Zé Moreira refletiu por um momento e então, disse: – Deixe-me contar-lhe uma estória.

– Eu conheço um cabra que era um caçador viciado. Nunca perdeu uma caçada. Mas, um dia, quando ia sair pra caçar na pressa e por engano, colocou seu guarda-chuva no bisaco, ao invés de sua espingarda. Quando estava no meio da mata, repentinamente uma onça apareceu em sua frente! Ele sacou o guarda-chuva do bisaco, apontou para a onça, e esta, inexplicavelmente, caiu morta à sua frente.

– Isto é impossível! – Disse Miguelão – Algum outro caçador deve ter atirado na onça! Ao que falou Zé Moreira: – Exatamente.... Isto é o que eu acho que aconteceu com seu compadre Mané Caboco!

O CAÇADOR MORDIDO DE COBRA

Nesta ocasião, o encapetado Luquinha, estava também presente na velha barbearia, e pediu permissão para contar uma das suas estórias de caçadas e saiu-se com esta:

*– Uma vez saí para caçar com um velho compadre meu. Nessas nossas caçadas, nós passava dias e mais dias vagando mata adentro. Pois bem, depois de três dias no mato o meu companheiro teve vontade de fazer as necessidade fisiológica, quero dizer cagar. E não contou conversa, arriou as calças e fez ali mesmo no meio do mato. Quando o pobre tava lá se aliviando, a sua genitália ficou dependura, de repente apareceu um cobra deu-lhe um mordida mesmo na cabeça da bicha, nisso o compadre deu um pulo da mulesta e viu que se tratava de uma cascavel, dessa venenosa, que mata o sujeito só no olhar. Aí foi um desespero da gota serena, eu sozinho pra socorrer o miseráve, sem ter nenhum recurso. Aí tive a ideia de vim na cidade buscar um médico. E assim eu fiz, quando cheguei na rua procurei o doutor, que não se negou a ir socorrer meu compadre, mas como tava muito ocupado, mandou que eu fosse na frente e prestasse os primeiros socorro. Eu sem saber o que danado era os primeiros socorro, perguntei ao doutor, e ele me explicou o seguinte: – Volte lá, e com a boca sugue mesmo no lugar da mordida até, sair o veneno, se não ele vai morrer! E eu saí em disparada pra onde tava meu amigo de caçada. Quando cheguei perto dele, ele foi logo perguntado: – O que foi que o doutor disse compadre Luquinha? E eu respondi em cima da bucha: – **O doutor disse que o compadre vai morrer!***

O CACHORRO QUE FALOU

Zé Moreira, que não passava um dia sem contar uma de suas caçadas, saiu-se com esta:

– Como eu já falei para vocês, atualmente meu cachorro de caça é Jorli, mas o pai dele também era um caçador de mão cheia; Jorli não chega nem no rastro do pai. Peri, como era chamado, era um perdigueiro muito afamado aqui na região, todos os caçadores daqui, quiseram comprar, mas eu não dava por dinheiro nenhum. O bicho tanto era bom de vista como de faro, era um danado dentro e fora d'água, de confiança, era um verdadeiro amigo. Peri foi trazido por um pracinha da Força Aérea Brasileira, que participou da batalha de Monte Castello, ele mora em Natal. Esse amigo me trouxe o perdigueiro diretamente da Itália, só que ele já era meio velho e eu cuidei logo em arranjar uma cadela para tirar raça, daí nasceu Jorli. Pois bem, Peri já tava bem velhinho já tinha treze anos, mas mesmo assim não podia me ver pegar na espingarda que já rumava para porta pra ir caçar, mas eu não gostava de levar ele, pois Jorli já tinha assumido o lugar dele. Certa feita, tive pena do bichinho e resolvi sair com ele para uma caçada de tatu. Como o danado era muito bom de faro, com pouco tempo acuou um tatu gigante e partiu em busca desse tatu, mato adentro e eu atrás no rastro dele. Mas, seu Miguelão, o senhor não queira acreditar no medo que eu tive nessa noite. Eu ia a busca de Peri, quando de repente, escutei umas risadas de gente era um tá de ra,ra,ra, ra, ra, parecia assombração. Eu fiquei todo arrepiado, fui andando com um medo da mulesta, quando descobri uma touceira de mufumbo, vi uma cena que nunca mais vou esquecer – O tatu tinha virado de pernas pro ar e Peri com os dentes rombudos tentando agarrar ele, como não conseguia fazia cócegas e o tatu se desmanchava em gargalhadas, parecia a risada de seu Luquinha, – o cabra escutava com uma légua de distância. Daí eu pensei e falei em voz alta: nunca vi um tatu rir que nem gente. E Peri em cima da bucha disse: – Nem eu! Aí foi que meu medo aumentou! Eu só não me caguei porque não tinha merda pronta!

Luquinha que ouvia a tudo atentamente, não deixou o velho barbeiro acabar sua estória e passou a se “pabular” de que não tinha medo de assombração, que não existe coisa do outro mundo, que isso, que aquilo, e para comprovar sua bravura, contou a seguinte estória:

– Como, eu já falei nas minhas caçadas eu vi coisas que até Deus duvida, mas nunca tive medo de nada. O povo fala numa tal de mula-sem-cabeça, que aparece fazendo e acontecendo, mas eu mesmo já botei uma para correr. O caso se deu quando eu tava caçando sozinho com meu cachorro, lá no Riacho do Navio. Fazia dois dias que nós andávamos no meio da mata e já pelas seis da tarde, eu já morto de cansado, me sentei debaixo de uma aroeira e depois de pitar um bom cigarro, agarrei no sono e acordei de meia noite, com os latidos do cachorro. Quando eu abri os olhos, vi um animal que parecia uma égua, sem cabeça, chispava fogo pelo buraco da cabeça. As patas da condenada era de ferro, dava cada galope e o relincho fazia um barulho tão grande, que assombrava o cachorro. Tinha hora que soluçava como gente e ficava pulando e rodando em minha volta. Eu juro a vocês, não bati nem a passarinha. Me levantei e disse para ela, se quiser falar comigo vá procurar sua cabeça e volte, que eu lhe atendo. Disse isso e voltei a dormir!

Olhe, eu estando com meu patuá num abro para ninguém vivo, que dirá pra assombração. Ele é tão forte que eu quando vou pro mato se eu tiver sem munição e aparecer um animal feroz eu invoco meu Orixá, e me transformo num tóco, num tronco de pau e a fera não me vê.

Seu Zé Moreira que não acreditava em mandinga não se aguentou e disse:

– Ô Seu Luquinha, um dia eu fui caçar com um cabra que carregava no peito esse tal de patuá. O dele era um cordão com

um pedaço de couro com uns letreiros, que só ele sabia ler. Quando de repente, nós tava no meio da mata ele passou a fazer essas munganga e desapareceu da minha frente. Só depois de umas duas hora foi que o sujeito apareceu, vinha com a cara toda mijada e brabo que só a gota serena, tinha sido meu cachorro Jorli que mijou no tôco que ele tinha se virado. E eu achei muito bem empregado!

Luquinha imediatamente contestou as críticas do incrédulo Zé Moreira e em tom de raiva asseverou o seguinte:

– Ô Seu Zé Moreira, o senhor não brinque com essas coisas não! A reza existe mesmo. Lá no Riacho do Navio, tem uma velha rezadeira, que eu mesmo fui lá um dia só debochar da preta velha e quase que minha irmã me mata por causa disso. O caso foi o seguinte.

– Todo mundo dizia que a velha rezava só no rumo. Eu cheguei lá e inventei que minha irmã tava morrendo com uma dor num dente e tinha me pedido para vir na casa dela, falar pra ela rezar pra curar essa dor. Pois bem, a velha disse a mim: – Você pode voltar para sua casa que eu vou rezar pru mode do dente rim cair. Volte, que quando você chegar em casa sua irmã tá boazinha! Eu só pra chatear disse a ela que tinha que ser a reza mais forte, que a dor de dente era muito grande.

Montei no meu burro e rumei pra casa. No caminho, senti o burro babando, quando eu olhei, vi que o pobre não tinha mais nenhum dente na boca. Eu já comecei a ficar desconfiado, que quando cheguei em casa, minha irmã tava chorando, com pena dos dentes dela que tinham caído a pobrezinha tava banguela de tudo. Quando eu contei a ela o acontecido, ela pegou uma foice e quase me manda pro inferno. Mas o senhor não queira acreditar, no outro dia, eu fui ajeitar uma cancela e precisei do serrote, quando fui buscar vi que o danado também não tinha mais ne-

nhum dente. Olhe eu tô dizendo ao senhor não brinque com essas coisas!E emendou outra:

– Outra vez, um vizinho de roçado foi botar uma broca, e quando tocou fogo na coivara, deu uma ventania tão grande que espalhou o fogo por todo sítio. Nós tentamos apagar e não teve jeito, aí ele mandou um filho dele ir nas carreiras, pedir a preta velha que rezasse para apagar o fogo. Quando o menino chegou lá ela pulou no terreiro se ajoelhou e começou a rezar, de repente, ninguém viu mais nem a fumaça. Mas dessa vez nós quase morre de fome, a reza foi tão forte que nós passamos quinze dias sem conseguir riscar um fósforo. Eu tô, dizendo ao senhor, não brinque não!

MIGUELÃO QUERIA PILOTAR O AVIÃO DA POLÍCIA MILITAR DA PARAÍBA

Essa estória foi a que mais marcou, pois além da inusitada situação, dado os personagens envolvidos, também os fatos me chamaram a atenção e ainda as consequências que ocorreram, quando meu tio Diassis reproduziu uns vinte anos depois.

Todos conhecem a história da revolta de Princesa Isabel, perpetrada pelo coronel Zé Pereira, quando no ano de 1930, decretou a independência da cidade em consequência das contendas políticas com o chefe do governo estadual na época, presidente João Pessoa. A insurreição da cidade durou cerca de cinco meses, um tempo muito longo, e, para tentar por fim aquela rebeldia, o governo do estado resolveu adquirir um avião monomotor e bombardear a cidade e, assim, por fim ao movimento.

Desta forma, foi autorizada pelo presidente João Pessoa a compra de um pequeno avião “flit” de turismo. Conforme relata o ex-governador DORGIVAL TERCEIRO NETO (2009) em seu livro “Paraíba de ontem, evocações de hoje”, naqueles dias chegaram à Paraíba, dois italianos, Luigi Fossati e Florindo Perroni, um piloto e um mecânico, vindos de Minas Gerais, mandados pelo então pre-

sidente Antônio Carlos, de Minas Gerais, para conduzir a aeronave, que foi levada até a cidade de Piancó, onde se improvisou um pequeno campo de pouso. Ao tentar decolar para atacar os rebeldes de Princesa Isabel, o pequeno avião espatifou-se por cima de uma cerca, onde ficou enganchado. E conforme relata o ex-ministro José Américo de Almeida, em seu livro *O Ano do Nego* (1988), “o aviãozinho arrastou-se como um pássaro de asa quebrada”.

Mas o governo paraibano não desistiu de seu intento. Nessa época, chegou à Paraíba um piloto francês, Charles Astor, que veio como emissário do aviador paulista Reinaldo Gonçalves, que oferecia a venda de outro mono-motor, denominado de Garoto. Negócio feito, o avião foi comprado. Depois de uma série de desentendimentos, inclusive com o governo de Pernambuco, que tentou apreender a aeronave, finalmente o dito avião pousou em Piancó, no dia 25 de julho de 1930. Ao chegar a Piancó, o piloto Fossati, adoeceu de uma enfermidade até hoje não revelada e veio a falecer. Deste modo, o avião passou a ser conduzido pelo mecânico Peroni, que também entendia um pouco da arte de pilotar. E assim, foram feitas várias incursões a cidade de Princesa Isabel e região, tanto no lançamento de panfletos, conclamando a cidade a depor as armas, como também no socorro aos policiais no tocante à distribuição de armas e alimentos.

Está é a verdade dos fatos, contada, como já dito, por muitos, como o ex-governador Dorgival Terceiro Neto, ex-ministro José Américo, Ademar Vidal, no livro “João Pessoa e a Revolução de 30” e, mais recentemente, em documentário intitulado “Princesa do Sertão”, exibido em 2011, pela TV- Senado. Mas vejam a versão fabulosa de Miguelão, contada na barbearia de Zé Moreira, já nos idos de 1950.

Na ocasião, estava presente no recinto o velho Miguel de Almeida, que conhecia a história, pois era irmão de José Américo e que acompanhara de perto o desenrolar dos acontecimentos,

pois era na época, Secretário de Segurança Pública do Estado da Paraíba, tendo inclusive, como já dito, relatado os fatos em seu livro “O Ano do Nego”. Veja a versão de Miguelão:

– No ano de 30, eu era soldado da polícia da Paraíba, e fui escalado para escoltar o piloto e o mecânico do avião que ia até Piancó e de lá partia para atacar as tropas do coronel Zé Pereira. Quando nós pousamos em Piancó, poucos dias depois o piloto um “cabra” lá das bandas do estrangeiro, não me lembro o lugar agora, teve uma febre tão da gota serena que morreu, não durou nem três dias. Aí foi um alvoroço da peste, todo mundo preocupado como danado ia arranjar outro motorista para o avião. Daí eu me ofereci para dirigir o tal do avião, pois no caminho de ida para Piancó o finado Fossati tinha me ensinado tudo. Mas meus senhores esta minha proposta deu uma confusão da gota, aí eu me desentendi com um sargento e desertei e fugi para me apresentar ao coronel Zé Pereira. E lá contei tudo a ele dos planos do governo de atacar a cidade com um avião. Aí ficamos esperando o tal avião, que quando ele vinha voando muito baixo, nós cobrimos na bala, não derrubamos não, mas tiramos ainda as penas do rabo dele.

As penas de que falava o Miguelão, era justamente os boletins jogados do avião conclamando a deposição de armas, caso contrário, seriam novamente atacados com bombas.

Seu Miguel de Almeida, que ouvia tudo impacientemente, não gostando do desvirtuamento da história por parte de Miguelão, já estava em tempo de ter uma síncope.

Miguelão, por sua vez, foi terminando a estória e saindo do recinto. Nem tinha saído direito, ainda estava na calçada da barbearia, quando Seu Miguel de Almeida disse:

– Esse tal de Miguelão é muito MENTIROSO!

Miguelão ao ouvir aquilo voltou irado e já de mão na cintura, querendo puxar o parabellum, perguntou em tom raivoso.

– *O que foi que Seu Miguel disse?*

E Seu Miguel de Almeida, numa batida de pino histórica respondeu:

– *Eu disse que você é muito VENTUROSO!*

Pois bem, tio Diassis, me contou esta estória nos idos dos anos 70, uns vinte e tantos anos depois do acontecido. E eu lhe indaguei se o Seu Miguel de Almeida tinha mesmo ficado com medo de Miguelão. E qual foi a resposta do meu tio:

– *Ora, se não! Meu filho, quem tem “aquilo”, tem medo. E Miguelão era valente!*

Eu que nunca havia escutado a expressão quem tem tem medo. Imediatamente perguntei a ele. Quem tem “aquilo” o quê tio Diassis?

E ele já se aborrecendo respondeu:

– *Aquilo! Ô menino danado para gostar de perguntar. Parece que puxou aos Macedo!*

Percebi que ele não tinha gostado da minha insistência e já estava ficando nervoso. Saí com minha curiosidade de menino, querendo de toda forma descobrir o que era o “aquilo” de que ele falara e não quis me revelar. Na minha luta obstinada, encontrei-me com meu primo Zé de Jacó, que por ser um pouco mais velho já se iniciara nos subterfúgios do mundo. Daí, contei-lhe o que havia acontecido e ele ficou pior do que eu, se torcendo de agonia para desvendar o que seria “aquilo”. E me prometeu o seguinte:

– *Deixe comigo, que vou especular e assim que eu souber te digo.*

Disse isso e saiu, em disparada para realizar sua pesquisa. Eu que não tinha outra alternativa, continuei minha caminhada

de dúvidas pela cidade afora. Acontece, porém, que ao passar em frente ao bar de tio Braulino, vi este, totalmente assoberbado, com o bar abarrotado de clientes e ele sozinho para atender. E na hora me veio a ideia. Vou ajudar tio Braulino, depois que tudo passar aí eu pergunto a ele o que quer dizer “aquilo”.

Dito e feito, passeia servir os fregueses que estavam com uma fome da moléstia, pois eram de cidades vizinhas e tinham vindo à cidade resolver assuntos no Banco do Brasil e àquelas alturas já passara em muito à hora do almoço. Foi uma luta danada, mas, enfim, conseguimos atender a todos e estávamos já esperando novos pedidos, quando, de repente, chega o danado do Zé de Jacó, que vinha numa carreira só, e antes de adentrar ao recinto gritou lá da porta mesmo, em alto e bom som:

– *Florêncio eu descobri. Aquilo é cú!*

Tio Braulino, ao ouvir aquela frase, disse:

– *Respeite meu bar moleque sem-vergonha. Suma daqui agora se não dou-lhe um pisa!*

E assim, foi que uma mentira, recontada tanto tempo depois, provocou um incidente que quase gera outra confusão.



AS FAMOSAS CAÇADAS DAS QUAIS PARTICIPAVAM O NOSSO BARBEIRO ZÉ MOREIRA EXIBE-SE O COURO DA ONÇA MORTA EM SERRA DA RAJADA



A VELHA CADEIRA DAS BARBEARIAS NOS ANOS 50.



APETRECHOS DAS VELHAS BARBEARIAS



ANTIGA RUA GETÚLIO VARGAS, HOJE CALÇADÃO ORLANDO VENÂNCIO. ALGUNS HISTORIADORES AFIRMAM CATEGORICAMENTE QUE OS DOIS INDICADOS PELA SETA SÃO: ZÉ DE ARATACA E LUQUINHA.



FEIRA LIVRE DE CUITÉ ANOS 50/60. OUTRA FOTO DE MIGUELÃO (SETA) QUANDO FAZIA SUA FEIRA. COMO É SABIDO NÃO SE DEIXAVA FOTOGRAFAR E MAIS UMA VEZ APARECE DE COSTAS.

6

O FORRÓ DA BELA VISTA



Já não se faz mais forró como os de antigamente, onde não se podia contar com energia elétrica, nem tão pouco com uma geladeira para se tomar uma cervejinha gelada, e, como canta o Rei do Baião Luiz Gonzaga, a cerveja

era colocada no fundo do pote. O baile era organizado, ali na sala de reboco, antes de começar era preciso aguar o chão para a poeira não levantar. A banda, nada mais do que um bom sanfoneiro, um triangueiro e um zabumbeiro, que tocavam sem reclamar até o dia clarear. Lá pela meia noite, o dono do baile quando percebia que todos os presentes estavam dançando pedia para parar e saía a cobrar a “cota” e pelo meio do salão ia dizendo: “hora da cota, quem não pagar não dança” e todos, ávidos por um relabucho, iam logo pagando. Era assim, e tudo ocorria na maior paz possível. É certo que vez por outra, um gaiato puxava a peixeira e acabava o gostoso samba.

Quando falo dessas festanças, não posso deixar de citar o meu amigo e primo Ciciliano, que tem uma presença de espírito impar e para tudo que houver, tem sempre uma resposta na ponta da língua. Certa feita, organizaram um forró, improvisado, e para tanto trouxeram um sanfoneiro amigo, que se dispôs a to-

car de graça. Mas ainda assim, a turma resolveu fazer uma vaquinha para ajudar o tocador. Então saíram no meio do salão a pedir “*uma ajudinha para o sanfoneiro*” e ao abordarem Ciciliano sucedeu-se o seguinte “causo”:

– *Ciciliano você pode dar uma ajudinha ao sanfoneiro?* Perguntaram as arrecadadoras da cota.

Ao que o espirituoso e impetuoso respondeu.

– *Posso não. Eu não sei tocar!*

Assim eram os gostosos e inocentes forrós de antigamente. Mas graças a minha prima Luzineide Farias, ainda se pode ter uma pequena amostra e matar as saudades desses bons tempos. Luzineide sempre que pode convoca os amigos para o que convenionei chamar de “*seresta piquenique*”, onde cada um leva suas lancheiras e bebidas e passa até altas horas a curtir boas músicas, dançar e bebericar boas doses do velho uísque. E lá pras tantas, vem Luzineide e Dr^a. Monaliza com um caderno cobrando à velha e tradicional cota, para pagar aos tocadores. E assim, se mata um pouco da saudade desses bons tempos. Ressaltando, que lá se toca de tudo, do bolero internacional, sambas, iê-iê-iê ao velho e fenomenal forró pé de serra.

Mas, vamos ao forró da Bela Vista.

Miguelão já completamente incorporado à sociedade, cui-teense, havia perdido o medo de ir à cidade, agora ganhara a confiança dos moradores, menos a de tia laiá, que ainda não tinha tragado a conversa dos forasteiros.

Mas o quarteto estava muito seguro de si, e já fazia suas peripécias, sem nenhum medo de outras consequências. Naquela época havia sido instalada a “*casa de recursos*”, para onde os solteirões iam todas as noites em busca de aventuras amorosas. O lupanário era conhecido como o Cajueiro e era o ponto de encontro da rapaziada, naquelas épocas difíceis, a fim de terem uma diversão saudável e revigorante.

Certo dia, depois de muita persistência de Zé de Arataca e Luquinha, Miguelão se dispôs a finalmente fazer uma traição a sua Santinha. E saíram no final da tarde com destino ao velho cabaré. Acontece, todavia, que ao passar pela Bela Vista, resolveram dar uma entradinha numa bodega, para tomar um “rabo de galo”. Miguelão mandou que Zé de Arataca, fosse até o Cajueiro, observar se tinha algum policial por lá. Zé de Arataca, mais do que depressa, foi e retornou com a informação de que toda a força pública da época (três soldados e um cabo) estava presente no recinto, o que desmotivou Miguelão a prosseguir com seu intento.

Como não tinha mais o que fazer aquela altura, resolveu continuar ali na bodega a tomar umas e outras. Lá pras tantas começaram a aparecer umas moças da região a conversar com os rapazes e algumas insistiam para dançar, mas não tinha nenhum tocador para animar o “suarê”.

Quando esta conversa chegou ao conhecimento de Miguelão, que já estava para lá de embriagado, num tom de “brabeza”, desembainhou sua peixeira “santa luzia”, e deu um forte golpe numa manta de jabá que havia em cima do balcão que saltou um pedaço, perto de uma cachorra velha que dormia no meio do salão, que acordou com o barulho e de imediato passou o pedaço de carne pra dentro. Aí foi que a fúria de Miguelão se exacerbou, e o malvado deu uma surra com a folha da faca, na pobre dessa vira-lata que saiu correndo em busca do Tanque do Verde e passou-se muito tempo sem se ter notícias da pobre cadela, e as que se tem são duvidosas. A pobre cadela era Violeta e pertencia ao filho caçula do dono da bodega.

Em ato contínuo, Miguelão olhou para o dono da mercearia que estava atônito e disse:

– Mande agora mesmo buscar um sanfoneiro, seja aonde for se não toco fogo nessa geringonça!

O pobre do bodegueiro chamou imediatamente seus dois filhos, um de 16 e outro de 17 anos, e ordenou que os mesmos fos-

sem até o Bujari apanhar o sanfoneiro Chico Aleijado, que apesar de não poder andar por ter uma atrofia nos membros inferiores, consequência de uma paralisia infantil, era um dos maiores tocadores da época.

E saíram esses dois pobres jovens, já perto das nove da noite com destino ao sítio Bujari, a fim de trazer o sanfoneiro nas costas, pois como já dito, não tinha como se locomover.

Naquela época em Cuité, ainda não havia chegado a energia elétrica de Paulo Afonso e a cidade era iluminada até às nove horas da noite por um motor, movido a óleo diesel, de propriedade de Seu Jeremias Venâncio. E lá se vão aqueles dois pobres meninos, com tanto medo que dava dó.

Ao chegarem à Rua 7 de Setembro nas imediações da Agência dos Correios e Telégrafos, a luz se apagou e assim aumentou ainda mais o temor deles. Até então, nenhum dos dois havia lembrado de que, para chegar até o Bujari, tinham que passar ao lado do cemitério, que, à época era afastado da cidade e que despertava muito medo dos transeuntes, pois muitos alegavam que já haviam visto fantasmas e alguns mortos saírem dos túmulos, a assombrar os que por ali passavam. No momento exato do apagar das luzes, Carlinhos, como era chamado um dos irmãos, disse:

– Ô Joaquim, agora que eu tô me lembrando, que a gente tem que passar no cemitério. E eu não vou mais não, num tem quem faça eu ir. Vou nada!

Ao que Joaquim respondeu:

– Homem, deixe de ser medroso, já viu defunto fazer nada com ninguém. Quem já morreu não vem aqui mais não. Pior é voltar e levar uma pisa de Miguelão, que nem ele deu na pobre Violeta, vamos logo, seu besta!

E se foram num vai não vai, da peste. Até que quase se mijando de medo, passaram pelo campo santo, em direção ao Bujari.

Nas proximidades do cemitério meu avô Dedé Fonsêca, tinha um sítio, onde criava umas ovelhas. E naquela tarde passara por ali um casal muito famoso em subtrair o alheio. E ao passar pelo dito sítio o marido ladrão disse a mulher:

– Táis vendo, mulher, aqui é muito fácil a gente roubar, pois quem pastoreia as ovelhas são os defuntos e finado não fala, né? Hoje à noite nós vamo vim buscar um carneiro pra comer assado!

E conforme combinado pelo casal de larápios, chegaram à frente do cemitério por volta das nove e meia da noite. E o marido surrupiadador, ordenou que a mulher, cúmplice no roubo, subisse num pé de trapiá, que ali existia e passasse a observar se vinha alguém, enquanto ele entrava no curral para pegar o carneiro, que, para facilitar a fuga, trazia-o no ombro.

Assim foi feito. Nisso lá vem o Carlinhos mais adiantado trazendo nos ombros o sanfoneiro deficiente. A mulher do ladrão ao ver a cena pensou que se tratava de seu marido e lá de cima da árvore gritou:

– Vixe Maria como esse tá gordo!

Quando os dois irmãos ouviram estas palavras, sem saber de onde vinham, soltaram o pobre do aleijado e saíram em disparada que nem bala pegava, em busca da Bela Vista. E qual foi a surpresa maior dos dois adolescentes ao chegarem à bodega – o aleijado já tinha tocado umas dez vezes a música mulher readeira.

O fato é engraçado, não fosse mais uma peça no complicado quebra-cabeças que tia laiá, vinha montando. Qual seja: a música escolhida por Miguelão e sua trupe, a qual foi cantada diversas vezes sempre acompanhada pela dança na forma de xaxado, era a mesma dos temidos cangaceiros.

A música “Mulher Readeira” é cercada por lendas. Enquanto uns dizem que se trata de um antigo tema popular, os mais antigos afirmam que teria sido feita pelo próprio Lampião, inspirado

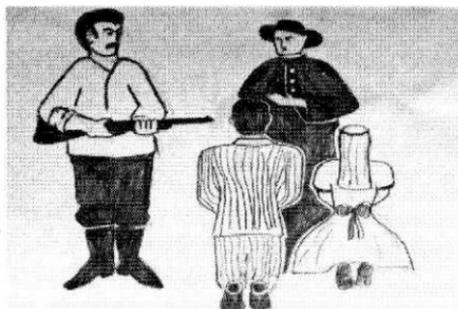
na figura de sua avó, uma exímia na arte de fazer rendas. No ECAD - Escritório Central de Arrecadação e Distribuição, que cuida dos direitos autorais, consta como sendo de autoria de Alfredo Ricardo do Nascimento (Zé do Norte). A quem diga, que foi feito apenas uma adaptação por parte do autor da cantiga já há muito cantada pelos cangaceiros. Penso que a música seja mesmo de autoria de Zé do Norte. Mas o fato já amplamente discutido, não vem ao caso, interessa sim, saber por que Miguelão e seus parceiros cantavam e dançavam com tanta maestria a referida música. Esta foi mais uma interrogação colocada nas desconfianças de tia Iaiá.



O MÚSICO ANDRÉ SANTOS, TOCA MULHER RENDEIRA NO VELHO FOLE DE 8 BAIXOS. O MESMO USADO POR CHICO TOCADOR, NO FAMOSO FORRÓ DA BELA VISTA.

7

O SUMIÇO DE ZÉ DE ARATAÇA



Corria o ano de 1946, e as estranhas personagens já haviam completado oito anos de convivência em Muralhas. Era manhã do dia 12 de junho, véspera do dia de Santo Antônio, data em que se realizam

uniões amorosas entre casais, sendo comum a troca de presente entre os namorados. Margarida, uma bela jovem de apenas 16 anos de idade, nascida em 14 de fevereiro de 1930, filha do “ex-quase” oficial do exército João Nicolau, já havia há muito tempo se enrabichado pelo vaqueiro Zé de Arataça. Desde os quinze anos que mantinham um namorico muito avançado para a época.

Naquele dia, a menina chega a Casa Grande, chorando e muito nervosa, procurando por minhas tias Marica e Iaiá, que ao vê-la naquela agonia trataram logo de consolá-la, perguntando o que tanto lhe agoniava, mas por mais que insistissem não tinham uma resposta da pobre jovem, que pouco falava e muito chorava.

Neste instante, Miguelão, chega à Casa Grande, e, ao presenciar a cena, ficou logo com uma pulga atrás da orelha. Voltou imediatamente a sua casa, onde morava conjuntamente com Santinha e seus companheiros de jornada, e num tom de ameaça de parabellum em punho foi logo dizendo:

– *Zé de Arataca, cabra safado, você ofendeu a filha de compadre João Nicolau, cabra de peia?*

Zé de Arataca, em tom de surpresa, sem entender o que estava se passando, mas já desconfiando de algo disse:

– *Oxente, Seu Miguelão, eu num fiz nada com meu xodozinho não! Pruquê o senhor tá preguntado isso?*

– *Num fez o que seu safado a pobre da menina tá lá na Casa Grande, conversando com as meninas laiá e Marica, numa tremedeira só, chorando que faz pena, tremendo que nem vara verde, sem querer dizer o porquê. Como eu num nasci ontem já matei a charada – Você deflorou a mocinha e agora ela tá prenha não foi?*

Zé de Arataca percebeu que não tinha escapatória e logo confessou o crime.

– *Pois é seu Miguelão. O senhor sabe né a carne é fraca e a danadinha é um pitelzinho, aí me seduziu e eu não resisti e acabei fazendo o que não devia, agora não tem mais jeito né?*

– *Que conversa é essa cabra de peia, num tá vendo que foi você quem seduziu a bichinha. E que história é essa de não tem mais jeito? Tu vai reparar a moça, vamos fazer o casamento dia de São João e não tem conversa! Decretou Miguelão.*

Dito isto, saiu em disparada para a Casa Grande, onde a cena continuava do mesmo jeito, minhas tias tentando desesperadamente consolar a jovem moça. Ao adentrar, Miguelão foi curto e grosso e sem nenhuma cerimônia foi logo disparando:

– *Meninas eu já sei o que se sucedeu. O nego Zé de Arataca buliu com a menina e ela tá prenha.*

– *Ave Maria cheia de graça, que desgraça!* Gritaram as irmãs simultaneamente.

– Não se preocupem não, *meninas que eu já tracei meus planos e nós vamos fazer o casamento dia de São João*. Declarou Miguelão.

Tia laiá, refeita do susto e encorajada pelas suas desconfianças, não titubeou em dizer em alto e bom som, ao tio Dosanjos, que acabara de apontar na porteira do curral do gado:

– *Eu não disse Dosanjos, que não dava certo nós acolher esses forasteiros aqui em Muralhas, veja só o que aconteceu— o lúbrico, tarado e safado do Zé de Arataca, seduziu a filhinha de compadre João Nicolau e desmantelou a vida da bichinha. E agora, que é que tu vai fazer, seu teimoso?*

Tio Dosanjos, em sua santa paciência disparou: – Tenha calma, laiá, isso é da juventude mesmo. Agora é só nós fazermos o casamento e tá tudo resolvido.

Tia Marica, que a tudo assistia e tinha uma calma que dava gosto, resolveu botar água na fervura:

– *É isso mesmo, Dosanjos, e Seu Miguelão já acertou tudo e até já marcou a data do casamento, vai ser dia de São João e eu achei muito bom, porque assim a gente faz uma festa só. Num tá bom?*

– *Tá bom demais. Prepare o peru e as galinhas, que segunda-feira, vou falar com Chico Tocador pra vir tocar o baile e já vou comprar as bebidas do botequim. E por falar nisso, compadre João Nicolau já tá sabendo do ocorrido?*

Ao que tia laiá respondeu:

– *Tá não, e quando ele souber vai ser um Deus nos acuda. Se nunca houve morte nas Muralhas, dessa vez nós vamos ver sangue!*

– *Tá conversando besteira, menina laiá, deixe que com compadre João eu me entendo*. Disse Miguelão, já cheio de autoridade.

E foi dizendo isso e selando um cavalo para ir até a casa de João Nicolau. Ao chegar lá, foi muito bem recebido pelo compadre e amigo, que mandou apear do cavalo pra tomar uma lapada de cachaça com buchada de bode. Miguelão, depois de embicar quase um litro da malvada, resolveu puxar o assunto do embuchamento de Margarida, um assunto delicado, mas a força da cachaça deu-lhe coragem para falar:

– *Compadre João, o assunto que me trouxe aqui é muito complicado e tô sem saber como começar, mas já que nós somos amigos, vou direto ao assunto, o caso é que o encapetado do Zé de Arataca seduziu sua filhinha e ela agora tá buchuda.*

Ao ouvir tamanha insensatez, João Nicolau se desesperou e num arroubo de valentia, foi logo se levantando e caminhando em busca de seu quarto, vestiu a velha farda do exército, deu de garra de sua garrucha calibre 22 LR, marca Castelo, fabricada em 1940, a qual tinha dois canos, que na época se dizia: “são dos tiros e uma carreira”. E disse:

– *Vou agora mesmo a Muralhas, se aquele fela-da-puta não reparar o desmantelo, vai casar com minha pistola!*

Disse isto e partiu em disparada, que nem bala pegava.

Naquela época, o crime de defloração era uma coisa muito séria. Conforme ensina a historiadora *Pollianna Milan (2010)*, “deflorar significa tirar a flor”. Esse termo foi criado pela Justiça ainda no Código Penal de 1830, mas tornou-se crime previsto com esta nomenclatura no Código Penal de 1890. É definido pelo Artigo 267 como crime contra a segurança da honra e honestidade das famílias e do ultraje ao pudor público. Na consolidação das Leis Penais de 1932, o assunto ainda aparece como: “Deflorar mulher de menor idade, empregando sedução, engano ou fraude”. Justamente em 1932, houve a adoção da Consolidação das Leis Penais e, em 1942, o crime de defloração foi substituído,

na legislação do Código Penal de 1940, pelo crime de sedução, onde a defesa da honra passava a ser direito das jovens entre 14 e 18 anos. Era, então, um crime contra os costumes e só deixou de ser punido a partir de uma lei complementar de 2004.

Era um tabu tão enraizado que a recíproca também era verdadeira e o Código Civil de 1916, também é marcante nesta área, porque regulamentava a condição feminina: a anulação do matrimônio, por exemplo, poderia acontecer se o marido, sem saber disso, casasse com uma mulher deflorada.

Assim há de se entender o desespero de João Nicolau. Caso Zé de Arataca, não casasse, a pobre jovem estava com sua vida arruinada.

Ao chegar à Casa Grande, João Nicolau deu logo de cara com o vaqueiro que manejava o gado para o curral que ficava ao lado. Ao ver chegar João Nicolau, Zé de Arataca foi logo se justificando:

– Pois é Seu João, aconteceu essa desgraça, o sinhô sabe né eu não queria mais ela vivia me acatruzando, daí eu escorreguei. Mai o sinhô não se preocupe que já tá tudo frimado, vou casar dia de São João, num tá bom assim?

João Nicolau, num gesto de alívio disse: *– Então tá certo!*

E qual foi a grande surpresa daquele São João? Ao amanhecer o dia, o perverso Zé de Arataca, havia sumido sem deixar rastros. E assim fez-se grande rebuliço nas Muralhas e a inocente menina ficou desamparada sem “eira nem beira”, como se dizia à época. E o caso foi parar na polícia.

CERTIDÃO EXPEDIDA PELO DELEGADO
DANDO CONTA DA QUEIXA PRESTADA
Saibam quantos tomem conhecimento deste instrumento dado e passado em público

por Autoridade Policial e a requerimento da parte do dia 24 de junho do Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1946, nesta cidade de Cuité, compareceram a esta Delegacia de Polícia o senhor João Nicolau dos Santos, acompanhado das testemunhas Miguel Miquelino Ferreira da Silva, mais conhecido por Miguelão e Cícero Romão Lucas de Sousa, de alcunha Luquinha, a fim de prestar queixa contra o senhor José Apolinário da Conceição vulgo Zé de Arataca, acusado de seduzir e deflorar a menor de idade por nome de Margarida, filha do depoente. O acusado que havia prometido contrair núpcias com a menor ofendida e assim reparar o dano, se evadiu e encontra-se em lugar incerto e não sabido. Fica assim intimado a comparecer a esta delegacia para prestar esclarecimentos nos autos do Inquérito Policial, competente instaurado nesta data, fica também notificado qualquer cidadão que venha a ter ciência do paradeiro do foragido, no sentido de cumprir com o dever cívico de notificar esta autoridade policial, para a devida tomada de providência no sentido de recambiar o mesmo a Cadeia Publica de Cuité.

Segundo consta, esta certidão convertida em Mandado de Citação, foi publicada por três dias consecutivos em jornais de grande circulação (infelizmente não foi possível, recuperar os originais). Como ninguém deu conta do acusado, o mesmo foi julgado e condenado como revel.

No desenrolar do processo, houve a oitiva das testemunhas. Para tanto foi arrolada para depor, a esposa de Miguelão, Maria Piedade da Natividade, mais conhecida como Santinha, que no dia e hora marcada compareceu à delegacia, para prestar depoimento, quando aconteceu o seguinte diálogo entre a testemunha e o delegado:

Delegado: – *Quer dizer que a senhora é a testemunha **arrolada** no caso do defloramento da menor Margarida?*

Ao que Santinha respondeu: – *Não senhor, a “**rolada**” foi a filha de seu João Nicolau e o criminoso foi o infeliz do Zé de Arataca.* O delegado vendo a inocência da testemunha desconversou e prosseguiu com o depoimento.

Felizmente, tudo acabou bem, pois Margarida muitos anos depois, arranhou um casamento (com o novo vaqueiro que substituiu o fugitivo). De seu romance com Zé de Arataca, teve uma linda menina que a batizou com o seu próprio nome e que como a sina da mãe, fugiu com um funcionário de um parque de diversões que ancorou em Cuité, em meados dos anos 70, para abrihantar a Festa da Padroeira. O destino de Margaridinha conto depois.

Quando digo felizmente tudo acabou bem, alguém há de dizer: como tudo bem? E eu faço mais uma vez o uso de um ditado popular para explicar o porquê. Diz o dito: “pior seria se pior fosse”. Já pensou se tivesse acontecido o que houve na mesma época, na pequena cidade de Cafundós do Judas? O caso seria até hoje tema de chacota para com Cuité. Eis os fatos ocorridos naquela época, naquela pequena cidade.

Aconteceu também lá uma questão (naquela época as contendas jurídicas eram chamadas de questão) de defloramento, sendo este acompanhado pela acusação de estupro, perpetrado por um senhor com a idade já avançada contra uma menor.

Na cidade não existia, à época, nenhum advogado de formação acadêmica, e para amparar o acusado foi designado um “defensor dativo” que é uma pessoa indicada por um juiz para defender aquele que não podem constituir um advogado. Tudo pronto, chega o dia do julgamento.

O rábula cheio de si, e na ânsia de provar a inocência do seu constituinte, vez que o caso era indefensável e era muito difícil a constituição de provas, teve a ideia de levantar na tese de defesa que o acusado era impotente, o desfecho do caso não poderia ter sido mais hilário, veja:

No dia do julgamento, na presença de todos os participantes, o rábula solicitou ao acusado que colocasse o “instrumento do crime” para o lado de fora, a fim de provar sua tese e passou a gritar aos quatro cantos que o homem era impotente e assim dizia:

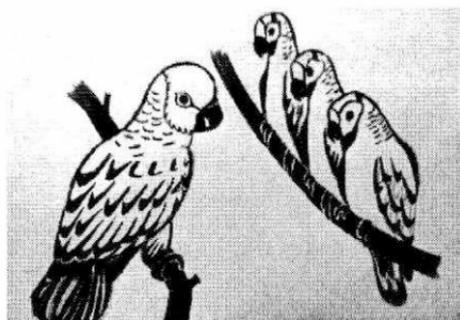
– Vejam senhores este homem já tem mais de setenta anos, não faz mais nada, nem com reza este pobre tem uma ereção, como pode este coitado ser acusado de tamanha atrocidade, isto é uma calúnia, é uma infâmia, condenar este pobre é uma injustiça.

Ao proferir estas palavras o danado do rábula pegava na perseguida e balançava pra lá e para cá. Foi quando o estuprador, falou baixinho no ouvido do seu defensor:

– Doutor o senhor pare de pegar e balançar se não nós vamos perder a questão!

8

A ESCOLINHA DE MIGUELÃO



Naqueles tempos idos, era muito difícil se estudar, não havia escolas suficientes para todos e as poucas que existiam eram implementadas por alguns fazendeiros que, geralmente, as instalavam

na sede da fazenda e contratavam uma professora para ensinar as primeiras letras aos seus filhos e aos dos trabalhadores.

Miguelão, como já ressaltado, sabia ler e escrever e, então, propôs ao meu tio Dosanhos, abrir uma escolinha onde ele pudesse lecionar aos meninos da região. A proposta foi prontamente aceita. Assim foi criada a “Escolinha de Miguelão”.

Conforme me contou tio Diassis, tio Dosanhos antes de autorizar o funcionamento da escola, contou da sua vontade de colocar tal escola, pois já ouvia há muito tempo a história contada pelo seu pai Minervino, que falava de um tal Mané Franco, o qual abriu também uma para ensinar aos seus filhos ler e escrever. Segundo ele, nesta escolinha, até um papagaio aprendeu a ler. Vejo hoje que o velho Minervino não havia inventado esta conversa, pois tive a grata satisfação de lê-la no *blog genealogia sertaneja*, postada por Isabel Pinto, que conta muitas histórias de Mané Franco, veja:

“(...) Quando as pessoas iam visitá-lo, ele mostrava o papagaio, que sempre ficava em um galho de árvore perto do alpendre da casa. Dizia Mané Franco que desde que trouxe o papagaio para sua casa, aquele era o lugar predileto da ave.

Naquela época, não existiam escolas. Era costume, então, contratar uma professora que ia até uma casa e de uma vez ensinava a todas as crianças, geralmente irmãos e primos, a ler e escrever. O método era a “cartilha”.

Com Mané Franco não foi diferente. Contratou uma professora para ensinar seus filhos. As aulas eram ministradas no alpendre, onde a professora dizia aos seus alunos: “B com A Beabá, B com E, Beebé, B com I, Beíbi” e assim por diante.

O papagaio ali, no galho da árvore, prestava atenção a tudo. Certo dia, o papagaio desapareceu, Mané Franco nem ficou preocupado, pois ele estava acostumado a desaparecer por uns dias e depois voltar. Mas, daquela vez foi diferente, o papagaio não voltou.

Mané Franco ficou triste já que tinha se afeiçoado ao bichinho.

Passou um tempo e sobreveio uma seca horrível. Nenhum pé de árvore tinha resistido. A vegetação ficou cinza. Mané Franco, sempre montado em seu cavalo estava indo para a cidade quando avistou, de longe, uma árvore bem grande que estava verdinha, verdinha.

Ficou abismado e resolveu chegar perto para ver que árvore era aquela que havia resistido à seca. Quando se aproximou da árvore começou a escutar: “B com A, Beabá, B com E, beebê, Bê com I Beibi”. E aí pode ver que na verdade a árvore estava cheia de papagaios e no meio deles quem estava? O papagaio dele.

Mané Franco foi logo perguntando: “Que você tá fazendo aí meu loro?” Ao que o papagaio respondeu: “tô ensinando essa cambada de burros a ler, mas não se preocupe que logo, logo, vou voltar”.

E não é que tempos depois o papagaio voltou! E, a todos que chegavam a sua casa Mané Franco contava as duas histórias e mostrava o papagaio, sempre empoleirado no mesmo galho da árvore que ficava perto do alpendre e dizia: "Tá vendo, é por isso que não vendo ele por dinheiro nenhum do mundo". (Isabel Pinto, 2008)

Quando, terminou de contar esta história, Tio Dosanjós, decretou:

– Se até o papagaio de Mané Franco aprendeu a ler, porque esses meninos vão se privar disso. Pode abrir a escola.

E assim, o sábio e orgulhoso docente passou a ministrar aulas no período matutino e a passar diversas tarefas para que os alunos as fizessem no período vespertino em suas residências.

Essas atividades de Miguelão, também causaram desconfianças a tia Iaiá, pelo linguajar e pelo modo de se expressar do mestre Miguelão. No ensino das primeiras letras e dos números, sempre se utilizava de fatos ligados ao cangaço.

Quando cursei meu primeiro ano de estudo, tive como professora a minha prima Ismália Fonsêca, de saudosa memória, aquela que me alfabetizou, mostrou-me conhecimentos, me ensinou a ler e escrever, a fazer as primeiras contas, usar a régua e outras coisas que guardo na minha memória. A primeira professora é aquela que nos dá saudade, quando voltamos ao passado.

Pois bem, era comum a professora Ismália, fazer perguntas e para tanto se utilizava de exemplos com elementos da natureza, como frutas, animais, em fim coisas de conhecimento do alunado.

Lembro-me de uma pequena menina de nome Mariazinha, que sentava bem próximo a mim na sala de aula. Vaidosa, chegava à aula, já naquela época, de unhas pintadas, baton, e muito pó de rouge francês, substituído hoje pelo americano *blush* (por certo, achava ela que a pintura lhe dava sabedoria). Mas, com toda esta parafernália de maquiagem, a pobrezinha não deixava de ser burrinha. Chega dava dó. Uma vez a professora fez uma pergunta

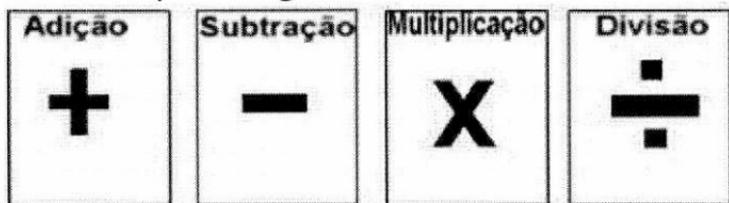
simples de ser respondida, mas a danadinha deu uma resposta que provocou risos de toda a turma e a ira da professora, pois pensou tratar-se de um deboche. Veja a pergunta e a resposta da minha coleguinha:

Indagou a professora: – Mariazinha, se você tiver uma dúzia de laranjas e eu lhe der mais dez laranjas, você vai ficar com _____?

Ao que a menininha respondeu na hora.

– *Eu vou ficar CONTENTE!*

Doutra feita, a professora, dava aula de matemática e para tanto nos mostrou os sinais das quatro operações, e fez o seguinte desenho no quadro negro:



Aula terminada e, no dia seguinte, a professora, dando prosseguimento a matéria vista na aula do dia anterior, e depois de nos ensinar a adição, passou os exercícios que nada mais eram do que pequenas contas, armadas mais ou menos assim: **(5+8=)**. Eram várias as contas que tínhamos que responder, e passamos a quebrar nossas cabecinhas, com aquelas difíceis somas. A classe no mais absoluto silêncio, quando, de repente, ouve-se a voz da nossa coleguinha a interrogar a professora com a seguinte pergunta – veja a questão de gaveta feita pela pobre aluna:

– *Professora, o que são estas cruzinhas no meio das contas? Morreu alguém foi?*

Penso que dona “Adição” morreu de susto naquele dia, com a pergunta da minha coleguinha. Que não havia aprendido nem os sinais, que dirá fazer as operações!!

Noutra vez, numa aula de geografia, a professora nos ensinava todas as capitais dos estados brasileiros, quando percebeu que Mariazinha, não estava prestando atenção à explicação e, assim, chamou a atenção dela. De quebra, perguntou qual era a capital do Ceará. E veja o que respondeu a aluna:

A capital do Ceará é... é...é...

Eu que estava próximo a ela tentei ajudá-la e para que a professora não me censurasse, passei a lhe dar dicas e para tanto fiz alusão as fortalezas construídas em tempos de guerras para proteger os castelos reais e assim falei: – lembre-se da guerra, do lugar de onde se atira.

E ela com ar de sabedoria disse: – *Eu já sei. É espingarda!*

Assim era a metodologia aplicada pela nossa professora. Miguelão por sua vez, usava os mesmos artifícios no seu intento de ensinar. Todavia, como observava tia laiá, os exemplos eram trágicos, veja alguns mais utilizados:

– *Tenho um parabellum, de nove tiros, se eu disparar quatro, ficam?*

– *Lampião vinha com mais de vinte cangaceiros, os macacos da polícia atiraram e derrubaram três quantos ficaram?*

Quando o assunto era os ditados populares, ele sempre se valia do que diz: “QUEM COM O FERRO FERRE, COM O FERRO SERÁ FERIDO”. De tanto repetir este, provocou, certo dia, a indagação de um dos alunos que perguntou o que ele queria dizer com aquelas palavras.

O fato, fez com que Miguelão desse uma aula voltada única e exclusivamente para os provérbios populares e no final determinou que cada um dos alunos trouxesse, no dia seguinte, dois desses ditados.

Cabe, por oportuno, ressaltar as opiniões que os filósofos têm a respeito desses ditos populares. Conforme Marilena Chauí afirma no texto “Senso Comum e Transparência”,

“Sartre disse, certa vez, que não conhecia coisa mais triste do que os provérbios. De fato, os provérbios constituem a chamada cultura popular ou o senso-comum de uma sociedade, por meio dos quais ela exprime, de maneira extremamente sintética, suas opiniões sobre a vida, o mundo, os seres humanos, as divindades, o bem e o mal, o justo e o injusto, a verdade e a ilusão. E essas opiniões são pessimistas, ou melhor, moralistas”. (Marilena Chauí, 1996/1997).

A autora conclui, por fim, que “os provérbios exprimem o senso-comum social e são preconceitos cristalizados sob a forma de prudência ou de virtude moral”.

Outro dia, ouvia atentamente uma entrevista de um psiquiatra forense, que abordava temas acerca da violência, em razão de um crime bárbaro que chocou toda a sociedade paraibana, pois um adolescente de apenas quinze anos, assassinou a tiros de revolver uma jovem de treze anos, no recinto de uma escola pública na cidade de João Pessoa. Indagado sobre o que leva uma criança a cometer tal atrocidade, ele depois de enumerar muitas razões para o crime, disse o seguinte: “no Brasil, existe muitos ditos populares que incitam a violência”, e, para exemplificar citou o que diz: EM BRIGA DE MARIDO E MULHER, NINGUÉM METE A COLHER”. Isto me trouxe de repente à memória um fato ocorrido em 1993, que passarei a relatar de forma sucinta.

Naquela época, eu ainda pertencia a Universidade Federal da Paraíba, e como tal fomos participar, juntamente com outros trinta colegas, de um congresso sindical de nossa categoria, na cidade de Brasília – DF. Foram três dias cansativos de viagem de ônibus, e, para amenizar o sofrimento, contávamos com as pe-

raltices de outros colegas, principalmente de um servidor lotado no CT/UFPB, campus de João Pessoa, que foi e veio da viagem numa alegria só. Chegamos à Paraíba numa sexta-feira, e já na segunda tivemos a notícia pela Radio Tabajara, do assassinato do nosso querido colega, vítima de traumatismo craniano, provocado por pancadas na cabeça, com uma barra de ferro, desferidas por um marido que discutia com sua esposa em plena rua e ele achou por bem interceder pela esposa surrada. Não quero aqui, depois de tanto tempo, justificar a tragédia, porém penso que o dito popular neste caso não incitou a violência. Pois se o nobre colega de saudosa memória o tivesse levado a sério, não teria se metido na briga do casal, que, por sinal, nem conhecia.

Meu primo Ciciliano tem consciência deste ditado e ainda acrescenta que quem se mete em briga de casal, é quem mais apanha, pois apanha dos dois lados. E ainda diz que o ditado certo seria: *EM BRIGA DE MARIDO E MULHER, NINGUÉM METE!*

Sem querer adentrar nas discussões sócio-filosóficas do que vem a ser esses provérbios, se são ou não, a expressão do senso-comum social, como afirmou, Chauí, penso que não podemos deixar, de vez por outra, aludirmos a esses exemplos, sem no entanto, querer discriminar ou tratar de forma preconceituosa quem quer que seja. São expressões populares que já ouvimos há tanto tempo, que ousamos repetir sempre no nosso dia a dia. Mas, deixemos a filosofia para os filósofos e voltemos à escolinha do Miguelão.

Como na minha escola primária, na de Miguelão também tinha uns energúmenos. Um deles se chamava Zuquinha, que vinha a ser neto do famoso e “ex-quase” oficial do exército João Nicolau, de quem já falamos.

Zuquinha, apesar de muito esforçado coitado, era burro que fazia pena. Era o que chamava o meu professor no Colégio Agrícola de Bananeiras, Vital Santa Cruz: “o menino era burro

com 50 érres”. O dedicado aluno costumava vir todos os dias a aula e sempre era o primeiro a chegar, porém, naquele dia, percebeu-se que algo estranho acontecera, pois já passava das sete e Zuquinha ainda não havia aparecido. Só depois foi que se soube o que tinha acontecido com o pobre aluno.

Como já enfatizado, tratava-se do aluno mais esforçado da turma, que chegara em casa, naquele dia, louco para conversar com o avô, a quem iria pedir que lhe ajudasse na tarefa escolar e lhe ensinasse dois ditados populares. E qual foi a tristeza do pobre menino – seu avô João Nicolau, tão tagarela e metido a sabido, não conhecia nenhum, o que causou grande perturbação ao jovem aprendiz. Mas, esse não se desesperou. Na manhã do dia seguinte, levantou-se bem cedo, pegou seu burrinho no curral e partiu para as Muralhas em direção a casa de tio Zé Déu, a quem pretendia pedir ajuda. Para sua felicidade, lá encontrou guarida para sua aflição.

Ao chegar à casa de tio Zé Déu, foi logo dizendo:

– Seu Zé Déu, pelo amor de Deus me ajude, senão Miguelão me mata hoje na escola!

Tio Zé Déu, então perguntou do que se tratava e ele, com a voz trêmula, contou o que se passava. O experiente homem, que tinha como hábito vez por outra se valer dos ditados em seu mundo de negócios, disse:

– Ô meu filho, isso é café pequeno, aprenda logo esse e, quando você decorar eu lhe ensino o outro. E sapecou o seguinte ditado: – “ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA, TANTO BATE ATÉ QUE FURA”.

E deu uma hora para que o jovem ensaiasse o provérbio até aprender. Decorrido o tempo indicado, ordenou que o menino falasse o que tinha aprendido, o que ele fez com segurança. Assim, imediatamente ditou o outro para o devido treinamento de Zuquinha. Eis o outro adágio: – *“MAIS VALE UMA POMBA NA MÃO*

DO QUE DUAS VOANDO". E o menino, por sua vez, passou a repetir sem parar. E no fim de uma hora já se sentia seguro e muito feliz, porquanto aprendera e, com certeza, faria uma boa surpresa ao velho professor. Repetiu com maestria, para o deleite de tio Zé Déu e com um vasto sorriso nos lábios partiu para a sua aula.

Ao chegar à escola, a aula já havia começado e logo de cara, foi repreendido pelo atraso, o que com certeza, coitado, mexeu com seus nervos. A essa altura, quase todos os alunos tinham professado seus ditados e, antes mesmo do pobre Zuquinha se sentar, o malvado professor Miguelão determinou que ele apresentasse para toda a turma os seus provérbios. O púbere estudante já bastante nervoso disse:

– Professor, Seu Zé Déu, me ensinou dois, agora eu só tô me lembrando de um!

Foi novamente censurado pelo perverso professor, que falou:

– Além de chegar atrasado, ainda traz a tarefa pela metade, mais diga logo antes que se esqueça do outro também! Ordenou Miguelão.

E Zuquinha, ainda gaguejando, sapecou o seguinte e novo provérbio: *"MAIS VALE UMA POMBA DURA NA MÃO DO QUE DUAS MOLES VOANDO"*.

Nesse dia, foi grande o reboiço nas Muralhas. Tio Dosanjos, que estava presente, pois resolvera assistir em caráter especial aquela aula, por julgar que seria muito interessante, acusou Miguelão de estar ensinando indecências aos meninos e, acima de tudo, desrespeitando a sua casa. A felicidade foi que minhas tias também tinham marcado para assistir a solene aula, porém, de última hora, resolveram visitar uma amiga que se encontrava enferma. Quando todos os alunos se foram, tio Dosanjos ainda indignado com tamanha imoralidade, determinou o fechamento da Escolinha do professor Miguelão.

E assim, *não foi dado a Miguelão o direito de argumentar que o asinino Zuquinha*, ao misturar os dois provérbios em um só, teria realizado um grande feito, pois adicionou mais um aos tantos existentes.

Este fato contribuiu de forma decisiva para mais uma inovação no Brasil – o movimento estudantil. Pois, no dia seguinte, sem nada saber, chegaram os pobres alunos *ávidos* por continuarem a aprender as primeiras letras, e qual foi a surpresa de todos – a escola estava fechada. Miguelão, em tom de rebelião, convocou a todos para uma reunião no pátio da Casa Grande, e, em tom professoral, induziu os meninos a fazerem uma greve, tendo sido a primeira de que se tem notícia no Brasil. Tio Dosanjós, não tendo outra saída, resolveu reabrir a escola, mas, sob uma condição: dali em diante as professoras seriam Tia Marica e Tia Iaiá. E assim foi reaberta a escola, para felicidade dos meninos, para desespero de Miguelão, que fora sumariamente demitido.

E a vida continuou, e tudo prosseguia na mais santa paz. Tia Iaiá a dar aulas de conhecimentos gerais e português e Tia Marica de matemática, cujo conteúdo dominava com maestria – era inegável sua fama com os números. Sua notoriedade com a matemática era tão conhecida, que na época da colheita de algodão, os trabalhadores que faziam a apanha, só confiavam nela para fazer as pesagens e os acertos de contas.

Tal qual Mané Franco, as minhas tias também possuíam um belo e falante papagaio, o qual batizaram de Xodó. O sabido animal já falava pelos cotovelos, porém só atendia às determinações de suas donas. E nisso dou graças a Deus, pois já pensou ele aprendendo os ensinamentos do Professor Miguelão?

Pois bem, igualmente ao Louro de Mané Franco, Xodó também foi um aluno muito aplicado e, ao perceber que não existia em Muralhas um nível escolar mais adequado para sua sapiência, arribou de casa em busca de novos conhecimentos. Quando Xodó sumiu, as minhas tias ficaram numa tristeza tão grande, que se

fosse hoje teriam sido diagnosticadas como sofrendo de depressão. Felizmente um belo dia ocorreu, para alegria e a cura da melancolia das eficientes professoras, o seguinte:

Estavam elas, no alpendre da Casa Grande, quando, subitamente, surgem dois caçadores, completamente estranhos *àquelas* plagas, o que provocou muito medo às duas irmãs. Os homens, ao perceberem, apressaram-se em dizer que vinham em missão de paz. E passaram a relatar a seguinte estória:

– *Como as moças tão vendo nós samo caçador e tava acostumado a ver de tudo, mai nunca tinha visto uma coisa tão linda.*

E prosseguem os caçadores: – *Nós tava caçando lá pras banda de Serra do Bombocadinho, quando ouvimo umas voz cantando o hino nacioná, no começo pensei qui tavamo doido, já qui faz trei dia qui a gente não come, adepois vimo qui era verdade mermo. Quando nós chegamo perto vimo um magote de papagai tudo cantando, aí meu companheiro aqui, foi logo fazendo pontaria no mai grande qui tinha, intomse eu dixei: homi, não mate esse bichim não, eles são muito sabido e num merece morrer não. Mai as sinhoria, não vão acreditar no qui se sucedeu. O papagai mai vei, dixei: ocês tão caçando por aí e se aigum dia passarem lá em Muraia dê um recado pra minhas mãe laiá e Marica, diga qui eu mandei lembrança e qui eu tô muito bem, desde qui saí de lá que eu tô dando aula e já arranjei o dinheiro, pru mode de continuar meus estudos. Diga também qui eu vou viajar pro estadounido, pru mode de fazer um tá de doutorado. Mai assim qui eu acabar vou voltar. Sim, eu nem dixei meu nome. Eu me chamo Xodó.*

Minhas tias, mais do que de depressa, colocaram almoço para os mensageiros e os exploraram a exaustão, num interrogatório sem fim, pois cada notícia de Xodó era um lenitivo as suas saudades. Mas o fato é que ao contrário de Louro, Xodó nunca mais voltou a Muralhas, porém contam que sempre dava um jeito de mandar notícias e uma das últimas foi a de que havia concluído

o curso de doutorado em Letras Vernáculas na Universidade de Harvard, em Cambridge – EUA.

Mas veja como são as coisas. Recentemente o Globo (2012), noticiou em seu blog(<http://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/>), através da agência Reuters, a seguinte notícia: “Papagaio mais famoso do mundo morre aos 31 anos”. A notícia dava conta da morte do papagaio mais inteligente do mundo, que, nas últimas três décadas, animava o núcleo de cientistas da Universidade de Harvard em Cambridge, nos Estados Unidos. Alex, como se chamava o pássaro, ficou famoso ao aparecer em muitos programas de televisão.

Pois bem, numa das muitas visitas que tenho feito ao Museu do Homem do Curimataú, da Universidade Federal de Campina Grande, em Cuité, onde trabalha meu irmão Flávio Roberto, que por sinal tem se revelado um excelente operário da museologia e para tanto tem se dedicado à busca incessante de fotografias e objetos para a devida classificação, à conservação e à exposição de peças de valor histórico, artístico, cultural e científico do Homem do Curimataú, ocorreu o seguinte diálogo, assistido por André Santos, também funcionário do Museu, outro apaixonado pela museologia.

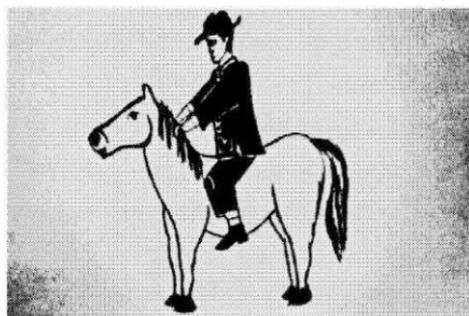
Falávamos sobre a notícia da morte do papagaio Alex, quando Flávio num arroubo de conhecimentos das causas e das famílias do curimataú, saiu-se com esta:

– Eu soube da morte de Alex e fiquei muito triste. Não fui ao enterro porque os afazeres do museu não me permitiram, pois se você não sabia, fique sabendo agora! E prosseguiu: – Alex era neto de Xodó o papagaio de tias Marica e Iaiá, que arribou das Muralhas pelos idos de 1945, e foi fazer doutorado nos Estados Unidos.

E assim, eu fiquei sabendo de mais esta. Para minha coleção de lembranças da velha Muralhas.

9

MIGUELÃO VAI AO COMÍCIO DE ARGEMIRO FIGUEREDO



A política é, no meu modo de pensar, uma maneira de se formar a natureza humana, que faz com que as pessoas definam seu jeito de agir e pensar, que todos os seres humanos têm em comum. Vários

são os ramos da ciência que estudam a natureza humana, incluindo sociologia, psicologia, dentre outros. Assim a política é uma ação comum a todos, qualquer que seja a profissão. Afinal, não se trata apenas de uma profissão, mas de uma ferramenta para a sobrevivência e para a convivência pacífica. Neste sentido, procuro adotar em minha vida um conceito para o termo política, e tenho como base o conceito firmado pelo filósofo britânico Bertrand Russell (1872/1970), que define como sendo: “conjunto dos meios que permite alcançar os fins desejados”. As pessoas às vezes costumam dizer que não são políticas, e que odeiam a política, que os políticos são todos iguais, sem perceber que ao afirmarem isso estão simplesmente praticando uma ação política.

O homem tem que ter a inteligência e a força para mudar as coisas a seu favor e, assim, tem que assumir que, para que haja mudança boa ou má, só depende única e exclusivamente dele. Penso que o povo deve, sim, participar mais ativamente das decisões políticas, como forma de mudar a condição da sociedade em

geral. Claro que quando falo assim, não me refiro apenas à participação nas empreitadas eleitorais. Nós brasileiros temos o costume de participarmos ativamente nas campanhas e, quando elas acabam, voltamos a nossa vida comum, sem nos preocuparmos em como os eleitos vão tratar a coisa pública. Outro lance curioso que ainda ocorre nos dias atuais é o fato de as pessoas, tratarem a política como o fazem quanto ao seu time preferido, o qual defendem seja qual for sua condição e passa a vê-los com os olhos da paixão e não da razão. Daí é comum, na época das contendas eleitorais, brigas de vizinhos, em defesas de seus candidatos.

Como bem afirmou Dorgival Terceiro Neto (1991) “a política que é uma doutrina nos livros é uma arte diabólica na prática.” Desta forma, sonho com o dia em que as pessoas, de uma maneira geral, aprendam que, das boas escolhas, da participação ativa é que depende o seu futuro. O dia em que passemos a votar em propostas e ideias, com partidos políticos fortes, que representem os verdadeiros anseios da sociedade, fazendo a verdadeira política dos bons princípios.

Mas, felizmente aos poucos, num processo longo e demorado as coisas vem mudando, pois observarmos bem, nos últimos cinquenta anos muita coisa já melhorou. Porém, ainda não chegamos lá.

Pois bem. Na Paraíba de 1950, protagonizou-se uma das mais violentas campanhas políticas. Naquele pleito, disputaram o governo do Estado, os senhores José Américo de Almeida e Argemiro de Figueiredo. Os partidários das duas candidaturas radicalizaram tanto suas convicções, que tornou-se comum as passeatas e comícios resultarem em brigas com mortos e feridos.

Uma das maiores tragédias aconteceu em Campina Grande, terra natural do Senhor Argemiro de Figueiredo, quando da realização de uma grande passeata, finalizada por um apoteótico comício, no qual desfilariam grandes cantores da música popular

brasileira como: Luiz Gonzaga, Emilinha Borba, Blecaute, Sivuca, Ester de Abreu, Rui Rei, dentre outros não menos famosos.

Após o grandioso comício, esses ilustres artistas fariam seus shows. Os líderes políticos e candidatos retiraram-se da Praça da Bandeira, palco do evento e se dirigiram para jantar na residência do prefeito Ernani Lauritzen. E quando a multidão ainda se dispersava, chegam ao local os partidários do outro candidato, José Américo, e de repente se formou uma grande confusão, que resultou na morte de três pessoas e mais de vinte feridos. Estes fatos foram narrados pelo historiador campinense Josué Silvestre, em seu livro “Lutas de Vida e de Morte”, que inclusive menciona o nome dos mortos e, segundo relata, morreu naquela ocasião um mecânico pernambucano, que viera do Recife justamente para instalar o elevador dos Correios, a obra inaugurada por ocasião do dito comício.

Conforme narra Renato Carneiro, em seu livro “A Bagaceira Eleitoral”, essa campanha eleitoral foi uma verdadeira guerra:

“Na Parahyba, a eleição de 1950 para o governo do estado tomou a conotação não de uma festa democrática, mas a de uma verdadeira guerra sem precedentes na história política do nosso estado” (CARNEIRO, Renato César, 2011, p.235).

Relata ainda o mesmo autor, que a cidade de Areia, terra natal do candidato José Américo, foi também palco de grandes choques por partidários das duas facções políticas. O que mais chamou a atenção foi a contratação de um pistoleiro de alcunha “Sombra”, por parte do coronel Cunha Lima, simpatizante do “argemirismo”, que juntamente com outros, foram responsá-

veis pela destruição da propaganda eleitoral dos “americistas”. O mesmo autor ainda narra que, em São João do Cariri, a residência do deputado pessedista Tertuliano de Brito, foi fuzilada por membros da Polícia Militar, a mando do coronel Cunha Lima.

Em Cuité, conforme relatos de muitos, ocorreram também sérios desentendimentos entre os partidários da coligação de Argemiro de Figueiredo e um partidário e parente próximo do candidato José Américo. Mas deixemos para tratar esses fatos com maiores riquezas de detalhes numa próxima oportunidade.

Estes foram alguns fatos que marcaram aquelas eleições e até hoje são lembrados e contados por diversos autores. Agora, eles seriam fichinhas em relação ao quase acontecimento que não se deu em razão da intervenção enérgica dos meus tios Dosanjós e Diassis e ainda o morador eventual das Muralhas, Luquinha. O caso que por pouco não se tornou em uma catástrofe aconteceu por ocasião da realização de um comício dos partidários de Argemiro Figueiredo. Fato idêntico já havia se passado com Lampião Açougueiro, em Juramento - MG, conforme colhido no blogouermundo, no texto de autoria de Raphael Reys. Veja a semelhança dos fatos, também ocorridos em Cuité:

Miguelão foi convidado para assistir a um comício político do candidato Argemiro Figueiredo, ao qual compareceram convidados importantes de todo o Estado. Bem vestido, com um terno de linho impecável, bem branquinho e montado em uma bela égua, partiu em busca da festança. Para evitar que os pelos da cauda do animal sujassem a sua alva roupa de gala, amarrou o rabo da égua em que montava, deixando a genitália da mesma exposta, e desta forma não corria o risco de chegar ao evento cívico todo sujo de bosta e urina de égua. O dito encontro político se deu numa rua da cidade e, por azar, o palanque foi armado em frente à casa de uma partidária de José Américo, uma velha dessas intransigentes, politqueira ao extremo, que passou

o dia enfezada, com o alvoroço dos argemiristas, que realizavam os preparativos para o evento. Ao chegar ao local, Miguelão parou à porta da casa da velha, que estava na calçada, e perguntou: – “Dona Maria, onde é o comício? (ao falar embolou a voz e pareceu dizer: onde é que eu como isso?). Ainda mais, por ter mantido uma das mãos apontada para a vulva da montaria (no sentido onde supunha que ocorreria o comício), a velha dando asas à sua subjetividade interiorana e julgando tratar-se de um possível e suposto ato carnal de mais um tarado bêbado do interior responde: – *O Senhor come isso aonde quiser menos na porta da minha casa! Aqui não é canjerê!*” E prosseguiu: – *Já não basta esses capangas do amarelo do Argemiro, ainda vem um velho tarado desses, querendo fazer cabaré na minha porta! – dane-se daqui, velho sem-vergonha!*

Miguelão, sem nada entender, e não era dos que levava desaforo pra casa, deu de garra de seu parabellum e apontou para a velha, que saiu em disparada para dentro de casa gritando pelo marido e pelos filhos. Meus tios ficaram desesperados e depois de muita luta conseguiram tirar o afobado Miguelão do local. Só deu tempo eles saírem, para que os filhos e o marido da politiqueria de mente pervertida aparecessem, cada um de arma em punho, perguntando para onde fora o suposto zoófilo. Este foi um fato que quase entra para a história, daquela sinistra campanha eleitoral, em Cuité.

Alguns talvez ao ler este capítulo não de pensar que este incidente não tinha razão de ser naquela época, porém nem sempre o que parece ser não é, às vezes é algo completamente diferente. No caso que acabei de contar, o pobre do Miguelão, em momento algum, quis faltar com o respeito a sua adversária política, longe dele causar tamanha pouca-vergonha, mas os fatos conspiraram para tal. Coisas da vida. Desta forma permita-me apresentar, outra coincidência que ocorreu naqueles idos, com a manchete do jornal mineiro o Binomio. Veja a notícia:

BINÔMIO

ORÇÃO QUASE INDEPENDENTE

Sombra
e
água fresca

ANO 1

SELO HORIZONTE — DOMINGO, 26 DE JULHO DE 1950

PÁG. 2

JUSCELINO FOI A ARAXÁ E LEVOU ROLLA

GRAVE DENÚNCIA SOBRE A VERDADEIRA FINALIDADE DA VISITA DO CHEFE DO GOVERNO MINEIRO AQUELA ESTÂNCIA

ARAXÁ, 26 — A visita do chefe do Executivo mineiro à estância de Araxá, no Estado de Minas Gerais, há de ser considerada não apenas um ato de lazer, mas também uma oportunidade para o chefe do governo mineiro, que se encontra em

Acabou na polícia a última conquista do banqueiro Luciano

ATE' MENORES VITIMAS DE SUA PERVERSIDADE — UM BOM MEM SEM ESCRUPULOS QUE VIVE DESAFIANDO A FAMILIA REALIZONTINA

ROLLA — Muitos entenderam que a manchete punha em dúvida a masculinidade do governador.

20

Conforme publicado no Jornal Última Hora de Lagoa da Prata, em 26/01/2006, muitos leitores do Binômio – jornal que circulou em Minas na década de 1950 – entenderam que a manchete punha em dúvida a masculinidade de JK, então governador do Estado. Na verdade, a notícia era de uma viagem de JK a Araxá, em companhia de Joaquim Rolla, conhecido incorporador que estava lançando, com o apoio do governo, um enorme conjunto arquitetônico na Praça Raul Soares, o depois batizado Conjunto JK.

Antes disso, quando o Binômio noticiou na capa de uma edição “JUSCELINO VAI POR ROLLA NA PRAÇA RAUL SOARES”, o banqueiro Luciano (proprietário da Usina Luciânia, proprietário do banco Financeiro da Produção, de uma rede de hotéis, entre outros empreendimentos) telefonou para o Palácio da Liberdade pedindo providências em nome da família mineira. Padres subiram ao púlpito de suas igrejas para esconjurar o diabo que andava solto nas páginas do Binômio. (RABÊLO, 1997).

Em consequência desses desencontros e do trocadilho de palavras, o Secretário de Segurança de JK, mandou apreender os jornais nas bancas. A ação foi rápida, com os policiais correndo de banca em banca, atrás dos exemplares, procurando naturalmente guardar algum para sua leitura pessoal. A violência durou apenas 48 horas. O Tribunal de Justiça do Estado obrigou a polícia a devolver a edição.

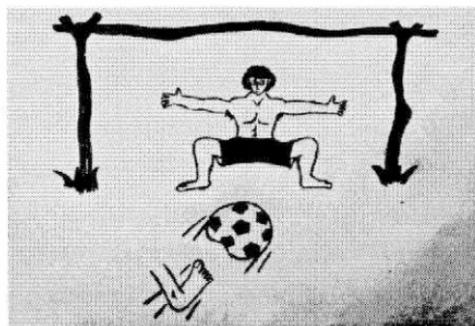
E para noticiar o fato, a manchete do número seguinte não poderia ter sido melhor: "JUSCELINO QUIS PÔR ROLHA NO BINÔMIO".

Como podemos ver, essas confusões não eram exclusividade de nossa querida Cuité.



VEJA NA FOTO DE AUTORIA DE RAPHAEL REYS - MONTES CLAROS - MG. QUAL TERIA SIDO A VISÃO DE MIGUELÃO, SUPOSTA PELA MENTE PERVERTIDA DA POLITIQUEIRA INTRANSIGENTE. (WWW.OVERMUNDO .COM.BR)

A PARTIDA DE FUTEBOL DO SÉCULO XX



O futebol é o esporte mais popular no mundo. Praticado em centenas de países, desperta tanto interesse em função de sua forma de disputa atraente. O esporte tornou-se conhecido no mundo todo

pela sua maneira simples de se jogar: uma bola e duas traves feitas com chinelos, pedras ou pedaços de pau, é o suficiente para se ter um bom divertimento. Assim, na rua, na escola, no clube, no campinho do bairro ou até mesmo no quintal de casa, desde cedo jovens de vários cantos do mundo começam a praticar o futebol.

No Brasil, este esporte ganhou grande notoriedade, depois que Charles Miller, um paulista nascido no bairro do Braz, viajou para a Inglaterra, aos nove anos de idade para estudar. Lá, tomou contato com o futebol e, ao retornar ao Brasil, em 1894, trouxe na bagagem a primeira bola de futebol e um conjunto de regras. Podemos considerar Charles Miller como sendo o precursor do futebol no Brasil. Daí em diante ninguém segurou mais o Brasil, tendo já sido cinco vezes campeão do mundo. No entanto, não podemos esquecer um dos nossos maiores fracassos, quando perdemos em pleno Maracanã para a seleção uruguaia o que seria nosso primeiro título mundial.

Conforme notícias do G1 de o Globo, alguns historiadores alegam que Lampião gostava muito de futebol e teria construído diversos campos de jogo, nos quais teria atuado como zagueiro. Segundo o historiador João Souza Lima, considerado um dos principais historiadores do cangaço, afirmou também ao G1, isso seria mais uma lenda sobre o rei do cangaço. Veja o que disse o historiador:

“(...) Lampião zagueiro – Para finalizar, Lima disse que, na década de 1960, uma empresa pesquisadora de petróleo no Raso da Catarina, em Paulo Afonso (BA), abriu uma pista de pouso para trazer os funcionários de outras regiões que iriam executar trabalhos de pesquisa. Vale salientar que não foi encontrado petróleo no local, apenas algumas reservas de gás. Na década de 1970, um estudioso do cangaço teria encontrado o campo de pesquisa parcialmente encoberto pelo mato e escreveu, em livro, que aquele seria um campo de futebol construído por Lampião. “O pesquisador ainda teria reportado, de maneira totalmente infundada, que o rei do cangaço teria atuado no time como zagueiro”, disse Lima. (G1. Globo.com. 2009)”

Como já dito, a história do cangaço é realmente cheia de controvérsias, com desmentidos e uma guerra sem fim de informações. Assim, para não botar mais lenha nessa fogueira, vamos simplesmente nos ater aos acontecimentos de Muralhas, onde Miguelão – o nosso Charles Miller, e sua trupe introduziram o famoso esporte, contra a vontade de alguns e alegria de muitos.

Pouco depois de aportar em Muralhas, Miguelão propôs ao meu tio Dosanhos, a instalação de um pequeno campo de futebol, no terreiro da Casa Grande, onde passaria a praticar o entretenimento. A construção do dito campo foi, de cara, contestada por tio Zé Déu, que queria um campo de corrida de argolinha, o que provocou uma série de discussões. Finalmente, porém, chegaram a um consenso, vez que um não inviabilizaria o outro. Assim, foi construído um campo dois em um, contemplando os dois esportes.

No Brasil, costuma-se falar que o jogo do século foi o famoso maracanço, quando a seleção brasileira perdeu a partida, em pleno estádio do Maracanã, para o Uruguai, sendo considerado um dos maiores reveses da história do futebol. Pois bem, dizem isso, os que não assistiram à grande, memorável e apoteótica partida entre Muralhas e Campo Comprido, realizada no dia 25 de janeiro de 1951, um feriado, que para Cuité significava muito, pois o evento fez parte das comemorações alusivas à emancipação política da cidade, cujo patrocínio da Prefeitura Municipal se fez presente, com a escalação dos juízes e bandeirinhas e ainda a doação do troféu para o vencedor da partida.

Miguelão, igualmente ao rei do cangaço, jogava de zagueiro, todavia já se achava “meio velho”. Procurou, neste jogo, atuar como técnico e escalar o time de Muralhas, cujo esquema tático expôs no papel, o qual se assemelhava muito com o do técnico da seleção brasileira de 1950, Flávio Costa, que, depois se ficou sabendo, já teria sido adotado pelos escoceses, os quais o denominaram de pirâmide.

O fato provocou um burburinho entre os atletas, que afirmavam que o plano de jogo não havia dado resultado contra a seleção uruguaia e, por isso, achavam que não era uma boa ideia usá-lo naquele jogo. Felizmente, lançando mão da tecnologia da informática, conseguimos agora reproduzir o tal esquema, vez que o original, em preto e branco, se encontra irrecuperável. Ainda assim, possibilitou que fizéssemos uma simulação, conforme a seguir:



A Pirâmide, mesmo após a introdução do WM, continuou a ser largamente usada na Europa (Inglaterra, Itália de 34/38) e na América do Sul (Brasil, até Copa de 50, Argentina, Uruguai), e no Muralhas Futebol Clube, até o fatídico jogo de 1951. Os ataques predominavam sobre as defesas: atacava-se com 6 a 8 atacantes, defendia-se com 2 ou 4 jogadores, marcando por zona.

Este foi também o esquema utilizado por Miguelão para enfrentar o potente time do Campo Comprido, que vinha de inúmeras vitórias na região e que havia “enxertado” o elenco com atletas de Campina Grande, que tinham sido contratados pelo ex-prefeito de Cuité, Humberto Rio Branco da Silva, para trabalhar e jogar no time do Jacú, dentre eles o lendário matador “Dorrego”, e por outros do time da Boa Vista.

O Muralhas Futebol Clube entrou em campo naquele dia com a seguinte formação: Dosanhos (keeper), Déu (half direito), Augusto (back central) Miguelão (back de espera), Benedito de Dedé (half esquerdo), Jaime Ezequiel (médio volante) Adauto (meia ou enganche), Alceu (ponta-de-lança), Severino (ponta direita), João Venâncio (ponta esquerda) Basílio (center four).

A escalação do time visitante não me foi dita, porque não gostavam de lembrar os nomes de seus algozes, e, diziam, repetir isso agora seria muito sadismo. Mas, depois de muito pesquisar, conseguimos os nomes dos atletas que massacraram o Muralhas Futebol Clube. Assim passemos ao elenco do Clube Regatas Campo Comprido, o nome se origina de uma associação de remadores do rio Campo Comprido, que na época era perene e lá se realizavam grandes regatas a remos. Veja a formação da equipe: Zé Marques (keeper), Elias (half direito), Quidu (back central) Nilton Crispim (back de espera), Sérgio Mino (half esquerdo), Zome (médio volante) Zuca Crispim (meia ou enganche), Basílio Marques (ponta-de-lança), Luiz de Dida (ponta direita), Pedro Sulino (ponta esquerda) Dorrego (center four).

O Muralhas Futebol Clube entrou em campo e foi ovacionado pela sua numerosa e predominante torcida, uma vez que jogava em seus domínios. Sob forte queima de fogos e muitos folguedos, entrara em campo os melhores da época, vestindo camisas amarelas de mangas curtas, calções e meiões pretos, com listras amarelas, chuteiras pretas reluzentes, de solado de couro cru, com seis cravos, sendo quatro à frente e dois na parte de trás. Todas pretas, com exceção da de Miguelão que era na cor natural da sola, amarronzada, com uma parte de metal preta na ponta.

Miguelão se escalou, de última hora, tendo em vista que “Zé Paú” um dos melhores zagueiros de então, havia sido acometido de uma indigestão e estava se desmanchando em “merda” (contam, até hoje, que era de medo). O padrão de camisas apresentado naquele dia, pela primeira vez, teria sido um presente de um cabo eleitoral de Argemiro de Figueiredo, o qual Miguelão fez questão de receber pessoalmente no dia do comício, na histórica campanha eleitoral de 50, da qual falamos no capítulo anterior. Como era muito bonito, deixou para inaugurar numa data mais solene.

Já o Clube Regatas Campo Comprido veio a campo, portando o seu padrão tradicional, camisas vermelhas de mangas curtas, calções e meiões brancos com listras vermelhas. Todos os jogadores calçavam chuteiras pretas, todavia o matador Dorrego, preferiu, naquele dia, jogar de pés descalços, pois a chuteira que lhe fora dada de presente pelo Senhor Antônio Coutinho, em Campina Grande, antes de viajar para o Jacú, tinha feito um calo no calcanhar, impedindo-o de calçá-las. Jogou assim mesmo, apesar do campo de chão batido e com muito pedregulho.

A partida teve um caráter de oficialidade e se revestiu de grande pompa. O trio de arbitragem da peleja foi composto por nada mais, nada menos que o Senhor Juiz de Paz e dos Casamentos e então prefeito Basílio Magno da Fonseca, auxiliado por Orlando Venâncio dos Santos (bandeira amarela) e Pedro Simões

Pimenta (bandeira vermelha), os quais disputariam, naquele ano, as eleições para prefeito do município. Antes do início da partida, foi executado, pela orquestra filarmônica municipal 05 de Julho (de saudosas tocatas e memoráveis retretas), o hino nacional brasileiro e o do município de Cuité, com o hasteamento das bandeiras do Brasil, pelo prefeito, a maior autoridade presente ao evento; do Estado da Paraíba, pelo coletor estadual Miguel de Almeida, representando, na oportunidade, o governador José Américo de Almeida de quem era irmão e o pavilhão municipal foi erguido por meu avô materno, Trajano José de Farias, presidente do Muralhas Futebol Clube.

As 15h20, o juiz da partida deu início ao cara ou coroa, com os dois capitães das equipes, Miguelão e Dorrego. No sorteio, venceu Muralhas, tendo seu capitão escolhido ficar com a bola e sair jogando. As 15:30 horas, pontualmente, deu-se o começo do jogo.

Há quem diga que a escolha de Miguelão no cara ou coroa, foi o primeiro erro, o que com certeza culminou com o desastre, pois, ao invés de escolher atacar no primeiro tempo para o lado do poente, não, preferiu, a bola. O que levou seu time, no segundo tempo, a defender-se do lado do nascente. O que fez o goleiro tio Dosanjós, ficar posicionado defronte ao sol que caía para se por. O que ocasionou o encadeamento do goleiro. Que alegou até o fim da vida que os frangos engolidos foram culpa do sol.

A partida começou com um passeio do time amarelo. Aproveitando os chutes fortes do grande centroavante Basílio, numa cobrança de falta, não tardou e eles logo abriram o placar. O gol do Muralhas se deu num ato de esperteza de tio Déu. Veja a sagacidade do exímio atleta:

O nosso excelente half direito, conhecia as manhas de todos os adversários e, dentre elas, a de que o ponta esquerda adversário, Pedro Sulino, tinha uma cócega de lascar, a folgança do

homem era tanta que só em se fazer o gesto a dez metros de distância o pobre já ficava todo se contorcendo. Este é um fenômeno que ocorre com muita gente e a teoria mais aceita pelos cientistas é a de que as cócegas são sistemas de autodefesas do corpo. Segundo essa teoria, o cérebro emite um sinal de alarme e o corpo responde rapidamente.

Pois bem, na hora da cobrança da falta, o goleiro do time visitante pediu a formação da barreira, de repente, tio Déu sai lá da lateral e cochicha algo no ouvido de Basílio (o homem do chute mais rápido do mundo, cerca de 221 km/h. Só quem bateu seu recorde foi o português Cristiano Ronaldo). Os dois astutos atletas perceberam que o “cosquento” do Pedro Sulino estava na formação da barreira. Tio Déu, depois do cochichado, entrou também na formação da barreira do adversário, e este fato também é marcante, pois foi a primeira vez que se viu isto no futebol.

Com esta astúcia, viu-se que algo inusitado poderia acontecer. E não deu outra. Na hora que o juiz trilhou o apito autorizando a cobrança, e numa sincronia perfeita, tio Déu deu um cutucão tão da moléstia no vazio de Pedro Sulino, que por sua vez, deu um pulo tão forte que derrubou toda a barreira. Daí ficou fácil para o artilheiro Basílio mandar sua bomba lá no ângulo e o pobre de Zé Marques nem se mexeu. Resultado: Muralhas um a zero.

Tudo parecia bem, Miguelão na zaga comandando tudo, Jaime Ezequiel no meio do campo cadenciando o jogo e conduzindo o time... Estava tão fácil que Benedito de Dedé e Alceu nem precisaram mostrar a qualidade de seu jogo.

De repente, a orquestra desafinou. O time vermelho reagiu e encostou no marcador, depois que Dorrego de primeira no ângulo, empatou a partida. Miguelão, sem ter nenhum motivo, irritou-se com Augusto, alegando que ele deixou o matador sem marcação. Augusto, calmo como de sempre, não respondeu às reclamações do capitão. Dorrego sem ter nada com a discussão, entrou no meio e começou a provocar o beck de espera, dizendo:

– *Aqui neste timinho não tem quem me marque, vou te dar o drible e te deixar caído, zagueirinho de merda.* Disse em tom de zombaria.

Miguelão, já irado, assim falou:

– *Venha pra cá, que eu te ajeito!*

Não demorou muito para a confusão começar. Bola vai, bola vem e o encapetado do Dorrego, recebeu a pelota na intermediária e driblou três, só faltava Miguelão, que veio com tudo pra cima e levou uma caneta, tão forte que caiu sentado. O habilidoso center four, ficou cara a cara com o goleiro e deu um chute tão violento que derrubou a trave, o que fez com que o juiz invalidasse o gol. O endiabrado Dorrego, era conhecido em Campina Grande como “arranca trave”, dado o seu forte chute.

Miguelão levantou-se batendo a poeira e disse:

– *Na próxima eu te pego, fela-da-puta!*

No outro time, embalados com os chiliques histéricos e folclóricos do Miguelão, tudo estava às mil maravilhas. Já no Muralhas estavam todos irritados com o seu companheiro de time. No time do Campo Comprido, Quidu acertou tudo lá atrás e cerrou a zaga, de maneira que não passava nem vento. No ataque, Basílio Marques, vez em quando, levava perigo ao gol adversário, e ainda se esforçava pra marcar e atacar.

Lá vem novamente Dorrego, fazendo fita em cima da zaga do Muralhas, dominando a bola, quando Miguelão, querendo demonstrar a virilidade de sempre, partiu com muita fúria e sem nenhuma inspiração, deu um carrinho, daqueles que tira qualquer um de campo. Mas Dorrego, hábil como ninguém, deu um pulo por cima das pernas de Miguelão, que se espatifou por cima de um xerém de pedras e rasgou toda a parte lateral da coxa, ficando a se esvaír em sangue. Aí o tempo fechou.

Miguelão levantou mancando e saiu correndo em disparada, em direção ao gol de tio Dosanhos. Quando lá chegou, passou a procurar algo detrás da trave. Até então ninguém sabia do que se tratava. Mas, felizmente tio Déu e tio Severino, já haviam escondido, mesmo antes de o jogo começar, o objeto que tanto procurava Miguelão, nada mais nada menos do que o seu parbellum, que colocara ali embrulhado numa camisa. Como percebeu que não encontrava, partiu, de pedra em punho para cima de Dorrego, a confusão generalizou-se e quase degringolava para um caso mais sério, caso o zagueirão tivesse achado o seu berrante.

Tio Diassis, que, naquela partida, atuou como massagista, correu e pegou a maleta de primeiros socorros, e embebeu um chumaço de algodão em tintura de iodo, e corria ávido para limpar os ferimentos de Miguelão, que era segurado por quase todos os atletas do seu time, pois queria porque queria acertar as contas com o matador Dorrego, na base da tapa. O jogo continuou parado por quase vinte minutos, em virtude da confusão. A torcida invadiu o campo e as discussões se generalizaram, transformando-se no maior bate boca da história do futebol. Cada um que quisesse expressar a sua opinião. Veja alguns trechos:

Tio Déu: – *Miguelão, homem de Deus deixe de confusão, vamos jogar e ganhar na bola!*

Tio Adauto, a Nilton Crispim: – *Compadre Nilton “maneira” a barra, tu tá batendo demais!*

Miguelão, insuportável, parecia uma fera, não queria acordo com ninguém, já procurava de novo pela sua arma.

Zé Galdino, que havia apostado cinco de suas melhores vacas de leite, no time do Campo Comprido, contra apenas um garrote de tio João Vino, gritou em alto e bom som:

– *Ô! Seu juiz, bote moral nesse negócio!*

Tia Adalgisa, que torcia neste jogo pelo Campo Comprido, pois tinha interesse direto na vitória, já que seu primo Zé Galdino tinha prometido dar-lhe o garrote, como de fato deu, caso ganhasse a aposta, saltou de lá e disse:

– *Muito bem, meu primo Zé Galdino!*

Tio João Vino, vendo a hora perder seu belo garrote, advertiu severamente o Zé Galdino e, para irritá-lo, tratou pelo apelido do qual não gostava e pegava um ar quando era assim chamado. Veja o que disse tio João Vino:

– Ô Zé Farofa, não venha agora pressionar o juiz, fique quieto!

Desta feita, surgiu outra discussão que quase chegou às vias de fato.

Meu avô Trajano Farias, que estava até então sem dar uma palavra, disse:

– *Ô! Adalgisa, entre! Vá lá para onde tá sua mãe. Em briga de homem o lugar de mulher é no pé do oratório rezando. Ordenou severamente a sua filha, que, de imediato, lhe obedeceu.*

Realmente dentro de casa, minha avó Conceição já havia chamado tia Marica e tia laiá, minha mãe Vina e todas as suas irmãs e já estavam de joelhos aos pés do oratório, rezando inúmeros pais-nossos e pedindo socorro a Nossa Senhora das Mercês, de que eram todas devotas.

Lá fora, o clima de guerra ainda era tenso, quando o juiz finalmente resolveu chamar o feito à ordem, chamou os dois capitães brigões e os advertiu com veemência. E ia já dando reinício a partida, quando tio Diassis, enfim conseguiu chegar perto de Miguelão e passou o iodo nos seus ferimentos. Foi quando se ouviu um grito tão da gota serena, que deu para se ouvir na cidade! Era Miguelão pulando numa perna só, tão grande foi a dor. Den-

tro de casa as mulheres passaram a chorar e dizer: – *Ave Maria...*
– *Mataram o homem!*

Finalmente depois de muito tumulto, o jogo recomeça, e logo cinco minutos depois terminou o primeiro tempo. O placar marcava Muralhas Futebol Clube 1e1 para o Clube Regatas Campo Comprido

O time visitante se dirigiu ao vestiário improvisado, num galpão onde se guardava as ferramentas dos trabalhadores. O trio de arbitragem, para não se comprometer e não dar o que falar, preferiu passar o intervalo na sombra de um frondoso juazeiro. Já os anfitriões adentraram a Casa Grande, num alarido que não dava para ninguém se entender, depois de matada a sede, Miguelão passou a fazer uma nova preleção, apontando as falhas do time. Ao terminar tio Severino, não suportando disse:

– *Seu Miguelão, o Senhor me desculpe, mas o único culpado desse desmantelo é o senhor.* Daí formou-se outra confusão e desta feita quase o pau canta. Porém a turma do “deixa disso”-chegou e os ânimos foram serenados. Mas ainda assim o nervosismo tomou conta de todo o plantel.

Começa o segundo tempo, num clima de relevante calma-ria os dois times se respeitando. Aos quinze minutos do segundo tempo se deu a virada heroica do time de vermelho. Debaixo de um sol escaldante o zagueiro Nilton Crispim fez um belo gol chutando a bola lá da sua defesa, tio Dosanhos não viu nem o azul. Daí o inferno astral do Muralhas entrou em pretas nuvens e o desastre só não foi maior, porque o tempo não foi suficiente para a ampliação do humilhante placar. Do segundo gol em diante, só deu Campo Comprido; Dorrego o matador, fez mais cinco belos gols, sempre no mesmo estilo, driblando toda zaga e ficando frente a frente com o goleiro. E assim terminou a famigerada partida, com a acachapante derrota de 7 x1.

Pra fechar o evento com chave de ouro, ainda aconteceu essa veja:

O time já se dirigia para o vestiário, quando um dos membros da torcida do Campo Comprido, julgando-se seguro, porque já se encontrava em cima do caminhão para regressar a cidade, achou por bem soltar uma pilhéria a Miguelão, e, em tom de deboche, disse:

– *Miguelão perna de pau, vai jogar gamão que é jogo de velho!*

Ao ouvir isto, Miguelão teve novo acesso de raiva, e partiu pra cima do torcedor. Ao subir no caminhão, pegou o sujeito e levantou, sobre sua cabeça. Enquanto estava com o homem suspenso nos braços, tio Diassis vendo o desastre, gritou lá debaixo:

– *Miguelão esse homem é um soldado!*

E Miguelão com os diabos nos couros gritou: – *Com solda ou sem solda, ele vai se lascar agora...*

Disse isto e rebolou o pobre homem no chão, que só não morreu da queda, porque caiu em cima de um monte de palha de milho.

O placar foi tão irreal, que o fotógrafo e correspondente da Rádio Borborema de Campina Grande, em Cuité, Seu Jorge (autor da maioria das fotos), utilizou-se do telégrafo, já que, na época, as comunicações eram muito deficitárias, para que fosse divulgada a resenha do jogo no programa de esportes da segunda-feira. O texto foi entregue na emissora de rádio com o placar de Muralhas 1x7 Campo Comprido e o cronista esportivo de então, pensou que tinha havido um erro de datilografia e corrigiu o marcador e assim deu a seguinte notícia:

– JOGANDO EM SEUS DOMÍNIOS NA TARDE DE ONTEM O MURALHAS FUTEBOL CLUBE, VENCEU O TIME DO CAMPO COMPRIDO, PELO PLACAR DE 11 A 7.

Até hoje esse incidente serve de gozação – dizem que compramos a imprensa, para escamotear o resultado e diminuir a nossa vergonha.

Pois bem, realmente o danado do jogo vem nos perseguindo até os dias atuais, pois passou a servir de chacota em toda a crônica esportiva do Brasil. O cronista esportivo cuiteense de boa cêpa, sobrinho de minha avó paterna Humberto de Campos, que se destacou em toda imprensa paraibana, atuando em diversas rádios de Campina Grande e da Paraíba, quando ia fazer um comentário de uma grande derrota costumava dizer o seguinte:

–Um desastre maior do que esse, eu só vi na derrota do Muralhas Futebol Clube para o Campo Comprido, em 1951.

Tio Déu contribuiu naquela afamada partida, além de jogar é claro, com a arte de sapateiro. E certa feita, já nos idos do ano de 2008, por ocasião de sua festa de aniversário de noventa anos, me disse o seguinte:

– Oh! For, (como carinhosamente me chamava). Quando me lembro, que passei a semana inteira trabalhando e paguei até hora extra aos funcionários para confeccionar e recuperar as chuteiras, daqueles pernas-de-pau, tendo terminado de lustrar todas no sábado a meia noite, para aqueles danados fazer uma lambança daquelas. Chega me dá desgosto, só de falar.

E concluiu: *– Vamos logo mudar de assunto, que o dia hoje é de festa.*

Tio Aduino, certa vez depois de muito eu insistir, resolveu falar do jogo e, sempre na defensiva, assim falou:

– Meu sobrinho, aquele não era nosso dia de sorte, eu mesmo perdi uns três gols. Só eu e a trave, e eu chutei todas às vezes para fora. Era um azar da gota. Também depois daquele dia joguei a chuteira fora e nunca mais passei nem perto dum campo de futebol. Foi muita humilhação! O nosso time era afamado e

não perdia pra ninguém! Só voltei no campo de futebol uma vez, quando eu era vereador e o prefeito me pediu para representá-lo na entrega do troféu no campeonato municipal de Cuité em 1977.

Tio Diassis, o massagista, disse:

– Acho que um dia tínhamos que perder pelo ao menos uma vezinha. Pior foi o Brasil no Maracanã, aquilo é que foi uma vergonha!

Já tio Dosanjós, dizia sempre, justificando os frangos que tomara:

– Eu já acho que o erro foi do danado do Miguelão. Olhe, no segundo tempo, o sol era todo na minha cara. Quando Dorrego chutava, a bola vinha que parecia um limão, daí eu me encandeava com o sol, e não via nem o azul.

No dia seguinte ao falar a sua opinião, quase houve briga de novo, pois Miguelão soltou os cachorros e quase partiu para cima de tio Dosanjós. E depois de tudo acalmado saiu-se com esta desculpa de amarelo. Veja o que disse Miguelão:

– Eu só me queixo do juiz. Aquela conversa lá debaixo do juazeiro, dele com Zé Galdino, na hora do intervalo, eu tem para mim que rolou alguma coisa! Sei lá, que diabo foi aquilo. O nosso time estava irreconhecível.

Ao que foi novamente repreendido por tio Dosanjós:

– Homem, deixe de botar chifre em cabeça de cavalo, respeito aquele trio de árbitros. Eles são todos homens de bem da mais fina sociedade cuitense, num tá vendo que eles iam puxar pro lado de ninguém, ainda se fosse torcer na certa, era por nós que eles estavam na nossa casa. Acabe com esta lorota, se não lhe expulso daqui ainda hoje.

Tio Diassis dizia que Miguelão tomou o bonde errado naquele dia, pois caiu em desgraça com tio Dosanjós, e eu perguntei o porquê disto, e ele respondeu:

– Dosanjós, quando botava uma coisa na cabeça, era difícil de mudar. Ele me disse naquele mesmo dia:

– Ô Diassis! Na hora da briga de Miguelão com Dorrego, eu ouvi quando ele disse assim: “Olhe seu cabra de peia, eu sou acostumado a atravessar rios fundos, porque eu não atravesso um rego da sua qualidade, seu filho duma rapariga”. E sabe quem tinha dito isso com o governador de Alagoas, Pedro da Costa Rego, foi Lampião. Você não acha muita coincidência, ele ter saído com essa? Acho que laiá tem razão. Esse Miguelão não tá falando a conversa certa, tem alguma coisa aí.

Realmente, o ensaísta, romancista dramaturgo e poeta paraibano Ariano Suassuna, conta, em documentário da TV Senado, que Lampião era afeito a estes desaforos e vez por outra mandava telegramas malcriados aos governantes e certa vez enviou um bilhete ao então governador de Alagoas Pedro da Costa Rego que dizia o seguinte: “– eu tô acostumado a atravessar rio que dirá um rego da tua marca”.

Terá sido uma simples coincidência ou Miguelão se investiu de sua criatura, ou seria ele o próprio?



CHUTEIRAS USADAS POR MIGUELÃO NA FATÍDICA PARTIDA DE 25/01/1951.



O TRIO DE ARBITRAGEM FOI FORMADO POR TRÊS EX-PREFEITOS: BASÍLIO FONSECA - ARBITRO CENTRAL. ORLANDO VENÂNCIO E PEDRO SIMÕES - BANDEIRINHAS



EM PÉ DA ESQUERDA PARA A DIREITA: PRESIDENTE TRAJANO FARIAS, AUGUSTO DÉU, DISASSIS (MASSAGISTA), ALCEU, JOÃO VE-NÂNCIO, DOSANJOS E JOÃO VINO (DIRETOR FINANCEIRO). SENTADOS DA ESQUERDA PRA A DIREITA: JAIME EZEQUIEL, SEVERINO, BENEDITO DEDÉ, BASÍLIO E ADAUTO. OBS: MIGUELÃO NÃO QUIS POUSAR PARA A FOTO.



VISTA PANORÂMICA DO MURALHÃO NO DIA DA MEMORÁVEL PARTIDA. ACIMA, NO CANTO DIREITO VÊ-SE O OITÃO DA CASA GRANDE.



O AUTOR EM VISITA AO MUSEU DO HOMEM DO CURIMATAÚ, DA UFCG. ONDE SE ENCONTRAM EXPOSTOS OS UTENSÍLIOS DA VELHA SAPATARIA DE SEU TIO DÉU, NA QUAL FORAM FABRICADAS AS CHUTEIRAS DOS ATLETAS DO MURALHAS FUTEBOL CLUBE.



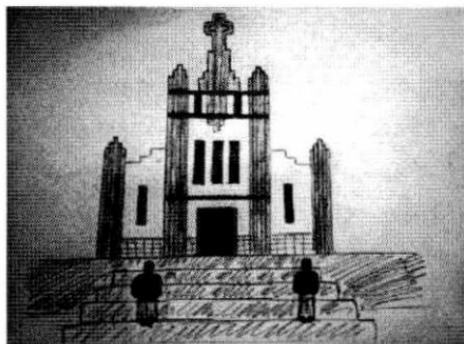
ESTA É A ÚNICA FOTO DE MIGUELÃO, AINDA ASSIM DE COSTAS. O CAMISA TRÊS ACABA DE LEVAR MAIS UM DRIBLE DO ENDIABRADO DORREGO, CAMISA 9, NA FATÍDICA PARTIDA. AO FUNDO A CASA GRANDE.



O VELHO ORATÓRIO, ONDE MINHAS TIAS ROGARAM À NOSSA SENHORA DAS MERCÊS NA FATÍDICA PARTIDA DE FUTEBOL DE 25/01/1951.

11

PAGANDO UMA PROMESSA



No ano de 1958, o Nordeste mais uma vez, sofreu. Como em tantas outras secas terríveis, a situação ficou de vaca desconhecer bezerro. Os açudes secaram, a agricultura foi dizimada e o flagelo abateu-se sobre a população.

A Câmara dos Deputados baixou decreto legislativo, reconhecendo o estado de calamidade pública, em consequência do flagelo provocado pela escassez de chuvas. E, como não poderia ser diferente, mais uma vez, o Governo Federal, o Congresso Nacional a Conab, o Banco do Nordeste e tantos outros órgãos governamentais falharam na condução das ações de reparação para ajudar os nordestinos a conviverem com os efeitos da seca. A seca foi tão grande que o presidente Juscelino Kubitschek, comovido com a situação resolveu, a partir das ideias do paraibano Celso Furtado, criar a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, como forma de melhor assistir o povo. Neste sentido houve uma tentativa de implementar mudanças profundas na orientação das ações governamentais no Nordeste. Infelizmente o que se viu depois, foi que a autarquia não passou de mais um cabide de emprego e só serviu aos grandes latifúndios.

Assim, até hoje continuamos despreparados para conviver com este fenômeno da natureza.

Na campanha eleitoral de 2014, uma ministra do Governo Dilma, tentando empanar a falta de ações governamentais, disse que, pela primeira vez, o *governo estava* tomando medidas efetivas para combater a *seca* no semiárido e *que os nordestinos não realizam mais saques*, devido aos Programas Sociais do Governo Federal. Penso que isto é mais um equívoco do governo. Agora, afirmar que a aposentadoria do homem do campo, apesar de não ser uma medida diretamente relacionada com o combate à seca, contribuiu em muito para amenizar o problema da seca e até hoje é um dos grandes atenuantes, isso sim faria sentido.

Pois bem, nas Muralhas, naquele ano, não foi muito diferente do resto do Nordeste. Passou-se grandes privações em função da falta d'água, as cacimbas secaram, os açudes ficaram sem uma gota d'água, nem para os animais.

Em Cuité, como em todo o Nordeste, os famintos saquearam feiras livres, em busca de alimentos. Em consequência disto, o governo resolveu abrir frentes de serviço, com trabalhos de emergência e como forma de contornar a tragédia, passou também a distribuir cestas básicas.

Em seu livro "Os Sertões", Euclides da Cunha escreveu que: "O nordestino é, antes de tudo, um forte". Penso que esta é uma das frases mais bem colocadas em relação a nossa gente. O povo nordestino é realmente um povo guerreiro, que se acostumou a conviver com as intempéries climáticas, que lhe são impostas e, neste contexto, não temos como deixar de exaltar a força e a bravura desse povo.

Como nordestino, tenho um orgulho profundo desse glorioso povo. E, como se costuma dizer dos brasileiros, o nordestino é tão extrovertido que, mesmo sofrendo, tira forças para fazer humor e piada de suas próprias tragédias.

MIGUELÃO VIROU MARCHANTE.

Conforme me contaram, naquela terrível seca, e sem ter muito o que fazer, Miguelão, que criava porcos, resolveu abater alguns para vender na feira livre. Feito como planejado. Miguelão instalou seu banco no Mercado Público e assim passou a desenvolver a atividade de marchante.

No domingo, abatia os porcos e na segunda feira ao quebrar da barra, já estava aposto no velho mercado. Acontece que um dia, no final da tarde, já no fim da feira, boiou uma grande quantidade de toucinho. Miguelão mandou comprar sal e passou a salgar para melhor acondicionar e trazê-lo à venda na feira seguinte.

Quando já estava terminando, chegou Zé Caga-Fogo, uma figura muito conhecida por não pagar a vivo desta terra – o sujeito era velhaco por convicção. E se dirigindo a Miguelão, perguntou:

– Ô Seu Miguelão, dá *pra o senhor me vender dois quilos desse toucinho pra eu pagar segunda-feira que vem?*

E Miguelão já sabendo de sua fama de mau pagador, deu uma resposta à altura de um bom comerciante judeu. Veja:

– ***Eu já tô salgando para não perder!***

O REMÉDIO PARA RABUJA.

Por falar no velhaco Zé Caga-Fogo, não tenho como deixar de contar esta estória que também se passou na velha Muralhas. Eis os fatos:

Tia Marica tinha um cachorro de estimação, que era a coisa mais linda do mundo. Um dia, este cachorro contraiu uma rabuja, e a sarna era tanta que, com pouco tempo, começou a cair todo o

pelo do bichinho. Ela, numa tristeza danada, apelava para tudo, a fim de curar o seu animalzinho. Tudo que tentava não dava certo.

Tia laiá, vendo o desespero da irmã aconselhou-a dizendo: – Ô Marica, porque tu não *pedes a Seu Luquinha, para benzer este cachorro, não é ele quem diz que seu patuá faz milagre!* – É mesmo, minha irmã, quando ele chegar do roçado vou falar com ele! Tia Marica foi dizendo isto e vendo Luquinha que acabava de chegar e, assim, foi logo apelando:

– *Seu Luquinha eu queria que o senhor rezasse meu cachorro, pelo que estou vendo, o pobre vai morrer!* E Luquinha, num tom de sabedoria disse: – *Quem danado já viu rezar cachorro, menina Marica, pra bicho o que tem é simpatia e não reza!* – É mesmo e qual é a simpatia? Perguntou com voz aflita, tia Marica.

Luquinha em tom professoral ensinou que o santo remédio para rabuja era gritar a meia noite, no ouvido do cachorro o nome de um velhaco. E tia Marica, disse: – *Ainda hoje vou fazer esta simpatia, é só o que está faltando!*

Naquele mesmo dia, precisamente a meia noite tia Marica levantou-se e foi até onde estava o pobre cachorro, segurou-o pela cabeça, encostou a boca no ouvido dele e gritou pra todo mundo ouvir: – *Zé Caga-Fogooooooooô!* O grito foi tão grande, que acordou a Murallas inteira.

De repente, o que se viu foi o cachorrinho dar três suspiros e morrer. Daí ninguém dormiu mais. Tia Marica chorava como criança, sem parar e todos tentavam desesperadamente consolá-la.

Ao amanhecer o dia, chega a Casa Grande, Luquinha que havia passado a noite na cidade e de nada estava sabendo. Ao entrar em casa foi logo perguntado: – *E o seu cachorrinho, menina Marica, como vai? Fez a simpatia?*

E tia Marica, toda chorosa assim falou: – *Que simpatia que nada seu perverso, você me fez matar o bichinho, eu fiz o que o senhor me ensinou e taí o resultado, o pobre morreu!*

Luquinha, espantado perguntou: *E qual foi o nome do velhaco que a menina gritou?* – *Zé Caga-Fogo!* Respondeu tia Marica.

– *Ah! A culpa foi sua menina Marica, Zé Caga-Fogo é dose para elefante e não prum cachorrinho desse!*

O VENDEDOR DE FUMO DE ROLO.

Nos períodos de seca é comum os agricultores inventarem outras formas de tirar seu sustento, e na de 1958 não foi diferente. Enquanto Miguelão resolveu trabalhar como marchante, Luquinha passou a vender fumo de rolo, para assim também atravessar as agruras da seca.

Desta forma, instalou-se também, com seu banco no Mercado Público. E assim toda segunda-feira tava lá, com aqueles rolos de fumos que pareciam cobras de bote armados.

O banco passou a ser o local preferido dos amantes do tabaco. Juntavam-se muitos homens e passavam alguns fumantes a enrolar o fumo em papel próprio, mas a maioria preferia enrolar mesmo na palha de milho e, fumavam seu 'pacaíá de palha', cada qual com o fumo de seu gosto. Luquinha, muito empreendedor vendia diversos tipos de fumo, rapé, cachimbos, piteiras, fósforo, isqueiros e outros apetrechos.

Os fregueses solicitavam o bom fumo não pelo peso, mas sim pelo tamanho do pedaço, alguns diziam corte um palmo, ou meio palmo, outros eu só quero uns três dedos. Os pedaços de fumo eram depois de pesados, embrulhados e entregues aos fregueses que, como prêmio, ganhavam uma pitada de rapé, que Luquinha disponibiliza em uma tabaqueira, improvisada num enorme chifre de boi. Era um torrado de rapé e um espirro de se escutar a léguas de distância.

Era o vendedor de fumo de rolo, Luquinha, alegre e extrovertido, que fazia grande sucesso naqueles anos difíceis. Era prosa para lá, prosa para cá, falavam de tudo, da seca, do calor, do gado, da falta d'água e principalmente das mulheres damas que chegavam ao velho Cajueiro, para onde Luquinha rumava no final da tarde.

Naquela época, os fregueses tinham o costume de experimentar o produto antes de comprar, vez que não existia uma uniformização na produção e um fumo de um mesmo fabricante poderia ter qualidade e sabores variados entre uma remessa e outra.

Certo dia, chega à banca de fumo Maria de Biá uma moça velha, recatada, enjoada e exigente, que só comprava o fumo depois de provar um pouco de cada rolo e nisto ela era perita, e só em cheirar já sabia qual era o melhor.

Naquele dia, como de costume, a barraca estava repleta de homens que conversavam na maior algazarra e quando viram chegar a velha donzela e sabendo de quem se tratava, calaram-se num silêncio sepulcral e ficaram a observar Maria de Biá realizar sua compra.

Maria de Biá, como sempre, pegou a faca e cortou um pedaço do fumo e levou até o nariz, ao cheirar, escapuliu um peido, desses que derruba uma parede. Todos os presentes ficaram observando a situação em silêncio, e o caso passou de hilário para uma situação embaraçosa. Mas Maria de Biá não deu nem pra conferir, e já foi logo cheirando um pedaço do outro rolo, quando, de repente escapole outra flatulência, e essa é que foi grande. A situação ficou insustentável. Todos se segurando para não rir.

Mas Maria de Biá, do alto de sua arrogância, e querendo se livrar da vergonha, saiu-se com esta:

– *Seu Luquinha, o senhor não tem um fumo mais forte do que estes?*

E Luquinha, não perdendo a oportunidade de fazer mais uma das suas, disse:

– Tenho não, o de fazer cagar já acabou!

Daí não deu mais pra segurar, todos dispararam na maior risadagem e Maria de Biá, coitada, deu uma rabissaca e saiu com um quente e dois fervendo e nunca mais voltou à Banca de Fumo do velho Luquinha.

A INVASÃO DA FEIRA LIVRE.

Pelo que me contaram meus tios o ano de 1958, foi marcante, não só pela malvada seca, mas principalmente pelas situações hilárias que aconteceram. Veja mais esta que intitula este capítulo:

Um dia, ao terminar as vendas, umas três horas da tarde, Miguelão fechou a banca e foi comprar umas rapaduras para levar para sua Santinha, que não passava sem ter em casa o doce nordestino. Acontece que quando já ia saindo do mercado com duas rapaduras enroladas num pedaço de papel, viu na sua frente uma enormidade de pessoas, que, famintas, vinham saqueando tudo.

No meio da multidão uma mulher entendeu por bem, tomar de Miguelão as ditas rapaduras e, ao tentar, ele danou a mão com rapadura e tudo na tábua do queixo da mulher que caiu ciscando e gritando de dor. A pancada foi tão forte que partiu os doces em pedaços. A pobre da retirante ficou caída, e quando alguém tentou ajudá-la, viu que o maxilar da coitada tinha saído do lugar. Foi preciso a intervenção de um médico para colocá-lo de volta nos eixos.

No tumulto, ninguém se deu conta de quem teria feito tamanha perversidade. Miguelão, ao perceber o tamanho do estrago, se evadiu sorratamente do local e rumou às pressas para Muralhas.

Ao chegar a Muralhas, encontrou Luquinha, bastante apreensivo com a falta d'água para os animais e sua aflição era por temer a perda do seu pequeno rebanho. Miguelão, ainda muito assustado, disse para Luquinha: – *O jeito que tem é nós dois fazer uma promessa, pra ver se chove pelo menos para fazer água pros bichinhos. Vou fazer uma pra nós dois pagar, tá certo?*

Luquinha, no desespero disse: – *Faça homem de Deus!*

E Miguelão se ajoelhou em pleno terreiro e fez a promessa em voz baixa.

Passados três dias, eis que, como num milagre, caíram cinco chuvadas, que deu para juntar água suficiente para manter o rebanho por uns seis meses.

Tudo seguia na normalidade. Quando chegou o dia da festa de Nossa Senhora das Mercês, às vésperas do dia 24 de setembro de 1958, Miguelão chama Luquinha e diz:

– *Amanhã camarada, nós vamos pagar nossa promessa. Temos que subir de joelhos sobre caroços de milho, a escadaria da Igreja de Nossa Senhora das Mercês, por cinco vezes, pois minha promessa foi para cada chuva uma subida. Como deu cinco chuvas, nos temos que subir cinco vezes.*

Luquinha, meio atarantado respondeu: – *Ô homem exagerado! Tá bom! Tamo devendo, vamo pagar!*

Na manhã do dia seguinte, selaram os burros e partiram para a cidade, para cumprir com o prometido a Santa Padroeira. Chegando lá, não contaram conversa, espalharam a cada degrau da escadaria os caroços de milho. Miguelão fez questão de ficar um pouco afastado de seu companheiro Luquinha e, assim, ficaram em extremos opostos. Feita a distribuição dos grãos, ajoelharam-se e passaram a subir e descer por cinco vezes os degraus da igreja.

Ao terminar de pagar a promessa o pobre de Luquinha estava com os joelhos em carne viva, o sangue escorria por toda

perna. Já Miguelão parecia que não tinha feito nada. Seus joelhos estavam intactos, o que causou muita admiração, e ainda passaram a dizer que Luquinha tinha trapaceado, ferindo os joelhos de propósito.

Pois bem, o tempo passou, com todos admirados com as façanhas de Miguelão. Até que, no Natal daquele mesmo ano, ele tomou uns pileques e acabou por revelar qual teria sido realmente o seu pedido na promessa feita com Luquinha, bem como o segredo de não ter se ferido, quando pagou a promessa. Eis o que aconteceu: – A promessa não foi pra chover, mas sim pra ninguém descobrir que tinha sido ele o autor da “rapadurada” na pobre mulher. O fato de não ter machucado os joelhos, aconteceu graças a mais uma artimanha; na véspera do dia 24, sem que ninguém percebesse, o condenado colocou os seus caroços de milho para cozinhar.



FOTO DA IGREJA MATRIZ DE CUITÉ 24/09/1958. LUQUINHA JÁ ESPERAVA POR MIGUELÃO PARA O PAGAMENTO DA PROMESSA. (SETAS)



O AUTOR LADEADO POR ALGUNS DE SEUS IRMÃOS E PRIMOS EM VISITA A CAPELA DE SÃO ROQUE ONDE AOS DOMINGOS OS MURALHENSES IAM ASSISTIR A MISSA

12

O SEPULTAMENTO DE JOÃO NICOLAU



Transcorria o ano de 1965, os militares já haviam dado o golpe militar e o “ex-quase” sargento João Nicolau, passava a melhor fase da sua vida – a ascensão de seus “companheiros” de farda ao poder deixava-o radiante.

João Nicolau, já com mais de setenta anos, sempre reclamava de fortes dores abdominais, dizendo ser consequência dos exercícios físicos que fazia no quartel, especialmente ocasionado por traumas abdominais múltiplos, provocados por um colega de farda ainda na mocidade.

Contava ele que, certa feita, num treinamento na caserna, descuidou-se e foi covardemente golpeado três vezes no abdome, antes que pudesse se preparar para a luta.

Seu colega, que nutria por ele uma “certa inveja”, continuou lhe golpeando diversas vezes mais tarde, segundo contava. Dali apareceram às dores que nunca passaram. Embora com estes sérios problemas seguindo-o vida afora, nunca deixou de trabalhar, sem procurar ajuda médica, apesar da insistência dos familiares. Naquele ano, numa crise, sofrendo de uma provável apendicite por dias e tendo recusado o tratamento médico, seu apêndice provavelmente estouraria por si, talvez em consequên-

cia dos traumas. Terminou morrendo de peritonite secundária, devido ao apêndice rompido, ocasionado pelos tais traumas abdominais múltiplos.

Todos em Muralhas sabiam que nunca houvera a luta do velho soldado. O que realmente ocorreu foi um trombada de um touro, sofrida na lida diária com o gado, quando queria pegar um touro a unha, imitando o vaqueiro Zé de Arataca. Com certeza isto foi o que provocou o infortúnio do velho e saudoso João Nicolau. Mas ele era tão alucinado pela farda, e falava com tanta convicção, que qualquer um desavisado acreditava piamente em sua versão.

As testemunhas da partida do bom João Nicolau para a eternidade, foram Miguelão, tio Dosanjós e Luquinha, que estavam à beira do leito de morte do tão amado vizinho. A tristeza que abateu os familiares do moribundo não foi nem perto da que castigou os três amigos.

Tio Dosanjós, muito diligente, determinou a Luquinha que pegasse imediatamente o seu burro e viesse à cidade comprar a mortalha e o ataúde para o sepultamento do “velho soldado”.

Luquinha, com quase vinte e sete anos de Muralhas, já se sentia da família, fazia todos os serviços da fazenda, cortava lenha, botava água em casa, regava as plantas, sem prejuízos dos seus serviços na agricultura, lavrava vários hectares de algodão, milho e feijão, que plantava de meia, e conseguia tirar razoáveis lucros. Assim já havia conseguido adquirir algumas cabeças de gado.

Agora, de todos os serviços que fazia, o de que mais gostava era fazer os mandados, principalmente quando era preciso vir à cidade, pois como era um contumaz tomador de cachaça e também viciado inveterado no jogo do bicho, não perdia a oportunidade de toma umas e outras e fazer uma fezinha na loteria dos animais.

Luquinha, ao receber a ordem de tio Dosanjós, teve uma alegria tão grande que, por um momento, esqueceu-se da tra-

gédia que havia acontecido em Muralhas. Assoviando, foi até o curral, selou seu burro mulo e partiu em direção à cidade.

Ao chegar em Cuité, quando subia a ladeira do Olho D'água, encontrou Antônio Pavão, o renomado cambista, que tinha a fama de decifrar sonhos e dar palpites prevendo qual seria o bicho sorteado naquele dia. Sua fama advinha de um gesto de esperteza, pois, como ele era um cambista ambulante e saía por toda cidade a vender bicho, todos os dias ele acertava, pois, tendo mais de 25 clientes cativos, a cada um ele dizia um bicho diferente, o que, com certeza, acertaria a previsão em pelo menos uma delas. Quando vendia além de vinte cinco palpites, dois ou mais ganhavam e, desta maneira, sua fama corria a cidade e todos só queriam jogar com ele.

O velho jogo do bicho é uma modalidade de apostas no qual 25 animais são representados por números de 01 a 25, e ainda se aposta na dezena, centena e milhar. Segundo muitos historiadores, a jogatina foi inventada em 1892, pelo barão João Batista Viana Drummond, fundador e proprietário do jardim zoológico do Rio de Janeiro, em Vila Isabel.

Naquela época, vivia-se uma fase de intensa especulação financeira de investimentos na bolsa de valores, nos primeiros anos da república brasileira. As consequências foram as grandes crises no comércio. Para aumentar as vendas, os comerciantes estabeleceram sorteios de brindes. Deste modo é que, querendo aumentar a frequência de visitas de populares ao zoológico, o barão decidiu instituir um prêmio em dinheiro ao portador do bilhete de entrada que tivesse a figura do animal do dia, o qual era escolhido entre os 25 animais do zoológico e passava o dia inteiro encoberto com um pano. O pano somente era retirado no final do dia, revelando o bicho do dia.

Essa modalidade de jogo há muito tempo é praticada em Cuité, e todos os dias os admiradores fazem suas apostas e pas-

sam a esperar o resultado, que sai às três horas da tarde. O sorteio é feito em roletas numeradas e transmitido pelo rádio em códigos, para evitar roubos. Aqueles que ganham apresentam seus bilhetes (pulo) ao banqueiro local, recebem o prêmio e vão para suas casas dormir e sonhar com o bicho que jogarão no dia seguinte.

E assim era também em Muralhas, já nos idos dos anos 70 um dos trabalhadores o primeiro serviço que fazia no dia, era vir à cidade fazer as apostas dos moradores. Depois, alguns cambistas passaram a ir até o sítio colher as apostas.

Mas voltemos à ladeira do Olho D'água, onde Antônio Pavão e Luquinha travaram o seguinte diálogo:

– *Bom dia, seu Luquinha, vem chegando agora?* Perguntou o velho cambista.

– *Bom dia, seu Antônio, o meu não tá muito bom, pois perdi o meu compadre João Nicolau, que morreu agorinha! Tô vindo aqui comprar o caixão e a mortalha pra o enterro.*

– *Pois é, é isso mesmo, a gente pra morrer só precisa tá vivo, num é mesmo?* E emendou: – *E aí, o senhor vai jogar o que hoje?*

Luquinha muito triste disse: – *Hoje eu tô sem plano de jogar!*

Ao que o velho Pavão, respondeu: – *Conte seu sonho que eu lhe dou o plano!*

– Ô seu Antônio, eu passei a noite toda fazendo quarto ao compadre João Nicolau, não preguei o olho, como podia sonhar acordado? Retrucou Luquinha.

Antônio Pavão imediatamente, sentiu a fraqueza de Luquinha e passou a fazer sua propaganda:

– Ô Seu Luquinha, já que o senhor não tem nenhum palpite, vou lhe contar o meu que eu tenho certeza que o senhor vai

concordar. E prosseguiu: – *Essa noite, um sonho me pegou à meia noite e só me largou agora de manhã.*

Como o Senhor já viu, lá em casa no muro eu tenho umas touceiras de banana maçã, e as bichas tão carregadas é a coisa mais linda do mundo. Cada cacho tem 24 pencas e que dar mais de 240 bananas por cacho, que eu tô deixando amadurecer no pé, que é para meu filho comer, quando chegar noite de festa. Pois bem, sonhei a noite toda que chegava um magote de macaco e comia as bananas todinhas. O sonho era tão verdadeiro que eu me levantei unas dez vezes, para olhar as bananeiras. Por isso vou dizer uma coisa ao senhor, não tem quem empate, o bicho hoje é macaco! Vamos fazer uma fezinha?

Luquinha, que tinha no bolso apenas o dinheiro das despesas do funeral, não contou conversa, apostou tudo, veja o que ele fez:

– É Seu Antônio o sonho é muito bom, e por coincidência a milhar do ano de 1965 é *macaco*. Quero que passe milhar, centena, dezena do primeiro ao quinto e bote o resto no grupo no danado desse macaco!

Disse isto entregando todo dinheiro de que dispunha. Recebeu os pulos e saiu em busca da cidade, liso batendo biela. Antônio Pavão, seguiu ladeira abaixo e lá já contou outro sonho a Biu de Manoel Joaquim, o velho funcionário do Olho D'água. Desta feita, segundo as previsões de Pavão, o bicho seria porco. Pois, aquele seria seu décimo oitavo cliente daquele dia e 18 é o número do porco.

Luquinha, ao chegar à loja de Seu Zacarias Andrade, onde compraria o tecido da mortalha e depois levaria para a costureira Dona Dondon confeccioná-la, se deu conta da besteira que tinha feito. Aí começou o seu calvário. Entrou de loja adentro e falou para comprar fiado, o que lhe foi negado. Saiu da loja com um

quente e dois fervendo e rumou para a loja de Castelo Viana, onde compraria a madeira para que Sebastião Marcelino fizesse o ataúde, lá em Castelão e também não teve sucesso.

Entrou em desespero e falou: – *Vou tomar uma e esperar o resultado do bicho!* E assim passou a percorrer todos os bares da cidade a tomar cachaça fiada, isso mesmo: fiada! – o caixão, ninguém vendeu para pagar depois, mas para a malvada, tinha crédito de levar até as prateleiras. A agonia era tão grande que ele se esqueceu de amarrar o burro. Quando já estava com umas dez na cabeça, entrou um menino no bar e disse: – *Seu Luquinha o seu burro tá desamarrado!* E ele em cima da bucha disse: – *Fale baixo que ele não sabe não e se ele escutar ele foge!*

Depois de uma tensa espera, eis que sai o resultado do jogo. Deu macaco na cabeça. A milhar sorteada foi 1965. Foi desse jeito que Luquinha ganhou, no grupo, na milhar, na centena e na dezena. O prêmio foi tão avultado, que quase quebra a banca. De posse da dinheirama, Luquinha voltou às casas comerciais que lhe haviam negado a venda fiada, e, com ar superior, comprou tudo de que necessitava, pagando à vista e não quis nem receber os trocos.

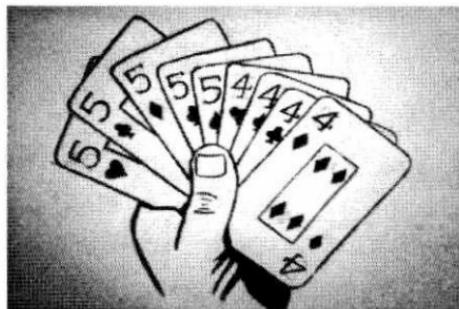
Feita a urna funerária e a mortalha, e devido ao adiantado da hora, locou uma camionete para levar o caixão, de quebra colocou o burro na carroceria do carro e chegou a Muralhas, todo galante, de boleia e tudo.

Tudo pronto, passaram a velar o defunto, já pelas sete da noite. Luquinha, que estava pra lá de embriagado, sentou-se numa espreguiçadeira e agarrou no sono. As duas da madrugada, quando todos cochilavam em torno do defunto, Luquinha desperta de seu sono profundo, levanta-se, vai até a beira do caixão e diz:

– ***Ô camarada João Nicolau, você é mesmo um finado de sorte. Porque se não tivesse dado o danado do macaco, tu ia ser enterrado numa rede e nu de tudo!***

13

UMA REVELAÇÃO BOMBÁSTICA NO CASSINO DE SEU MESSIAS



Os cassinos são casas de jogo, onde se apostam em diversas modalidades, roletas, cartas, caças níqueis. Quem tem sorte e só de ver uma roleta girar já tira a mão do bolso e começa a coçar, não vê à

hora de visitar um cassino gigante repleto de mesas e caça níqueis.

Nos Estados Unidos da América, são famosos os cassinos de Las Vegas, para onde muitos afortunados do Brasil viajam, para jogatinas intermináveis, pois é lá que se concentram os maiores apostadores do mundo. Mas para os que não querem ir muito longe, o mais próximo dos brasileiros, fica em Ciudad del Este, a 2.5km da fronteira entre Brasil e Paraguai. Tem mais de 200 máquinas e diversas mesas de jogos entre roletas, Black Jack e poker. É a opção mais em conta para os apostadores natos ou só pra quem quer ver um cassino de perto. Por isto é muito frequentado por brasileiros.

No Brasil, um dos mais famosos foi o Cassino da Urca, no Rio de Janeiro, fundado em 1936, por um ex-empresário de estradas e empreendedor notável, o mineiro Joaquim Rolla (olha o amigo de JK, aparecendo de novo), que comprou o imóvel do Hotel Balneário e o converteu em cassino, com o apoio do presidente Getúlio Vargas. Segundo o pesquisador e jornalista Ruy

Castro, autor da biografia sobre Carmen Miranda, muitos anos depois de inaugurado e sem muito sucesso, seu proprietário Rolla convocou o diretor de cinema Luiz de Barros, que também era cenógrafo. Foi Barros quem modificou inteiramente o aspecto do lugar: instalou ar-refrigerado em todos os salões, mudou o grill da entrada para um grande salão interno, dividiu o cassino em duas partes separadas pela rua, contratou três orquestras, construiu uma cortina de espelhos para o palco.

Segundo Leonardo Ladeira (2010), pesquisador e colunista afirma, em fevereiro de 1939, a campeã de patinação Sonja Henie e o produtor teatral Lee Shubert desembarcaram no Rio. Ambos foram ao Cassino da Urca assistir ao espetáculo de Carmen Miranda, com seu traje de baiana, e se encantaram com ela. Shubert então lhe fez o convite para atuar nos EUA. Do Cassino da Urca, Carmem ganhou a Broadway e, em seguida, Hollywood.

Em Campina Grande, até hoje se enaltece a existência do Cassino Eldorado, paraíso dos magnatas da época, que, embalados por grandes negócios da cultura do algodão, passavam noites memoráveis a jogar, bebericar bons uísques e assistir a atrações de reconhecimento internacional.

Em 30 de abril de 1946, o Presidente Eurico Gaspar Dutra proibiu o jogo no Brasil, levando à extinção todos os cassinos no país inclusive o da Urca.

Em Cuité, naquela época, também existiam os seus famosos cassinos. Claro que não tinham tanta pompa e tanto brilho, como o da Urca, porém serviam em muito de diversão, para aqueles contumazes jogadores que apreciavam uma jogatina, seja no baralho ou nas roletas de 36, como eram conhecidas as instaladas em nossa cidade.

Nos meus tempos de juventude ainda morando em Cuité, frequentei – apenas como “peru”, é claro, e, às vezes, a fazer mandados como ir comprar cigarros, bebidas e lanches para os

jogadores – os cassinos do Sr. Sebastião Lucas, Petronilo, Claudino e o de seu Messias Castilho, dentre outros menos afamados.

O Cassino de Claudino, instalado num prédio anexo ao Bar Ouro Verde, onde atuei como garçom, sob a batuta do proprietário de então, o grande Chico Maroca, presenciei e escutei, quando servia os jogadores, muitas coisas que, para mim, na condição de adolescente, eram completamente desconhecidas. Vi e aprendi muitos termos dos frequentadores que para ali acorriam a fim de um carteadado, e enquanto não se formava a mesa de jogo, ficavam a conversar amenidades e, quando em vez, assuntos do cotidiano dos negócios.

Numa destas ocasiões, ouvi, pela primeira vez, o termo “roncolho”, quando um dos jogadores fazia referência a sua própria falta de sorte no jogo, afirmando que: “para ter azar deste jeito só sendo roncolho”. Ouvi aquela frase e confesso que fiquei encucado, sem saber o que aquele senhor queria dizer. Terminei de servi-los e retornei para o balcão do Bar e numa espreteza de menino fiz um arrodeio danado e acabei perguntado a Chico Maroca o que gota serena era roncolho e ele numa delicadeza impar disse: – *Roncolho, Florêncio, é um homem que só tem um testículo!* Aí deu a moléstia, minha dúvida aumentou mais ainda e ele percebendo que eu havia ficado na mesma, disse: – *É um homem que só tem um culhão!* Aí eu pensei: danou-se! Chico ficou com raiva.

Depois de muita luta descobri e confirmei por mim mesmo, que Chico tinha me dito o real significado da palavra. Aprendi também que o indivíduo que tem um só testículo, às vezes é estéril, mas nunca impotente. Com o passar dos anos, percebi que os homens associam esta parte anatômica como sendo prova de virilidade, de macheza, de homem com H, e, por isto, sempre associam e dizem aos quatro cantos que algum famoso é roncolho. O pior é que isto ocorre com mais frequência, quando se trata

de personalidades polêmicas. Os casos mais conhecidos são do ditador Adolf Hitler e do General Franco, da Espanha.

Conforme extraído do Yahoo Resposta:

(...) Essa história veio pelo livro lançado pelo médico inglês Richard Gordon, que mostra o relacionamento de Hitler com seu médico particular. Os prontuários revelam que Hitler não se despia durante suas consultas ou se deixava radiografar. A interpretação mais corriqueira é que ele não julgava ninguém digno de enxergar seu corpo. A verdade pode ser outra. Talvez pela vergonha de ter sido mutilado, pois conta a história que ele perdera um testículo num ferimento sofrido na I Guerra Mundial, na qual atuou como cabo mensageiro.

Lew Besymenski, o agente da inteligência soviética que ajudou a interrogar nazis capturados no fim da guerra, dizia ter participado na autópsia aos restos mortais de Hitler - exame que teria confirmado a antiga suspeita de que o líder nazi tinha apenas um testículo. (Yahoo Resposta, 2011)

Já o Blog Metamorfose Digital assim definiu esta desconfiança:

Este fato foi sempre um mito para os historiadores que sempre consideraram estes rumores como uma simples propaganda contida numa canção de origem inglesa (One Ball). Os registros sempre detalharam que

Hitler foi atingido na virilha na batalha de Somme, mas parece que agora a lesão foi outra, um pouco mais abaixo. O médico que salvou a vida de Hitler estava honrosamente cumprindo com o seu juramento, o de Hipócrates. Incompetente foi o soldado que lhe alvejou. (Metamorfose Digital, 2008)

Conforme editado no sítio eletrônico BBC Brasil em 18 de maio de 2009, e, segundo declarações feitas pela neta do médico de Franco ao autor do livro, o historiador José Maria Zavala, o General Franco teria perdido um testículo, em consequência de ferimentos a bala, contraídos em batalha.

O general foi ferido no abdômen em El Biutz, perto de Ceuta, em junho de 1916. Biógrafos do general que governou a Espanha de 1939 a 1975, vinham especulando havia tempos se este problema teria afetado a capacidade reprodutiva de Franco, que teve uma filha, Carmen Franco y Polo, em 1926 (BBC Brasil, 2009).

No Brasil também este pensamento machista não é diferente. Quem não se lembra da célebre frase do presidente Fernando Collor de Mello, se intitulando ser o mais macho dos homens, quando discursava na cidade de Juazeiro no Estado do Ceará, querendo afugentar manifestantes que contra ele protestavam.

A confusão foi tamanha, ao ponto de o presidente acabar improvisando, não só no conteúdo do discurso como na linguagem utilizada, o que propiciou um discurso inflamado (sem trocadilhos). O trecho mais conhecido da fala foi o que diz que ele nas-

ceu “com aquilo roxo”. O curioso disto tudo, é que no palanque estava presente, dentre outras autoridades, ninguém mais que o Santo nordestino, frei Damião de Bozzano. Veja parte da transcrição do discurso feito pelo Jornal Folha do São Paulo, edição de 04 de abril de 1991:

(...) Vocês me conhecem, e sabem que eu sou homem de enfrentar desafios, eu enfrento todos os desafios que foram colocados diante de mim, não nasci com medo de assombração, nem tenho medo de cara feia, isso o meu pai já me dizia, desde que eu era pequeno, que eu havia nascido com aquilo roxo, e tenho mesmo, para enfrentar todos aqueles que querem conspirar contra o processo democrático. (Transcrição Folha de São Paulo, 1991)

Desde então, aprendi também que não bastava ter os dois, tinham também que ser roxos. Fico imaginando quantos machões “colloridos” por este Brasil afora não mandaram colorir aquilo de roxo ou até mesmo tenham mandado fazer uma tatuagem para escamotear a cor.

Aprendi também com o polêmico Clodovil, numa entrevista concedida em 2006, ao G1 da Globo, ocasião em que protestava e recriminava o preconceito contra homossexuais, que a coloração dos seus ditos cujos, tinha outra tonalidade, pois assim ele afirmou: “se o Collor tinha aquilo roxo, o meu é cor-de-rosa choque”.

Mas as bravatas de Collor não foram muito longe. Veja o que disse sua ex-esposa, em entrevista ao programa Fantástico da Rede Globo, conforme podemos colher no blog the Piauí Herald:

Roseane revela que Collor não tem aquilo roxo

(...) Rosane contou que foi forçada a tomar parte de um ritual de magia negra organizado para influenciar os jornalistas da Rede Globo que editaram o último debate com Lula. Assim que baixou o seu Tranca Ruas e preta velha começou a falar com voz grossa de arame farpado, Collor teria deixado o terreiro aos gritos de “Valei-me, minha Santa Terezinha dos Remédios!” A cena causou espécie em toda entourage collorida, tendo deixado perplexo até o seu Tranca Ruas, o qual exclamou “Mas que mulherzinha! Com o choro represado e o queixo tremendo, Roseane desabafou: – É verdade! Collor não tem aquilo Roxo! (Revista Piauí, 2012).

Se no mundo civilizado de hoje ainda é assim, imagine como não era em tempos idos, inclusive no mundo dos canga-ceiros! Ali era que teria de se ter os dois ou até mais, e ser roxo, mais roxo mesmo. Esse tabu era tão enraizado que se criaram várias lendas a respeito de como Lampião costumava tratar os referidos de seus desafetos. Veja mais uma delas citadas no G1, por João Souza Lima, considerado um dos principais historiadores do cangaço.

TESTÍCULOS NA GAVETA

Segundo Lima, uma dessas lendas revelava que um sujeito estava cometendo incesto e foi flagrado por Lampião. O cangaceiro separou os dois irmãos e foi conversar com o

rapaz. Ele falou para o homem que era para colocar os testículos na gaveta e fechar com chave. Lampião, então, colocou um punhal sobre o criado-mudo e disse: “Volto em dez minutos, se você ainda estiver aqui eu te mato”. “A crueldade de Lampião estaria em fazer a tortura e obrigar o sujeito a cortar sua masculinidade para continuar vivo”, disse o historiador. (G1- Globo.com, 2008).

Pois bem, muitas são os mitos que cercam a matéria. Mas, lembro aos leitores que quando começamos este capítulo tratávamos da existência dos cassinos de Cuité, e fomos desviados propositadamente do assunto, para mostrar mais uma curiosidade de menino que ficou guardada na minha memória e que me ocorreu precisamente num jogo de baralho. Mas voltemos aos cassinos e principalmente à sueca e à paciência das Muralhas.

Na Muralhas daquela época, também se praticava uma boa sueca, jogo de cartas introduzido no Brasil pelos portugueses, e que até hoje é muito popular, tanto lá como cá. Como já enfatizado anteriormente, os homens concentravam-se no alpendre a contar histórias e as mulheres às vezes receosas de inibir os membros da confraria de contar alguma maledicência, não participavam do “clube do bolinha” que, como alguns definem, é um lugar só para machos. Ainda assim, as mulheres insistiam para que os homens fossem também jogar sueca, que era muito divertido. Mas, vez por outra, a coisa não era tão divertida assim, quando uma delas levava uma sueca muito grande, acabava o jogo e pegava cada uma um baralho e iam jogar paciência, sozinhas e amuadas.

Certa feita Miguelão, ao ser convidado para jogar, saiu-se com esta: – *Vou não, menina Marica, o jogo de vocês é de mulher e eu só gosto de jogo de homem, um pif-paf e se for apostado!*

Nesta época Miguelão ainda não tinha ganhado a confiança para sair de seu auto-exílio e jogar nos cassinos de Cuité.

Mas o tempo passou e, como já dito, as quatro figuras exóticas já se aventuravam a ir à cidade. Numa dessas idas, Miguelão se revelou um pertinaz viciado jogador de baralho no Cassino de Messias Castilho, onde passava madrugadas a fio jogando pif-paf, para a aflição de sua querida Santinha, que ficava em Muralhas noites e noites, sem dormir, vendo a hora chegar uma má notícia de algum infortúnio com seu "Don Juan".

Para aqueles que nunca se aventuraram a jogar um bom pif-paf, passo a descrever de forma abreviada o que vem a ser isto. É um jogo de apostas e cada jogador deve começar o jogo com um número de fichas, que poderá ser predeterminado pelos participantes e ao qual se dará o nome de cacife ou escuro. Outra situação a ser definida antes do início do jogo é o número mínimo e máximo de fichas apostadas em cada rodada.

Inicialmente escolhe-se o carteador. A escolha pode ser por sorteio: quem tirar a carta mais alta, por exemplo (o carteador é mudado após cada rodada, o próximo será o jogador sentado à direita do primeiro carteador e assim por diante). Os jogadores recebem cada um nove cartas e ganha o que fizer primeiro os três jogos. Os participantes do jogo só entram nas partidas quando observam, ao receber as cartas, se são boas suas possibilidades de vencer naquela rodada. Caso contrário, podem desistir de jogar naquela mão, exceto o dono do cacife ou do escuro, que é obrigado a jogar, se não, paga um valor em dinheiro previamente estipulado.

Conta-se que Miguelão, numa destas noitadas, depois de varar três madrugadas e já muito cansado, deu uma cochilada na hora da distribuição das cartas e só acordou com os gritos dos outros jogadores. Miguelão, ao conferir suas cartas, devolveu à mesa e disse que não iria jogar aquela mão. Um dos jogadores,

por curiosidade, olhou qual seria o jogo de Miguelão, e, para sua surpresa, viu que o mesmo estava armado com uma das maiores armadas do jogo de pif-paf, pois havia recebido cinco cincos e quatro quatros, um de cada naipe, e, dessa forma, tinha a possibilidade de bater com dezenove cartas. Ou seja: os oito seis, ou os oito três ou ainda os outros três cincos restantes, com qualquer uma destas cartas que caísse na mesa, ele batia. Indignado, o curioso jogador disse: – *Oxente Miguelão, tu com uma armada dessa, não vai jogar?* Ao que Miguelão respondeu: – *Eu que tava dormindo peguei armado desse jeito, que dirá vocês que tavam acordados!* Ouviram-se boas gargalhadas no velho cassino. Miguelão com sua sagacidade de veterano jogador, não caiu na arapuca, armada contra ele.

Outro episódio protagonizado por Miguelão, no velho cassino, foi quando ele, numa noite de jogatina, já havia jogado umas duzentas paradas, sem ter ganhado uma única vez. Porém, sempre que outro jogador batia, ele olhava a carta de cima do monte e caprichosamente, para sua ira, lá estava justamente a que faltava para ele bater. E o jogo continuava, sem que Miguelão tivesse a sorte de ganhar. A certa altura, ele estava à espera de um rei de copas para bater, eis que o companheiro bate na sua frente. Miguelão, como nas outras partidas vira a primeira carta do monte e vê que era justamente o danado do rei de copas. Numa raiva da moléstia dos cachorros, Miguelão protagonizou a seguinte cena.

Vermelho que nem um peru, ele disse: – *Ô Seu Messias, mande um menino ali na padaria buscar um pão aguado. Disse isto, segurando na mão o rei de copas.* Seu Messias imediatamente mandou um funcionário do cassino nas carreiras, comprar na padaria de Firu, o que, para ele, era um pão francês.

O menino, ao regressar, entregou o pão ao velho jogador, e eis que se sucedeu um fato inusitado. Miguelão, que havia feito um canudo com a carta de baralho, tirou o miolo do pão, colocou

o rei de copas dentro do pão, e comeu seco, sem pedir nem água para ajudar a engolir. Ao terminar, Miguelão, ainda quase se engasgando, falou: – *Nunca mais este fela-da-puta desse rei, faz isto comigo! Pense numa raiva.*

Conforme intitulamos este capítulo, foi numa destas jogatinas que se fez uma revelação bombástica, que até hoje é comentada pelos machões de plantão. Estava Miguelão mais uma vez a jogar por longos dias sem parar, e a certa altura percebeu que não vinha tendo sorte no jogo. Atrás de Miguelão, observando o jogo atentamente, estava um senhor de nome Manoel João, que há horas “aperuava” o jogo. Miguelão já muito irritado com o azar que o perseguia há três longos dias, jogou as cartas em cima da mesa e em tom de revolta disse:

– *Eu não vou mais apostar nesse condenado deste baralho. Diabo dum azar da gota serena. Vamos fazer outro tipo de aposta?*

E os outros membros da mesa perguntaram quase em coro: – *Que tipo de aposta o senhor quer fazer?*

Ao que Miguelão respondeu: – *Vamos apostar tudo que eu perdi nestes três últimos dias, como eu e este “peru” aqui detrás de mim, nós dois juntos temos três culhões?*

E os outros jogadores que estavam acostumados a apostar em tudo, já foram casando os valores da aposta.

De repetente, o velho “peru” bateu nas costas de Miguelão e disse:

– *Só aposte se o senhor tiver os três. Porque eu não tenho nenhum!*

Novamente Miguelão percebeu que a sorte havia lhe abandonado de vez, pois sabia que é raro só ter um, agora não ter nem um, é coisa de azarento. Sentiu então que não valeu a pena ter revelado um segredo que mantinha a sete chaves. Admitido publicamente que era roncolho.

Miguelão escondia sua deficiência anatômica até mesmo de sua companheira Santinha, e, para isto, usava de todos os artifícios. Neste sentido, não se despia na frente dela e até mesmo nas horas dos enxerimentos, o fazia de forma exótica. Com a desculpa de não cometer nenhum pecado, deixava Santinha no quarto se preparando e ia cobrir com um pano todas as imagens de santos que tinha em sua casa. Santinha, por sua vez, se despia toda e se cobria da cabeça aos pés com um lençol que só tinha um pequeno buraco nas partes baixas.

O ritual era completado quando Miguelão batia a porta do quarto e perguntava: - *Santinha estais pronta para o coito?* Ao que ela respondia: - *Estou, meu amor, venha logo!* E desta forma completavam o ato carnal. Ao terminar Miguelão saía do quarto antes mesmo de acender a luz, e, quase sempre, dizia: - *Foi ótimo Santinha!* E ela, no gesto de quem queria mais respondia: - *Ô, meu amor, volte sempre!*

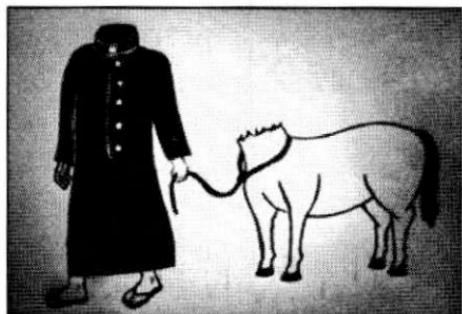
Miguelão deixou o cassino naquela noite numa tristeza que dava dó. Ao chegar à sua casa, e sabendo que a notícia ia se espalhar como um rastilho de pólvora, tratou logo de contar tudo a sua Santinha, que num gesto de aconselhamento disse:

– *Não tem nada não meu velho, eu já sabia de tudo, apesar de você só me possuir no escuro, e coberta, eu um dia de tanto desconfiar passei a mão e senti tudo. Não se afobe não, pior é o pobre do “peru de jogo” que não tem nenhum.*

Foi assim que Miguelão também entrou no seletto grupo das personalidades da história que só tem um testículo.

14

O PADRE SEM CABEÇA DO OLHO D'ÁGUA DA BICA



Quando afirmei, no começo deste livro que Cuité, nas décadas de 30/40/50/60, era o centro de irradiação do universo, alguém há de dizer que estou ficando louco. Mas não digo isto aleatoriamente, sem nem uma

fundamentação científica. Na terrinha, já aconteceu de tudo, e a cada dia somos surpreendidos com mais novidades. Já foi realizado em Cuité, um julgamento, que resultou em condenação e execução da pena de enforcamento. O presidente Getúlio Vargas, já editou um decreto de indulto aos presos de todo Brasil, para resolver uma pendenga de Cuité. E muitos outros fatos já ocorreram, de forma tal que podemos taxá-la como centro de irradiação do universo.

Outros acontecimentos que me chamaram a atenção, quando menino, e me despertaram uma curiosidade tamanha, a ponto de fugir de casa para ir observar, eram os mistérios que cercam o Olho D'água da Bica.

A fonte do Olho D'água da Bica foi e continua sendo muito importante para nossa cidade, pois é onde está instalado o Centro de Educação e Saúde, da Universidade Federal de Campina Grande – campus de Cuité. Nas décadas de 40 a 60, esta preciosa

fonte serviu para abastecer toda a cidade. Suas águas banharam muitos cidadãos ilustres que para lá se dirigiam todas as manhãs e tardes para tomar seus banhos diários, pois afirmavam os mais antigos que eram milagrosas, e que tinham poderes afrodisíacos.

O manancial se revestiu de tanta importância para a cidade, que os prefeitos de então, chamaram o feito à ordem, e a tornaram um patrimônio público. Meu tio Diassis, inclusive, recebeu portaria de nomeação com o pomposo cargo de “FISCAL GERAL DAS FONTES PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CUITÉ”. Acho que a referida nomeação ocorreu na administração do operoso, e de saudosa memória, prefeito Jaime da Costa Pereira. No segundo mandato do também prefeito de profícuas administrações Cláudio Gervásio Furtado, foi construída, na velha fonte, uma lavanderia pública que serviu de ganha pão para muitas lavadeiras de roupas, que resistiram o quanto puderam, até serem vencidas pelas modernas máquinas de lavar. Ainda assim, algumas ainda resistem.

Outra fonte não menos famosa em Cuité é a de Ingá, localizada no sítio Caboatã. Meu tio Diassis, na qualidade de fiscal geral, para exercer com competência os seus deveres funcionais, fazia, diuturnamente, visitas àqueles chafarizes, até se aposentar pelos idos dos anos oitenta. Lembro-me que, quando menino, fugia de casa para tomar banho, tanto no Ingá, quanto na lagoa da Caboatã. Nos tanques do Ingá, sempre havia muitas mulheres a lavar roupas, e nós, ao entrarmos na água, baldeávamos toda, e desta forma éramos sacudidos com uma saraivada de improperios pelas lavadeiras e quando retornávamos para casa, ainda levávamos boas surras.

Do velho Olho D’água, contam-se muitas lendas. Uma delas é a de que existe, nas pedras que lá formam um paredão, umas inscrições rupestres, “que se algum dia forem decifradas o Olho D’água vira mar”. Outra, mais famosa e mais horripilante, é o apa-

recimento de um padre-sem-cabeça, que já assombrou muitos transeuntes que por ali passavam à meia noite, nas sextas-feiras treze. Quando menino, ouvi muitos contar esta estória e confesso que ainda hoje morro de medo de passar por aquelas bandas, fora de hora.

Existem espalhadas mundo afora muitas versões do aparecimento de um padre-sem-cabeça que assombra a todos. Veja esta que colhi no blog kasadaskina.com.br.

(...) Tratava-se de Frei Antônio de Valdivieso, um padre espanhol que em 1549 mudou-se para uma pequena cidade chamada Leon Viejo. Nesta cidadela, o padre iniciou um trabalho de apoio que visava defender os índios, estes que eram severamente maltratados pelos comendadores locais.

O padre também passou a combater os ricos e poderosos da cidade, numa marcha contra a corrupção que trouxe nova esperança aos fiéis. Foi duramente perseguido pelo governador Rodrigo de Contreras, famoso por usar a crueldade para manter o poder. Mas Frei Antônio não se deixava intimidar. Era a chegada de novos tempos e nova expectativa de uma vida mais digna para Leon Viejo. Não deu outra. Temendo perder suas regalias e ver cair o império da família por causa de um padre, os irmãos Pedro e Hernando, filhos de Rodrigo Contreras, logo trataram de acabar com a vida de Frei Antônio. Rendido na escadaria da própria igreja. Não em uma mata fechada

ou no meio da rua. Foi na escadaria da própria igreja, com as portas abertas para o altar, que Frei Antônio recebeu a machadada. Uma única machadada que lhe arrancou a cabeça, fazendo-a rolar escadaria abaixo e acabando por cair no pequeno, mas profundo lago que existia em frente ao templo.

Meses depois do cruel assassinato, moradores de toda região testemunharam as aparições de um vulto negro que caminhava nas igrejas, protegido pela lúgubre escuridão da noite. Até que uma dessas testemunhas teve o desprazer de ver o tal vulto de perto numa noite de dezembro. E pode constatar que se tratava do Frei Antônio-Valdevieso. Ou para ser mais preciso, o seu corpo decapitado.

Já em outras versões também contadas e recontadas afirma-se que a figura aterrorizadora é uma mula-sem-cabeça, a qual se originou de uma mulher que namorava um padre e, como castigo, virou uma mula-sem-cabeça e aparece na noite de quinta para sexta-feira. Ela sai galopando por aí, assombrando os pobres seres que cruzam seu caminho. Lança fogo pelas narinas e pela boca. Suas patas são de ferro, por isso ela pode galopar à vontade sem gastar os cascos. Como se não bastasse, fica relinchando a noite inteira e não deixa ninguém dormir. Para acabar o feitiço, alguém tem de ter a coragem de ir até ela e tirar o freio de ferro que ela leva nos dentes (dizem que ela não tem cabeça, mas tem boca, dentes e narinas). Haja coragem para enfrentar um bicho desses!

Pois é, pelo sim pelo não, é bom ter muito cuidado com essas assombrações, e não duvido que ela tenha sido vista por muitos no Olho D'água da Bica. É realmente de causar arrepios ao

maior dos incrédulos. Conforme já dito e repetido, a figura sinistra que amedrontou muitos é mesmo a de um padre-sem-cabeça.

E para contar apenas algumas das muitas estórias, começo relatando a que aconteceu, comigo, Flávio meu irmão e meus primos, Célio e Ciciliano. Certa feita, fomos, ao final da tarde, até o sítio do avô deles, a quem eles tratavam carinhosamente de Paicílio. Fomos colher mangas, jacas e goiabas. Chegamos ao dito sítio que fica localizado ao lado do Olho D'Água, por volta das quatro da tarde, e passamos a recolher as frutas na maior algazarra, e nisto não vimos o tempo passar. Lá pelas seis da tarde mais ou menos na hora da Ave Maria, a dita assombração vinha caminhando calmamente e Ciciliano o mais valente dos quatro, botou logo pra tremer e embolar a voz; Célio, que sempre foi bem branco, a essas alturas já estava bem amarelinho; Flávio passava a mão na braguilha para sentir que líquido era aquele, que escorria em suas pernas; eu já não conseguia mais me segurar nas pernas, de tanto medo. Ficamos todos apavorados e já nos preparávamos para correr de ladeira abaixo. Eis, então que aquela figura exótica despiu-se por completo e deu uma gargalhada daquelas! Nada mais era do que seu Otacílio o dono do sítio, vestido num enorme capote, cujas abas cobria por inteiro a sua cabeça, dando-nos realmente uma visão de um padre-sem-cabeça, principalmente no escuro. Depois ele nos contou que fazia aquilo para enxotar os que gostavam do alheio e invadiam sua propriedade para pegar frutas sem sua autorização. Dizia isto e ria para se acabar. O velho Otacílio também conhecia, é claro, a estória da aparição do padre-sem-cabeça.

Dessas aparições foram muitas, contadas em verso e prosa por moradores de Cuité, que, naqueles tempos áureos, usavam a velha fonte, como parque de diversão. Era um ambiente de convivência que até hoje é guardado na memória de todos. Porém quem conhecia a estória das aparições não ousava em passar lá depois das seis da noite.

Naquela época, havia dois caminhos para se chegar a Muralhas. Um deles era pela Malhadinha, onde obrigatoriamente se passava pelo dito Olho D'água; o outro era via Campo Comprido. Os exóticos moradores de Muralhas, já haviam sido alertados para não voltarem da cidade fora de hora. Ainda assim, não acreditavam nessas coisas. Miguelão dizia sempre: – *Quem já morreu não vem aqui mais não, que dirá a alma de um padre que morreu lá no estrangeiro!* Dizia isto e ficavam zombando dos moradores de Muralhas. Como se alma penada precisasse de passaporte ou pegar um avião, para aparecer em qualquer lugar.

Certa feita, numa sexta-feira treze, noite de inverno, quase meia noite, vem os três afoitos moradores. Miguelão, vindo do Cassino de Messias, já puxando fogo, teimava em ir pela Malhadinha; já Luquinha e Zé de Arataca, advindos do Cajueiro, queriam voltar pelo Campo Comprido, e os três, numa discussão danada rua abaixo, nem se deram conta que rumavam para o Olho D'água. Só perceberam ao chegarem em frente a Cadeia Pública, tão grande era o costume de irem e virem por aquele caminho.

Ao desceram a ladeira, o relógio já marcava meia noite. De repente veem um enorme clarão provocado por um relâmpago tão grande, que a noite se fez dia. Em seguida, ouve-se um estrondoso e enorme trovão, que ressoou a centenas de léguas de distância. A essas alturas, Zé de Arataca, que tinha um medo de trovão da moléstia dos cachorros, desmaiou de tal forma que perdeu todos os sentidos. Luquinha, de repente, olha para Miguelão, que já havia puxado da cintura o seu parabellum. Quando os dois olharam em direção à velha fonte veem uma enorme silhueta de um padre-sem-cabeça, de batina preta, que puxava pela mão uma enorme mula-sem-cabeça, que cuspiam fogo, de forma que iluminava tudo ao seu redor, caminhando em sua direção. Luquinha esqueceu-se de sua perna dura, e partiu em disparada rumo a Muralhas. A carreira foi tão grande que passou direto

e foi bater no sítio Mocotó, onde morava tio Adauto. Chegou lá mais ou menos à meia noite e trinta (pense numa velocidade). Já Miguelão passou a atirar seguidas vezes contra a assombração e quanto mais ele atirava, mais ela caminhava para perto dele. Quando Miguelão, de tanto atirar ficou sem munição, partiu também em disparada rumo a Muralhas. Ao chegar à Casa Grande, tio Dosanhos escutou um barulho e abriu a porta para ver do que se tratava. Viu Miguelão, sentado no alpendre, todo mijado, ao que perguntou: – *O que é isso Seu Miguelão?* E ele numa rapidez da gota serena disse: – *É suor, hoje tá fazendo muito calor!*

No dia seguinte ao quebrar da barra, chega a Muralhas, trazendo Luquinha, tio Adauto, que achava que tinha acontecido alguma desavença entre os três mosqueteiros muralhenses. Pouco tempo depois, aparece Zé de Arataca, com seu português peculiar, e dá a seguinte desculpa: – *Seu Miguelão, acho que aquela rapariga sem-veigonha, botou aigum catimbó na minha pinga, e eu garrei no sono e só acordei agora de manhã!* A verdade só veio à tona muito tempo depois, quando Luquinha tomou uma carraspana e acabou por revelar os fatos. Ainda assim, Zé de Arataca e Miguelão continuaram negando. Diziam que eram doidices do bêbado Luquinha.

O trio de incrédulos certamente foi surpreendido de forma excepcional, logo com as duas aparições, para aprender de uma vez por todas, que não devemos zombar das coisas do outro mundo. E Luquinha, que tanto se gabou, lá na barbearia de Zé Moreira, de que não tinha medo de nada, quase morre de medo da mula-sem-cabeça e nunca mais falou no assunto. E quando era chamado a dar explicações, dizia que tudo ocorreu porque estava sem seu patuá.

Fabiano, meu irmão caçula, me contou um fato inusitado, que se passou também na velha fonte, por ocasião da encenação da Paixão de Cristo, realizada pelo Teatro Amador de Cuité - TEAC,

do qual ele foi diretor por muitos anos, onde também acumulava a função de diretor do espetáculo exibido no período da Semana Santa, sempre em duas apresentações – uma na quinta-feira e outra na sexta-feira, em cenários construídos especialmente para este fim, no velho Olho D'água da Bica.

Contou ele que, no ano de 2001, a Sexta-Feira da Paixão caiu no dia 13 de abril. Naquela noite a encenação terminou as onze e meia, momento em que se dirigiu para o alojamento dos atores improvisado nas dependências da antiga Escola Agrícola, onde hoje funciona o campus da UFCG. E já se preparava para dormir, quando, de repente, entrou quarto adentro um dos atores por demais conhecido dos cuiteenses, de nome Reginaldo Jacaré. Vinha com a respiração ofegante, o coração só faltava sair pela boca, as pernas tremiam mais do que vara verde, os joelhos todos ensanguentados. Indagado do porquê de sua aflição não respondia a nada, tentava balbuciar algumas palavras mais nada saía. Só depois de ingerir cinco lapadas de cachaça (até então, nunca havia tomado bebidas alcoólicas), foi que o pobre se refez do susto e passou a contar o que havia acontecido. Disse ele:

– Eu tava recolhendo as lamparinas lá perto do palácio de Herodes, quando ouvi, por trás de mim, umas pisadas, pensei ser algum dos meninos, quando me virei para conferir, vi um padre de batina preta sem cabeça, vindo em minha direção, daí eu dei uma carreira e quase me lasco por cima da sepultura de Lázaro. Sofri uma queda tão da molesta que quase não consigo me levantar. E concluiu: – Eu vou embora para casa agora mesmo, arranje um carro para me levar, pelo amor de Deus!

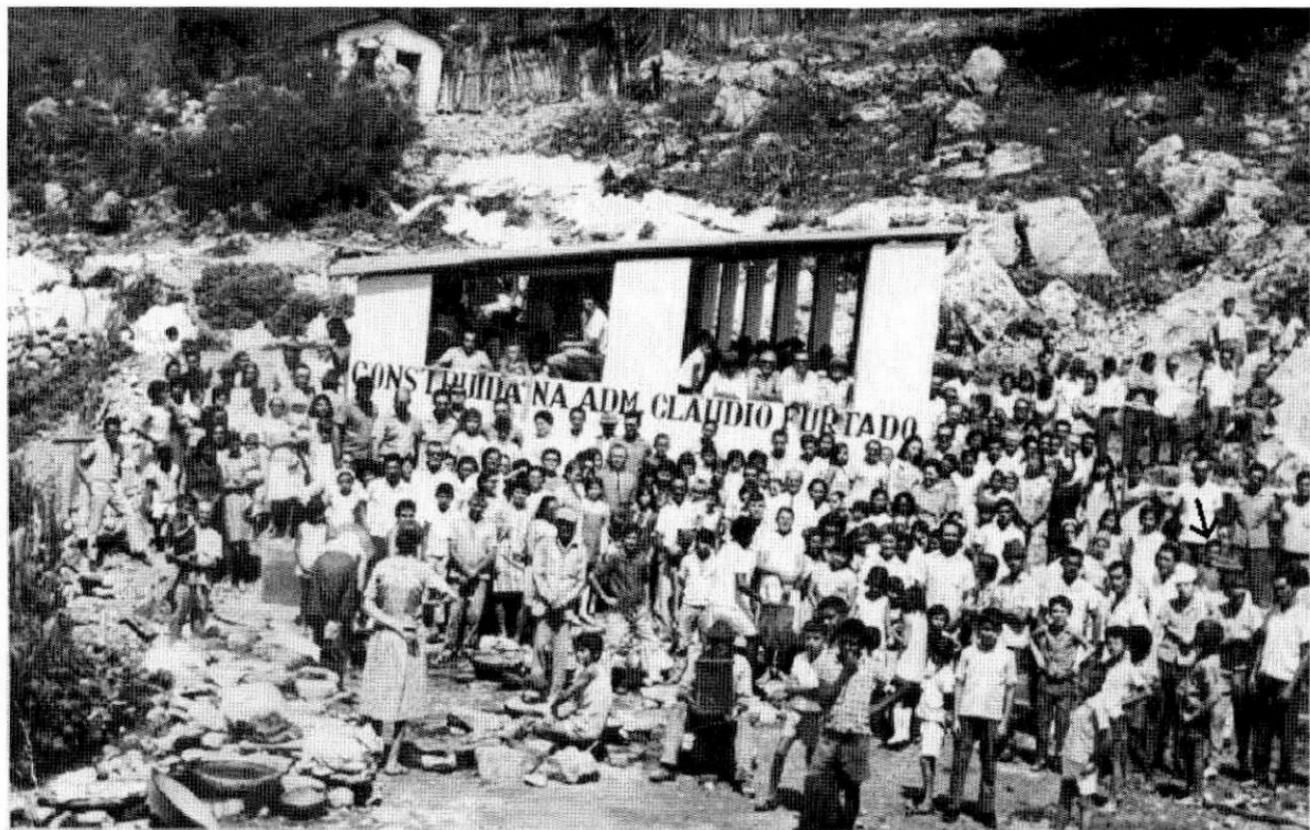
Fabiano a princípio pensou ser algum dos atores, que vestira as indumentárias da encenação teatral, para pegar uma peça no medroso Reginaldo. E depois de muito rir e refletir, lembrou-se que entre as vestimentas dos atores não existia nenhuma batina preta. Pelo sim, pelo não, ficou com a versão de Reginaldo.

O fato é que, no ano seguinte, Reginaldo – que já havia sofrido uns reveses em anos anteriores, quando foi rebaixado do papel principal de Jesus, para o papel secundário do Bom Ladrão, e ainda assim, continuava sendo um dos atores mais empolgados com a apresentação – não quis mais saber de fazer parte da peça e, em 2002, não havia ainda se refeito do susto provocado pela visão sinistra. Nunca mais pisou no Olho D'água, no período noturno.

Quando coisas misteriosas e surpreendentes acontecem, é melhor fazer como bem disse o personagem do filme O Homem que Matou o Facínora, jornalista Maxwell Scott. Quando Stoddard revelou quem realmente matara Valance, ele perguntou: “– Vai contar essa história, Sr. Scott?” A resposta foi a famosa frase: “– Este é o Oeste, senhor. Quando a lenda se torna fato, nós publicamos a lenda”. E eu digo agora: Em Cuité também é assim.



O VELHO OLHO D'AGUA DA BICA, JÁ NOS ANOS 70. ONDE MIGUELÃO E SUA TRUPE TIVERAM A VISÃO SINISTRA DO PADRE E DA MULA SEM CABEÇAS.



O VELHO OLHO D'ÁGUA INAUGURAÇÃO DA LAVANDERIA,O AUTOR SE FEZ PRESENTE AINDA MENINO (SETA)

15

INCIDENTES NO UNIVERSAL CIRCUS



Uma das maiores e melhores lembranças da minha infância são os circos, as velhas companhias que comumente ancoravam em Cuité, com seu coletivo de artistas de diferentes especialidades, como

malabaristas, palhaços, acrobatas, contorcionistas, equilibristas, ilusionistas e mágicos. Eram organizados em grandes tendas de lona, em forma de circunferência. Hoje tem uns quadrados e ruins.

Os dos meus tempos de menino, que por aqui pousavam, eram armados nas imediações do Mercado Público, onde hoje fica a Praça Aniceto Pereira. Autorizados pelo Prefeito, instalavam-se e passavam boas temporadas na cidade, para alegria da meninada e a tortura dos pais, que tinham que, quase diariamente, desembolsar dinheiro para irmos assistir ao espetáculo.

Quando não tínhamos dinheiro, o negócio era ajudar aos propagandistas do circo cidade a fora, quando saíam com seus palhaços com enormes pernas de pau, a gritar para que nós respondêssemos algo como: – hoje tem espetáculo? E a gente, na maior algazarra a gritar, tem sim sinhô! – Às oito horas? – é sim sinhô! – tem malabaristas? – tem sim sinhô! – tem equilibrista? – tem sim sinhô! – e o palhaço do circo o que é? – é ladrão de mulher. Após percorrer toda a cidade, os que tinham mais sorte recebiam um

passaporte para entrar de graça. Como eram meninos demais, nem todos conseguiam. Daí a saída era atazanar os pais por alguns tostões para comprar o ingresso.

Naquela época ainda não era proibido o uso de animais em circos. Atualmente em algumas cidades, não se pode mais exibir os bichos. Entretanto, na maioria dos municípios brasileiros ainda é permitida sua exibição, tendo em vista que não há uma legislação federal que regule a matéria. Alguns empresários circenses, artistas, produtores culturais e estudiosos lutam para que seja aprovada uma legislação federal que regulamente o uso de animais em circos. Desde 2009 que tramita projeto de lei no Senado Federal, de autoria da senadora Alda Mello, com esse objetivo.

No Cuité das décadas de 60 e 70, vez por outra baixava um circo mais incrementado e trazia, em sua trupe, vários animais, como macacos, tigres, leões, aves, elefantes e etc.

Nos anos sessenta, meu primo Milanês Farias, que ficou órfão de mãe muito jovem e por isto foi criado na casa de meu avô Trajano Farias, veio a cidade, como era de costume na segunda-feira, fazer com meus avós, as comparas da semana. Ao chegar à cidade viu a trupe de palhaços, acompanhada por uma velha rural willys, com quatro difusoras em cima, no maior alarido pelas ruas, a convidar os moradores para o espetáculo do Universal Circus, que acabara de aportar na terrinha. Milanês ao ver aquela farra, soltou a mão de meu avô e caiu na gandaia, na esperança de ganhar um ingresso, para assistir aos malabarismos e, principalmente, ver um leão pela primeira vez na vida. Mas para sua decepção, ao terminar a caminhada de propaganda, não conseguiu seu intento e ficou sem o seu passe livre.

A estas alturas, meus avós estavam em tempo de perder o juízo sem saber o paradeiro do menino. Já se preparavam para ir à delegacia, para prestar queixa de seu desaparecimento. Quando, de repente, eis que surge meu primo numa tristeza de dar dó. E

meu avô, após lhe dar uns bons carões, pegou seus pertences e regressaram a Muralhas.

Milanês foi todo o caminho insistindo com nossos avós para lhe arranjar o dinheiro para ir ao espetáculo. Contudo, padrinho Trajano não lhe dava ouvidos como forma de o castigar pela sua desobediência.

Ao chegarem em casa, encontraram Miguelão, que estava a procura de um garrote e passara por ali, na esperança de saber se alguém tinha notícias do bovino fujão. Ao avistar Milanês com tanta tristeza, perguntou do que se tratava, e ele todo choroso, contou-lhe o seu infortúnio, ao que Miguelão lhe afirmou o seguinte:

– Não vou lhe prometer, mas se eu souber que tem alguma coisa interessante eu vou e lhe levo comigo, para assistir este bando de mambembes. Pois se vieram pousar num fim de mundo desses, não devem ser lá estas coisas.

Milanês, ao ouvir tal promessa, deu uns sem números de pulos de alegria, e passou a esperar, com a ansiedade de menino, pelo tão grande dia de sua estreia nos poleiros do mundo circense.

Mas o circo não era tão ruim assim, e tinha se instalado em Cuité, porque seus proprietários sabiam que era uma boa praça que lhe renderia bons lucros. Além de excelentes palhaços, o espetáculo trazia muitos animais, belas atrizes estilo hollywoodiano (pelo menos era o que anunciavam os locutores), vestindo possantes maiôs de helanca, a sensação da época, que chamava a atenção dos marmanjos. O mágico de nome Mandrake, se apresentava com sua cartola que, ao tirá-la, para apresentar seus números, deixava transparecer uma bem penteada cabeleira que brilhava a força da brilhantina glostora, a la John Travolta, seus dentes de ouro à vista, tirando coelhos e mais coelhos da cartola, com sua jaqueta de lantejoulas vermelhas, que brilhavam como estrelas. O ponto alto do espetáculo era o número dos trapezistas,

quando nossos coraçõezinhos só faltavam pular de tanta emoção. Fazia com que todas as crianças ficassem apaixonadas por eles.

No Universal Circus havia muitas atrações: o globo da morte; os palhaços com sapatos longos de duas cores, que entravam no picadeiro no pequeno carro que dava o prego e passava a se desmontar todo ao espocar de tiros; ferozes leões que obedeciam ao domador; elefantes que se equilibravam numa pata sobre um pequeno banquinho, depois fazia carícias com sua enorme pata no rosto de uma bela jovem; os cavalos que dançavam balés e eram montados por cachorros e numa sincronia matemática dançavam as mais famosas valsas vienenses como: Danúbio Azul, A Valsa do Imperador, dentre outras obras primas.

Os assentos que rodeavam o picadeiro eram feitos de tábuas, os quais nós chamávamos de poleiros, sem nenhum conforto, mas que passava despercebido, tão grande era o encantamento pelo espetáculo. No meu caso costuma chegar cedo para pegar o último poleiro de onde era possível tocar a enorme lona do circo. Os mais abastados assistiam em cadeiras nos camarotes, feitos nos lugares de maiores destaques. Sem prejuízo os que não tinham dinheiro usavam de artifícios e pulavam a cerca, enfiando-se por debaixo das arquibancadas, também assistiam ao espetáculo, quando tinha a sorte de não serem flagrados pelos guardas. Quando davam azar eram postos para fora numa cena humilhante, o que me causava extrema tristeza.

Pois bem, assim seguia o Universal Circus, anunciando a cada dia uma novidade como forma de aumentar o número de espectadores. Milanês na sua ansiedade, e a cada segunda-feira, aumentava mais a esperança de vir ao espetáculo e sempre perguntava a Miguelão: – É hoje que nós *vamos pro circo*? E Miguelão numa perversidade feroz, deixava a pobre criança ainda mais ansiosa com suas respostas: – *Não sei! Se tiver um número bom, talvez!*

Geralmente os circos que aportavam na cidade não passavam mais do que quinze dias por temporada. Porém o Universal já iria completar um mês de permanência em Cuité.

E sempre com casa cheia todas as noites. Dizem que os lucros auferidos pela companhia nesta temporada em Cuité, foram tão grandes, que deu para trocar toda lona do circo.

De atração e divertimento, a companhia passou a ser um incômodo, pois os pais da criançada não aguentavam mais ter que todos os dias arranjar dinheiro para os seus filhos, que, por sinal, não eram poucos. Lá em casa mesmo, éramos dez.

A situação ficou tão incômoda que uma comissão de pais se formou escondido das crianças é claro, para pedir ao prefeito uma solução, pois o Universal já estava abusando daquela praça de negócios. E não deu outra – o prefeito determinou que o circo só apresentasse mais um espetáculo, arriasse a lona e tomasse destino para outra cidade.

Milanês, ao tomar conhecimento de que o circo iria fazer a última apresentação, entrou em desespero e veio à cidade, sozinho, escondido de todos, para averiguar de perto a veracidade das notícias. Ao chegar à cidade, viu a mesma cena das segundas-feiras, a trupe do circo desta feita trazia até os animais ao anunciar o seu último espetáculo. Com tantas atrações, que faziam o coração daquele menino pular de alegria, mas, ao mesmo tempo, de aflição, sem ter a certeza de que iria realizar seu sonho de assistir pela primeira vez, um evento que para ele era coisa do outro mundo. Passou a ouvir a algazarra das difusoras e viu que dentre as atrações estava a mais esperada de toda temporada que fora reservada para a última noite. O locutor anunciava uma atração internacional, vinda da Rússia, nada mais nada menos que a **mulher que vira peixe**. Milanês, ao ouvir tal propaganda, voltou em disparada para Muralhas, para avisar a Miguelão e assim convencê-lo a vir assistir. E não deu outra, Miguelão ao saber da atração

internacional, decretou: – *É hoje, menino*. E completou: – *Eu quero ver como é que danado uma mulher se vira num peixe!*

O meu dileto amigo sociólogo, escritor, professor universitário e hoje diretor do Centro de Educação e Saúde, da UFCG em Cuité, doutor Ramilton Marinho, já contou esta história, em seu livro intitulado: *Ninguém Matou Baltazar* (por sinal, é um bom livro, que recomendo a todos), porém, por não ter autorização para fazer a biografia de Miguelão, fez uma inteligente descrição dos fatos com outras personagens. À época em que o Dr. Ramilton escreveu seu livro, vivíamos uma grande discussão acerca da biografia não autorizada do rei Roberto Carlos, e conforme foi amplamente divulgado - o livro “Roberto Carlos em detalhes” (Planeta-2006) foi tirado de circulação, após disputa judicial. Assim o nobre escritor Ramilton Marinho, evitou polemizar com os herdeiros do espólio intelectual e cultural de Miguelão.

Mas voltemos ao Universal Circus, onde ao meio dia as filas das bilheteiras já estavam enormes, pois a estas alturas, pessoas de toda a região do Curimataú já se apertavam para comprar o ingresso e assim assistir ao feito inédito. Eu já estava na fila desde as sete da manhã e, para minha felicidade, quem estava atrás de mim era meu bom primo Milanês acompanhado de Miguelão, que trouxera um tamborete para aliviar a longa espera na fila, para comprar seu bilhete e ver o espetáculo que prometia ser o mais sensacional dos shows circenses até então apresentados naquelas plagas.

Após a longa espera, finalmente as portas do circo foram abertas e a multidão passou a entrar, numa correria que parecia uma boiada quando estoura, mas felizmente conseguimos nos acomodar. Miguelão sempre pegando na mão de Milanês, levou-o até o último poleiro, pois sentiu que dali a visão era mais ampla e desta forma não perdia o menor detalhe do espetáculo. Quando já estávamos acomodados, a nos deliciar com enormes

pirulitos tipo “rasga boca”, eis que Miguelão avista um pobre de um aleijado que teimava em subir os poleiros, para sentar lá em cima. Miguelão vendo tal cena, compadeceu-se daquela criatura, e num gesto de delicadeza, o ajudou a se acomodar num lugar de onde também tinha uma boa visão.

Às oito horas da noite em ponto, as luzes se apagam e surge no picadeiro o mestre de cerimônias, vestindo um pomposo e elegante fraque preto, sobre uma camisa vermelha e gravata borboleta branca, numa eloquência tamanha anunciando as atrações daquela noite. Milanês estava numa alegria descomunal, seus olhinhos brilhavam de felicidades. O espetáculo começa pela apresentação dos trapezistas, seguidos pelos malabaristas e contorcionistas e Miguelão também se contorcendo de curiosidade pela atração principal, se impacientava e dizia: – *Estas besteiras eu tô acostumado a ver os macacos fazer. Num acho graça!*

Logo em seguida foi anunciado com muita pompa uma das mais importantes atrações do espetáculo. Em clima esfuziante, é trazido ao palco, pesando cinco toneladas e medindo três metros de altura o enorme elefante Jumbo, montado por uma bela jovem, seguido por seu domador, que passaram a fazer uma brilhante e inesquecível apresentação. Como último numero da apresentação de Jumbo, foi anunciado que seria colocado, embaixo da assombrosa pata do animal a quantia de dois mil cruzeiros e qualquer um da plateia que ousasse levantá-la e tirasse o dinheiro, ganharia o prêmio. De repente se formou uma gigantesca fila, e cada um que tentava, sentia que o feito era impossível. Como ninguém conseguiu, eis que Miguelão resolveu participar do desafio e assim desceu até o picadeiro para também tentar ganhar a prenda.

Dito e feito, chegou a vez de Miguelão. O público, num silêncio sepulcral, observava a cena com muita angústia. O desafiante, numa calma inexplicável, chegou perto do abissal animal

e sussurrou algo ao seu ouvido, e o que se viu foi de causar admiração ao público e até mesmo ao domador, que assistia a tudo boquiaberto – o animal em tom de obediência ergueu a pata e Miguelão, como se faz num caixa eletrônico, recolheu a quantia, e voltou para o poleiro triunfante e todo garboso com seu inacreditável feito.

Ao chegar perto de mim, eu, numa curiosidade de dar coiceira, perguntei ao admirável Miguelão o que teria dito ele ao ouvido da fera e ele sorrindo na maior naturalidade disse: – *Foi fácil, segurei no meu parabellum e perguntei, vai levantar a mão ou que levar nove tiros na cara? Seu fofo bosta! Milanês por sua vez disse: – Ô velho brabo dos seiscentos diabos!*

E segue o espetáculo no maior brilhantismo, quando o cerimonialista anuncia a atração vinda direto de Argólida, na Grécia – o rei dos animais, Nemeus, um terrível e aterrorizador leão, descendente direto do leão da ilha de Nemeia. O rugido dele podia ser ouvido a quilômetros de distância. Segundo o locutor anunciava, ele tinha um couro tão forte que nenhuma arma podia atingi-lo. Como seu ancestral que só foi derrotado por Hércules, Nemeus era realmente uma fera impressionante. E vinha acompanhado por seu ágil domador, e fazia uma demonstração de causar inveja a qualquer artista circense. E assim surge no picadeiro uma enorme jaula e dentro dela o admirável leão que rugia num barulho ensurdecedor e olhava a plateia em tom de ira, como se não estivesse gostando do que via. A fera só se acalmou quando adentrou a cela uma linda mulher, de formas físicas de dar inveja à miss Brasil. Vinha vestida em um pequeno biquíni que deixava mostrar suas admiráveis curvas. Meu pequeno coração pulava como pipoca, tremia de medo, e ao mesmo tempo, ficava abismado com a coragem daquela jovem.

A bela atriz num ato de coragem passa a agarrar e beijar a fera que, dentro de poucos minutos, estava completamente inerte e até se deitava para receber as caricias da bela moça. Após

dominar a fera, a jovem recebe do público presente uma enorme salva de palmas e o locutor em tom de desafio, perguntava se algum dos presentes na plateia tinha coragem de realizar tal feito. Neste momento, Miguelão levantou-se e gritou: – *Eu tenho....!* E o animador do circo disse: – *Então pode vir até aqui!* E Miguelão, num ato de sabedoria e de enxerimento disse: – *Tire o leão que eu vou!* A plateia deu uma grande gargalhada e a bela modelo despediu-se do público e deixou a jaula, sob aplausos e sussurros.

Em seguida, o domador numa autoconfiança abusada, assume a situação e passa então a chicotear o animal, de forma a obrigá-lo a fazer as peripécias animais. Qualquer um que visse a cena percebia que algo estava errado, pois o feroz selvagem mostrava-se bastante nervoso. Miguelão, em tom de desconfiança, segurou logo a minha mão e a de Milanês, como se estivesse renunciando alguma catástrofe. E como do nada e sem ninguém esperar, o leão num arroubo de cólera aproveitando um vacilo do domador, deu um salto monumental, e, saindo da jaula, partiu em disparada, na direção em que estávamos. Aí, de repente, formou-se um grande tumulto no interior do circo, o leão a rugir e a correr em zigue-zague e a plateia desesperada, sem ter para onde ir. Miguelão com as duas mãos ocupadas, pois trazia a mim e a Milanês, lembrou-se do pobre aleijado e começou a pedir que alguém o acudisse e para tanto passou a gritar: – *Olhe o aleijado, pegue o aleijado!* Gritava e apontava na direção daquele pobre homem que, sem perceber as boas intenções de Miguelão, gritou para todo mundo ouvir: – *Deixe o leão escolher velho fila da puta!* Ao que Miguelão retrucou: – *Ô filho duma rapariga mal-agrado!*

Felizmente os operários do circo, depois de muita luta, conseguiram tirar o animal de dentro da companhia, ao abrir a lona que circundava o circo, e ele saiu em disparada pelas ruas da cidade. Só depois de muita luta foi que conseguiram dominar e prender a fera, já com o dia amanhecendo. Dois anos depois,

Roberto Carlos, que era amicíssimo do dono do circo, soube do fato e, inspirado no episódio, fez a música cuja letra, a certa altura, diz o seguinte: “Um leão está solto nas ruas, foi descuido do seu domador...”

Com o leão fora do circo, o espetáculo recomeça e como não tinha mais clima para festa o mestre de cerimônias anunciou que dado àqueles acontecimentos, não seria mais possível apresentar a grande atração russa – a mulher que vira peixe. Miguelão, num ato de rebeldia, desceu de poleiro abaixo e nos deixou a esperar dizendo: – *Fiquem aí, que eu vou lá dentro falar como dono desta espelunca!* E finalizou: – *Eu vim aqui só para ver isso e agora tão dizendo que não vão mostrar, era só o que faltava!*

Confesso que não sei qual foi o teor da conversa de Miguelão com o dono do circo, nem tão pouco tive coragem de perguntar. Só sei que antes mesmo de Miguelão retornar o locutor já anunciava novamente à atração.

Tudo pronto. Chega a tão esperada hora e o locutor passa a palavra para anunciar o feito, nada mais nada menos ao próprio dono do circo, tão importante era a atração. E ele em tom solene diz: – Senhoras e senhores! Chegou o grande momento. Algo que ninguém nunca viu. Abram-se as cortinas! Com vocês, A MULHER QUE VIRA PEIIIIIIIIIXE!

Neste momento entra uma mulher vestindo apenas um maiô de helanca as pelancas saindo por tudo quando era buraco, portando em sua mão uma frigideira de cozinha contendo um pequeno peixe, talvez uma tilápia pescada na lagoa de Seu Jovino Pereira, e passou a virá-la de um lado para outro, jogava para cima e para baixo, aparando-a novamente com a surrada panela.

Vendo aquilo, a multidão percebeu que tinha sido trapecada e se revoltou, porém como se tratava de um povo extremamente educado, passou a rir de sua própria inocência. Exceto Miguelão que, com uma raiva da moléstia, puxou seu parabellum

e correu novamente em direção ao picadeiro, pois queria pegar mesmo era o dono do circo e a MULHER QUE VIRA PEIXE. Mas, tanto a mulher como o patrono da tramoia, juntamente com os demais integrantes do grupo, saíram em desenfreada carreira. Para escaparem da ira de Miguelão, tiveram que pernoitar na Cadeia Pública sob forte escolta policial. O circo teve que ser vigiado a noite toda por uma guarnição da polícia vinda do vizinho município de Nova Floresta. No dia seguinte, arriaram a lona e tomaram destino até hoje não sabido.

Com os ânimos serenados e na primeira oportunidade que tive, corri para casa, e lá já encontrei minha pobre mãe numa aflição danada, pois julgava que eu talvez tivesse sido devorado pelo leão fugitivo, ou até mesmo algum resquício da confusão tivesse sobrado para mim. E eu era o único que ainda não tinha chegado.

Milanês depois me contou que, naquela noite, Miguelão saiu em busca de Muralhas, pela ladeira do Campo Comprido, e ele, inocentemente, insistia em ir pela estrada da Malhadinha, por ser mais perto, ao que o impetuoso Miguelão respondia: – *Não vou não, pois indo por lá tenho que passar em frente à Cadeia e do jeito que eu tô é capaz de me dismantelar com um lote de “macacos” que tão lá dando cobertura aqueles mentirosos do circo!*

Muito tempo depois foi que Milanês ficou sabendo que o temor de Miguelão era justamente ter que passar no Olho D’água da Bica, pois já era mais de meia noite e ele não se arriscaria outra vez a ter a visão arrepiadora do padre e da mula sem cabeças que tanto o assustaram na velha fonte.

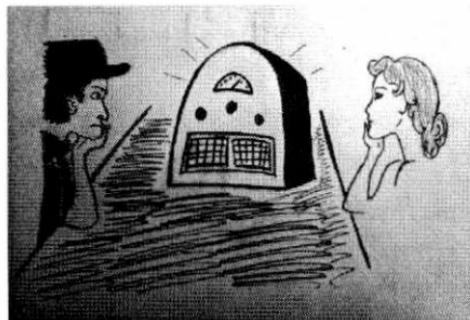
Chegando a Muralhas, Miguelão entregou Milanês na casa de meu avô Trajano e se dirigiu a sua residência, onde sua Santinha o esperava, com a costumeira acolhida cheia de dengos e chamegos, sendo logo surpreendida pelo tratamento grosseiro de seu amado Miguelão, que vinha ainda com um acesso de raiva, e botando fogo pelas ventas.

Santinha carinhosamente perguntou a Miguelão o que lhe afligia tanto. E ele numa bravata de dar inveja a qualquer um contador de mentiras, passou a bradar na maior altura, que chegou a acordar minhas tias que passaram a ouvir sem entender o que estava se passando e antes mesmo de se levantarem, para averiguarem o que estava acontecendo, ouviram nove disparos de armas de fogo. Era Miguelão que, no afã de extravasar a raiva, passou a atirar a esmo com seu parabellum e a dizer: – *Se fosse no tempo que eu andava mais compadre Virgulino, aquele cirquinho de merda já tinha virado cinza. Por muito menos do que isso, nós tocamos fogo numa cidade inteira.* E continuou: – *Se fosse lá no Riacho do Navio, a coisa tinha sido diferente! Ô povo mole é esse de Cuité!*

Minhas tias, morrendo de medo, permaneceram deitadas e, no dia seguinte, agiram como se nada tivessem ouvido.

16

AS DESCONFIANÇAS SÓ AUMENTAVAM



As palavras proferidas por Miguelão, naquela noite, após os incidentes ocorridos no circo e no jogo, aguçaram ainda mais as desconfianças de tia laiá, agora encorajada por tio Dosanjós, que também

passou a agastar-se com as verdadeiras identidades daqueles estranhos e de seus passados nebulosos.

Já em meados da década de sessenta, e graças à interferência, do meu primo, o sempre solícito José Cleodon, chega a Muralhas um novo rádio *transistorizado*, um modelo semp, bem mais potente, e com a devida instalação de uma nova e possante antena proporcionou uma revolução no alcance de novas emissoras.

Desde 08 de dezembro de 1949, que já havia sido inaugurada a Rádio Borborema de Campina Grande, que dado aos modernos equipamentos, passou a ter alcance em todos os recantos da Paraíba. Em Muralhas não foi diferente, passou-se a sintonizá-la com excelente qualidade de som. Não demorou muito para que a mais nova emissora caísse no agrado das minhas tias, principalmente pela apresentação das radionovelas que marcaram época em Campina Grande, tendo se destacado dramas folhetinescos como: O Direito de Nascer, Amor Cigano, Lampião, o Rei do Canção, Esmeralda, dentre tantos outros.

As radionovelas trouxeram para Muralhas novas rotinas, e sempre ao meio dia juntavam-se todos os moradores ao pé do rádio, para ouvir as emocionantes prosas. Miguelão, a princípio meio arredio, só passou a se interessar quando a emissora começou a transmitir o drama “Lampião, o Rei do Cangaço”. Só desta forma passou a ouvir as novelas e sempre era o primeiro a sentar para escutar com uma atenção exagerada. No começo só fazia balançar a cabeça, como se não aprovasse o que estava ouvindo. À medida que a trama ia se enredando, Miguelão ficava mais atento. No final de cada capítulo, chamava seu companheiro Luquinha e iam comentar, às escondidas, o que haviam escutado.

Lampião, considerado criminoso por uns e herói para outros, até hoje divide opiniões. Na época da transmissão da radionovela em Muralhas, não foi diferente e as discussões acaloradas passaram a fazer parte da rotina das conversas. Mas as esquisitas figuras não ousavam dar suas opiniões. Mesmo quando eram chamados a opinar, desconversavam, mudando de assunto. Isto fazia com que tia laiá aumentasse ainda mais suas desconfianças.

Tudo corria bem, até que um dia, foi exibida no capítulo a fala de um personagem que dizia que, se encontrasse com Lampião, dava-lhe uma surra, pois ele não era de nada. Nisso surge nada mais nada menos que Lampião, e deu um aperto tão grande no sujeito que ele se cagou todinho. E Miguelão, ao escutar esta passagem deu uma boa gargalhada e, esquecendo-se de onde estava, disse: – *Foi assim mesmo, eu tava lá nesse dia, ô cabra frouxo da mulesta!* Tia laiá não entendeu direito a afirmação, já que o rádio estava a todo volume. Mais adiante, quando se tratava na novela, a passagem em que Lampião obrigou um de seus homens a ingerir um quilo de sal, Miguelão caiu novamente em contradição ao afirmar: – *Meu pobre compadre Cancão, o coitado antes de morrer vomitou sangue puro. Coitado! Não merecia a sina que teve!* Noutro capítulo, foi narrado uma das mais famosas batalhas do cangaço – a Batalha da Serra Grande, considerada a mais vio-

lenta da história do cangaço. Segundo vários historiadores contam, morreram, neste episódio, 26 policiais e 38 saíram feridos, e no bando dos cangaceiros não houve registrado de morte. Ao ouvir tal falação, Miguelão fez um gesto de galhardia e novamente não se conteve e disse:

– Nós demos uma chuarada de balas de cima da serra, nos ‘macacos’, tão grande que eles ficaram desesperados, e correram em disparada e debandaram de caatinga afora, saíram tão apressados que deixaram as armas, munições, cartucheiras, cantis, bornais. Depois da batalha, nós catamos tudo que eles tinham deixado. Só fuzis foram 27 e 10 mosquetões.

Tia Iaiá, ao ouvi-lo proferir estas palavras, com esta riqueza de detalhes, viu todas as suas dúvidas caírem por terra e passou a ter certeza das verdadeiras identidades e origens das quatro figuras mentirosas, que mentiram por anos a fio. Restava saber, àquela altura, o que os levou a ancorarem em Muralhas.

Veja como o rádio revolucionou o mundo das comunicações: após tantos anos de dúvidas, este instrumento revolucionário proporcionou a nossa “James Bond”, muralhense, a confirmação de suas suspeitas, que já a acompanhavam em suas investigações e que permaneceram por quase vinte longos anos. Dali em diante, tudo ficou mais fácil e, dia após dia, surgiam novas revelações.

A CONFISSÃO DE MIGUELÃO

Os desterrados seguiam seus planos na maior normalidade do mundo. No final dos anos sessenta, início dos anos setenta, não haviam ainda revelado quais eram suas verdadeiras intenções e o que os levaram a aportar ali. Viviam os três já como se fossem membros da família. Já tinham seus negócios próprios, seu gadinho, seus plantios de algodão e uma renda considerável para a época.

Toda semana, por duas vezes vinham à cidade; no dia da feira vinham os três; já às quintas-feiras, vinham só os homens, Miguelão ia direto para os cassinos, já Luquinha seguia para o velho Cajueiro.

Numa destas ocasiões, já pelos idos de 1973, eis que chega ao lupanário cuiteenses a famosa Teodora Bunda de Bacia, que, como o próprio apelido já diz, era assim conhecida graças a sua região glútea. Teodora realmente tinha umas ancas de causar inveja a qualquer miss bumbum da atualidade. Naquele tempo, era comparada com a miss Brasil de 1954, Martha Rocha, referência de beleza da época, que perdeu o título de Miss Universo para a americana Miriam Stevenson, por conta de duas polegadas a mais nos quadris. Se fosse hoje, Teodora com certeza desbancaria a Mulher Melancia.

Teodora, natural de Recife – PE, fora recrutada em Campina Grande para trabalhar no velho Cajueiro, em Cuité. Sua chegada causou um enorme rebuliço, e sua fama ganhou tanta notoriedade que todas as noites era grande a frequência da rapaziada, que, na maioria das vezes, se contentavam só em vê-la bailar ao som de boleros, sob a luz negra.

Um dia desses estávamos no Calçadão, em Campina Grande, a conversarmos cargas d'água, eu e meus amigos de UFCG, Marquinhos e Roberto Amorim, quando de repente, se aproxima uma repórter de uma televisão campinense. Depois de se identificar, disse que estava fazendo uma enquete, para uma reportagem, cujo tema era “amor à primeira vista”. Dizendo isto, e se dirigindo a mim perguntou se eu acreditava em amor à primeira vista. E qual foi minha resposta, quando tive uma inspiração a la meu primo Ciciliano: – Mas, é claro que acredito, veja é a primeira vez que eu lhe vejo e já estou apaixonado por você! A pobre repórter ficou toda sem jeito e partiu para entrevistar outras pessoas que passavam por ali.

Pois é, o amor que Luquinha sentia por Teodora Bunda de Bacia era desse tipo, desde que a viu pela primeira vez, sentiu-se embriagado de amor. E assim, perdidamente apaixonado, passou a visitar o Cajueiro, todas as noites. Antes, só ia às quintas-feiras.

Certo dia, chegou a Muralhas, pela manhã bem cedo, com o corpo coberto de hematomas, tinha um olho roxo e bem inchado. Tio Dosanjos então resolveu perguntar a causa de tudo aquilo. E ele com uma voz embargada, passou a contar o acontecido.

– Ontem de noite eu fui ao velho Cajueiro, decidido a ter uma noite de amor com a paixão da minha vida. Quando cheguei lá, encontrei Teodora no maior amasso com o tal de Zezão Pé de Paeta. Eu tive uma raiva tão da gota serena, que decidi abrir uma bagunça com aquele fela-da-puta. Depois que tomei uns dez raios de galo, e cego de raiva, não me aguentei e passei a “inticar” com o cabra e assim passei a gritar: – é hoje que eu mando um pro inferno! Nesta bosta não tem homem para me enfrentar!...

Foi quando Zefa de Ambrosina, em tom de desespero e vendo a hora acontecer uma desgraça, veio até minha mesa, e com muito jeito, me levou pro quarto dela e me deixou lá, prometendo que mandava uma mulher para me fazer companhia.

De repente, chega Raimunda Cabeça de Pano (nunca foi vista sem um lenço na cabeça, daí o apelido), que estava em dias de parir dum filho que fez com Pedro Coxa de Taboca. A condenada chegou no quarto e começou a puxar conversa comigo, querendo trocar umas ideias sobre a vida. Aí comecei a perguntar sobre o passado dela, se foi casada, como entrou nessa vida, se gostava de Pedro e por aí vai. Daí, sem ver nem pra crer, Raimunda bem na minha frente, começou a ter as dores de menino! E como o senhor deve saber puta é um bicho muito escandaloso. Fazia um alarido tão da gota serena, gritava como os seiscentos diabos ao ponto de me deixar meio mouco. Olhe Seu Dosanjos, eu fiquei foi num aperreio dos diabos. O povo do cabaré começou a ouvir os

gritos e vinha correndo, querendo saber o motivo, pensavam que eu tava dando nela! E eu fui ficando, meio encabulado, sem ter pra onde correr aí resolvi ficar ali mesmo e ajudar a pobre de Raimunda a ter a criança, até que aparecesse um socorro. Olhe! Era tanta gente na porta, pendurada pelas janelas, dentro do quarto, todo mundo querendo ver à criança nascer. Foi quando chegou Zefa de Ambrosina que tinha mais experiência, e as outras que tinham dispensando seus fregueses, e correram pra ajudar. E eu, que tinha começado, pensei, vou ficar agora até o final pra ver no que vai dar isso... E fui ficando ali no meu cantinho. Queria saber o resultado daquela encrenca toda. Depois que nasceu a criança, findado todo o escândalo, Raimunda ficou descansada e eu também, vendo o sofrimento acabar, fui saindo de fininho, já que não precisavam mais de mim ali. Ao chegar no corredor, vinham três soldados, de cassetete na mão. E um deles me perguntou:

– *Que furdunço da mulesta é esse Seu Luquinha?*

E eu respondi, na maior delicadeza:

– ***Foi a puta que pariu!***

– *Daí eles me cobriram no cacete e eu não vi mais nada! Apanhei como mala velha pra largar o mofo, sem saber o porquê...*

Mas apesar disto, Luquinha não desistia de seu intento de conquistar sua paixão. Como todo brasileiro, tinha verdadeira alucinação por um belo bumbum, o de Teodora lhe deixava cada vez mais enfeitado.

Certa noite, ao chegar ao cabaré, eis que estava Teodora, sozinha, sentada numa mesa, a ouvir música, e tomando uns tragos do velho cinzano. Luquinha enxergou naquela noite a única oportunidade de se aproximar da tão desejada mulher.

Adentrou ao recinto, sentou-se em uma mesa vizinha, e como num gesto de esperteza, pediu também um litro de cinza-

no. Passou a beber e fazer acenos a bela prostituta de luxo, que só fazia programas quando fosse muito bem paga.

A certa altura, Teodora entendeu as intenções de Luquinha e o convidou para sentar à sua mesa. A alegria de Luquinha, foi tanta que ao levantar da mesa onde estava, deixou cair o litro de cinzano que se espatifou no chão e antes mesmo de se abancar na outra mesa, gritou: – *Traga outro litro, menina!* E completou: – **É hoje que eu me lasco!** Daí nasceu um dos maiores romances da história da prostituição.

Naquele ano, o cantor Lindomar Castilho havia regravado um dos maiores hits da música popular, gravado em 1972, pelo cantor Odair José, intitulado: “Vou tirar você deste lugar”. E foi exatamente esta música que Luquinha pediu para colocar na vitrola. E não cansou de pedir para repetir, e sempre oferecendo a linda Teodora.

Mesmo exercendo uma das profissões mais antiga do mundo, Teodora confessou a Luquinha ter vergonha e medo de levar aquela vida. Vergonha, porque era olhada com discriminação pela sociedade e medo, porque sabia que, naquela profissão, o sucesso durava pouco, pois a beleza é efêmera, e já conhecia o destino de muitas que morreram na pobreza. E concluiu: – *Se algum dia eu encontrasse um homem, não importava a idade, contanto que ele me assumisse, eu deixava essa vida!*

Luquinha, que já contava com a idade avançada, mesmo assim, teve a coragem de propor a Teodora, uma amigação e de voz trêmula propôs:

– *Como você tá vendo, eu tô meio velho, mas há muito tempo que eu tenho vontade de arranjar uma mulher e ir embora pra meu velho Pernambuco!*

Nesta hora, Teodora com sua malícia feminina, percebeu que ele mordera a isca. E, para completar, jogou o laço convidando-o para irem até seu quarto. Lá tiveram uma longa noite de

amor, que iria marcar a vida de Luquinha para sempre. Ao terminar a noitada, Teodora disse: – *Esta é a minha resposta, eu topo ir embora com você!*

Ao amanhecer daquele dia, Luquinha deixou o velho bordel decidido a vender tudo que tinha e cumprir sua promessa de tirar Teodora daquele lugar.

Ao chegar ao cassino de Seu Messias, Miguelão jogava a última parada da noite. Terminado o jogo, partem em direção a Muralhas. No caminho, Luquinha, conta a Miguelão, a sua decisão de ir embora, e levar consigo a grande paixão de sua vida.

Miguelão em contrapartida tentou demovê-lo da ideia e, para tanto, alegava que eles não tinham feito o que realmente tinha vindo fazer em Muralhas. Dizia ainda que mulher à toa, não merece confiança. Mas seus argumentos não foram suficientes, para mudar o pensamento do apaixonado Luquinha.

Ao chegar a Muralhas, antes mesmo de apeiar do burro, Luquinha foi logo dizendo: – *Seu Dosanjos, eu quero que o senhor seja o primeiro a saber. Eu resolvi partir de volta para meu Pernambuco e queria que o senhor comprasse minhas cabeças de gado!*

Naquele ano, Luquinha tinha tido um grande saldo na safra de algodão, cujo preço estava em alta, pois, dado a crise na indústria têxtil, o governo havia proibido a exportação e ainda tinha fixado bons preços para o produto.

Luquinha, que como todos sabem era solteiro, tudo que ganhava era para juntar. Àquela altura, já possuía umas cinquenta reses e o equivalente hoje a R\$ 100.000,00 (cem mil reais) em dinheiro emprestado a juros e mais outros R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais) guardados no Banco do Brasil. Pediu de volta aos seus credores os valores emprestados. Dos que não conseguiu receber, vendeu as promissórias a Miguelão, com um deságio de 20%. Desta forma conseguiu arrecadar, em valores atualizados, com a venda dos animais e os valores em dinheiro vivo, algo em torno de R\$ 145.000,00 (cento e quarenta e cinco mil reais).

Juntou tudo, pegou Teodora e partiu de Muralhas, com destino a capital pernambucana. O pobre Luquinha cego pela paixão, não se deu conta de que estaria assim “comprando” sua sentença de morte.

Um mês depois de sua partida, chegou a Muralhas a notícia de sua morte por envenenamento, em circunstâncias misteriosas e até hoje não explicadas. Alguns afirmam que sua morte teria sido arquitetada por Teodora, com intuito de afanar o dinheiro. Em conluio com um cafetão, com quem mantinha uma relação para lá de promíscua, teriam perpetrado o assassinato do pobre velho.

A verdadeira paixão de Teodora era mesmo Geraldo Trouxa de Légua, um gigolô a quem conhecia desde 1966, quando frequentava um bordel da Rua da Guia, localizada no Recife Antigo, famosa por manter, naquela época, os mais antigos bordéis da cidade, paraíso dos marinheiros e de vários figurões da sociedade pernambucana.

A notícia da morte de seu, velho amigo causou enorme tristeza a Miguelão, que passou a viver recluso, com uma enorme saudade. Passava semanas e semanas sem abrir a boca, julgava-se culpado por não ter insistido mais para demover o amigo de tantas jornadas de ir embora, logo com uma profissional da prostituição, de quem não sabia lá muitas coisas.

Desta forma, Miguelão, foi perdendo o gosto por tudo. Sua tristeza era tanta, que dava pena. Certo dia, depois de tanto sofrer, resolveu também fazer as malas e partir para Floresta no Riacho do Navio e tentar esquecer suas dores, não sem antes contar a versão verdadeira de como vieram de tão longe para morar em Muralhas. Chamou, então, tio Dosanjos, tias laiá e Marica, e passou a expor o seguinte:

– Coronel Dosanjos, desde a morte de meu amigo Luquinha, eu não tenho mais vontade de viver. A morte dele foi para mim como se o mundo tivesse acabado. Assim, para tentar ter-

minar meus dias de vida em paz, eu combinei com Santinha que vamos embora para nossa terra. De maneira que eu vou contar a história verdadeira que fez nós vim parar aqui.

Como vocês já desconfiam há muito tempo, nós somos na verdade ex-cangaceiros do bando do finado Lampião. Nós andamos com eles por uns dez anos, na semana que ele foi morto, nós soubemos antes da emboscada e fugimos, eu, Luquinha e Zé de Arataca.

Zé de Arataca entrou no bando ainda com 14 anos, e passou a fazer mandados. Numa noite de inverno lá no Riacho do Navio, eu mandei ele levar um bilhete na casa de Santinha, como tava chovendo muito ele se recusou a ir a viagem. Daí eu tive uma raiva tão da mulesta que dei-lhe uma surra tão grande que ele cagou-se todinho. Era o trovão cortando e o couro comendo, daí ficou escrito nas costas dele o nome "santa luzia". Era a marca da minha faca. É por isso também que ele nunca tirava a camisa e tinha tanto medo de trovão. Ele ficou sugestionado!

Já Luquinha tinha a perna dura, mas não foi queda de cavalo, coisa nenhuma. Na verdade, foi um tiro de fuzil que o pobre levou na Batalha da Serra Grande, aquela da história da novela.

Santinha, nunca entrou no bando. Quando nós fugimos, eu passei lá em Floresta e roubei ela.

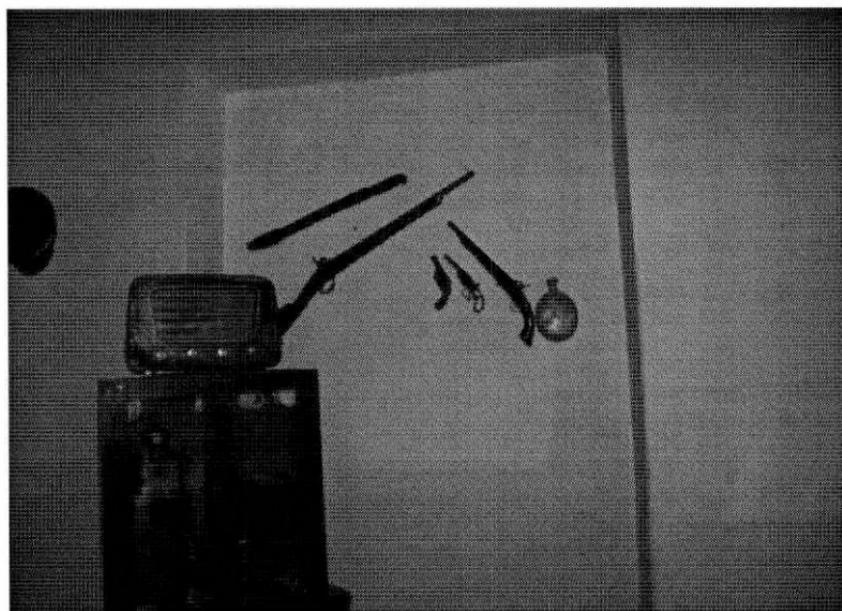
Agora o fato que nos trouxe até aqui, foi mesmo a história da botija de Coronel João Clementino. Lá na Bahia, no Sergipe, nas Alagoas, no Pernambuco, todo mundo sabia e contava essa história e assim nós viajamos pra aqui, pra roubar, mas nunca descobrimos onde ela está. E pra falar a verdade, verdadeira, a única coisa que me assombra nesse mundo é alma, daí eu não ter procurado mais pela botija. Só quem tinha coragem de encarar isso era o finado Luquinha, com seu patuá, mas agora tá sem jeito.

Mas, graças a Deus, nós ficamos gostando muito de vocês e temos vocês como sendo da nossa família. Agora não tem mais

jeito, nós vamos embora de uma vez, a demora é só receber meu dinheiro e vender os bichinhos.

Tio Dosanjo, já sem nenhuma surpresa, fez preço nas reses de Miguelão e disse que ele podia fazer como melhor lhe aprouvesse. E assim, uma semana depois o casal de nômades se despediu de Muralhas e foram embora, para nunca mais voltar, nem tão pouco, mandar notícias.

Era 02 de janeiro de 1975, quando eles se foram! Estava explicado porque os nômades não se deixavam nem pelo menos serem fotografados. Tinham muito a esconder.



O VELHO RÁDIO QUE PROPORCIONOU TIA IAIÁ DESCOBRIR AS REAIS IDENTIDADES DOS EXÓTICOS MORADORES DE MURALHAS. FONTE: MUSEU DO HOMEM DO CURIMATAÚ.

17

OS ACASOS DA VIDA



Charles Chaplin, disse certa vez que: “ – Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha, é porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra! Cada pessoa que passa em nossa vida passa

sozinha e não nos deixa só porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso”. Corroborando com isso, existe um ditado, de autoria desconhecida, segundo o qual “nada acontece na vida por acaso, para tudo tem um motivo e uma solução”.

Partindo desses pensamentos, vejo hoje que são as mais puras verdades, considerando os acontecimentos que surgiram na minha vida de forma inesperada e que me levaram a acreditar de maneira fidedigna nesses pensadores. Passo a elencá-los de modo ordenado com as coincidências dos fatos que venho narrando ao longo deste livro.

O RESGATE DE VIOLETA

Como todos em Cuité e região sabem, meu pai Benedito Fonsêca, foi um dos pioneiros em transporte coletivos na cidade.

Nos anos sessenta, quem quisesse viajar de ônibus para Natal ou Campina Grande, tinha como alternativa a Viação Cuiteense de propriedade dele, que começou ainda nos anos cinquenta, a fazer as linhas, em pequenas marinetes. Nos anos sessenta, os negócios prosperaram e evoluíram para possantes ônibus.

Pois bem, esta atividade de meu velho pai, proporcionou um fato inusitado sobre o paradeiro de Violeta, a velha cadela que, surrada por Miguelão, sumiu tomando destino ignorado.

Certa feita, presenciei uma conversa entre meu Pai e tio Adauto Farias, cujo teor tento agora transcrever, com fidelidade do que escutei. Eis o diálogo:

Disse meu pai: – *Ô compadre Adauto, ontem, quando nós íamos para Campina Grande, e chegamos mais ou menos no meio do caminho, entre Barra de Santa Rosa e Remígio, a luz do óleo do ônibus acendeu. Imediatamente parei o carro e fui olhar o que havia acontecido. Para minha surpresa, percebi que o radiador tinha furado e não tinha uma gota d'água. Se eu tivesse andado mais um pouquinho, tinha batido o motor. Na hora tive que fazer um quebra galho e tapei o buraco com uma mecha de madeira e fui numa casa que tinha ali perto, pedir um pouco d'água para encher novamente o radiador e assim chegar até Remígio e mandar soldar.*

Mas você não queira saber qual foi à surpresa maior. Ao chegar ao terreiro da casa, fui recebido com os latidos de uma cachorra, que, se não tivesse amarrada, tinha me mordido. O dono da casa, ao ouvir os latidos, saiu e gritou: – Cale a boca Espoleta!E assim a bicha amansou mais. Daí ele me perguntou o que estava se passando e eu falei do acontecido e ele logo se prontificou em me ajudar, tendo inclusive me emprestado dois barris de água, para chegar até Remígio e assim foi feito.

Acontece que quando ele foi encher os barris eu passei a prestar atenção na cachorra e vi que a mesma tinha, escrito no

espinhaço o nome “santa luzia”. Quando o homem retornou, perguntei se fazia tempo que ele tinha aquela cadela e ele me disse: – Faz uns três anos mais ou menos que ela chegou aqui, assombrada, vinha numa carreira da mulesta, com um palmo de língua pra fora, e quando eu perguntei qual era o nome dela ela disse, quase morrendo: – É Lêêêêta! Vi o sinal nas costas dela e pensei, é abençoada, vou ficar com ela, o nome deve ser Espoletta. Até hoje, ela vive por aqui!

Agora eu lhe pergunto compadre Aduuto, você tem alguma dúvida de que era a cadela Violetta, que levou a surra de Miguelão? Eu não tenho não! O nome gravado, nos espinhaços da bichinha era da faca de Miguelão.

Ao que tio Aduuto respondeu: – Vai ver que é ela mesmo!

A DESCOBERTA DO PARADEIRO DE ZÉ DE ARATACA

No ano de 2013, fui, junto com minha família, passar férias na praia de Barra de São Miguel, no município alagoano de mesmo nome. Fomos a convite de um casal de amigos, Nascimento e Luiza, nossos vizinhos aqui em Campina Grande. Lá nos hospedamos no Centro de Treinamento Marista, um lugar muito aprazível. Juntamente conosco foram outros amigos, dentre eles o casal de amigos, também nossos vizinhos, Osmar e Selma Braga.

A praia em São Miguel é uma das mais bonitas do litoral alagoano é próxima de Maceió e assim os mais ilustres têm casas de veraneios lá, sendo o lugar favorito dos figurões políticos de alagoas. Por ser bem frequentada, durante o veraneio são realizados, muitos shows de artistas famosos da música popular brasileira. Um dos que tinha cadeira cativa nas apresentações na Villa Niquin, era o grande intérprete Emilio Santiago, falecido em 20 de março de 2013, poucos dias depois de sua última apresentação

na agradável vila. O grande e inesquecível cantor, todos os anos, fazia uma apresentação excepcional e sempre de casa cheia.

Pois bem, acontece que, naquele ano, estávamos em uma barraca de praia a tomar umas geladinas. Quando, de repente, vimos uma grande aglomeração de pessoas que corria em direção a barraca em que estávamos. A princípio pensamos que se tratava daqueles arrastões que vez por outras vemos nas praias cariocas. Mas felizmente não era. Ao se aproximar vimos que se tratava do ilustre cantor que resolvera dar uma volta na beira mar o que chamou a atenção dos fãs. Para nossa alegria, o fenomenal intérprete adentrou a barraca em que estávamos e passou a dar autógrafos e bebericar uma bem gelada água de coco.

Osmar Braga que estava sentado ao meu lado, ao ver Emilio Santiago, disse: – É mesmo que tá *vendo Zé de Arataca!* Só não é idêntico *porque* não tem a cicatriz no rosto. Ao ouvir tal afirmação perguntei – Parece com quem Seu Osmar? E ele me repetiu: – *Com Zé de Arataca!* E eu de novo perguntei quem é Zé de Arataca. Ouvi do companheiro de cerveja a seguinte história:

– Zé de Arataca era um vaqueiro que trabalhou na fazenda de meu pai Augusto Braga, em Sousa. Esse cidadão apareceu lá pelos idos de 1948 e pediu emprego de vaqueiro. Como papai estava precisando, contratou-o para a lida do gado. Tem um negócio, nunca vi um homem tão disposto na labuta de vaqueiro. Quando íamos vacinar o gado os outros trabalhadores usavam o laço pra pegar os animais, mas ele não, o danado entrava no curral e pegava o touro à mão e num minuto dominava qualquer animal. Mas tinha uma coisa, o danado do nego tinha um medo de trovão, que fazia pena. Quando começava a trovejar ele se escondia em baixo da cama de papai. Era uma presepada aquele homão chorando feito menino.

Afora isso, era valente e corajoso. No ano de 1963, a campanha eleitoral para prefeito foi uma das mais arrojadas de Sou-

sa, os candidatos foram Antônio Mariz que disputou a eleição pelo PTB, contra Tozinho Gadelha da UDN e um terceiro candidato, Laércio Pires do PSD. Ganhou Mariz! A diferença entre o primeiro e o segundo colocados, foi apertadíssima de apenas 10 votos.

Nessa eleição, eu e papai votamos e apoiamos Laércio Pires. Os partidários de Mariz prometeram um emprego público a Zé de Arataca, que passou a trabalhar na campanha, como ficou contra a gente, foi demitido do emprego de vaqueiro. Como eu já disse, a campanha foi muito emocionante e cheia de confusão.

Naquele tempo, as vésperas da ditadura militar, ser comunista era coisa do outro mundo, os adversários faziam de tudo para desqualificá-lo e, para isto, usavam expressões como: “comedores de criancinhas” e, com isso, assombravam a população. Mariz fez um discurso moderno e inovador, condenava as velhas praticas políticas e a modernização da administração calcada na solidariedade aos mais pobres. Este fato foi o bastante para seus adversários taxá-lo de comunista.

Pois bem, passada a eleição eu não me conformei com nossa derrota. Um dia, Zé de Arataca, que não ganhou o cargo prometido, voltou com o rabo entre as pernas e pediu o seu emprego de volta e eu dei, mas só de raiva, dei uns trocados e mandei ele fazer uma presepada. Ele saiu por toda cidade, de esquina em esquina a gritar: – Mariz é comunista e comedor de criancinhas... Mariz é comunista e comedor de criancinhas... Mariz é comunista e comedor de criancinhas! Isso deu uma confusão dos diabos.

Zé de Arataca tinha nas costas unas tatuagens com o nome de “santa luzia”! O nego desapareceu de Sousa, desde 1970, diz o povo que foi para São Paulo!

Para mim não restaram dúvidas. Estava confirmado – o vaqueiro de Seu Augusto Braga era o mesmo das Muralhas!

Os anos se passaram e calha para eu ir morar em Patos e trabalhar na Universidade Federal da Paraíba, lá fiz vários amigos e por uma coincidência extraordinária, conheci um colega de trabalho de nome João Simplício. Ficamos bons amigos, ao ponto de todos os anos comermos o peru de natal na casa dele. Numa dessas noitadas, passamos a conversar e surgiu o assunto de Muralhas. Foi quando descobri que ele era neto do coronel Deca Simplício, dono da fazenda Passagem da Madre, de onde vieram Miguelão e sua trupe. Aí, amigo, não deu pra ninguém! Comecei a puxar pelo assunto, até que tivemos a confirmação dos fatos narrados por Miguelão à tia laiá, quando ela perguntou como eles tinham vindo parar em Muralhas.

Lembrei, na hora, que um dos motivos alegado por Miguelão, para vir a Muralhas, tinha sido o medo de um tal de Minringaba, e com uma curiosidade cavalgar, perguntei a João Simplício quem danado era esse Minringaba e o que ele tinha de tão terrível a ponto de afugentar o valente Miguelão. João com um riso nos lábios, passou a relatar quem era o tal. Eis a estória contada:

– Seu Minringaba era um cabra que tinha aqui nessa região, ele era um degenerado, dizem os mais velhos que era um trauma de infância, pois quando ele era menino, aproveitou-se de uma cachaça pesada que a sua mãe tomou e, encontrando-a desacordada, pelo efeito da cachaça, o infeliz praticou sexo anal com a velha.

Contam ainda que, quando a mãe dele acordou do coma alcoólico, a pobre mulher, ainda desorientada, sentiu que algo estranho tinha lhe acontecido. O menino dormia ao seu lado, exausto de tanto sexo e ainda de pinta dura.

A velha acordou o danado do menino debaixo de uma sa-raivada de peia e ainda jogou-lhe uma maldição dizendo: – Desse dia em diante, tu nunca mais vais comer rabo de mulher e nem mesmo farás sexo com mulher nenhuma. – Se quiseres comer “butico”, que coma dos “cabras machos” que encontrares pelos caminhos da tua vida afora. E com esta condenação, expulsou o menino de casa.

Daí em diante o menino passou a viver no meio do mundo, a fazer tudo quanto não prestava. A praga jogada pela mãe desmantelou mesmo a vida dele e ele se tornou um pervertido. O menino cresceu pelos sítios da região. Quando contava com 16 anos já era um negão, e o povo já lhe chamava de “Seu Minringaba”, já media quase 2 metros de altura, pesava 120 quilos e tinha a fama de ser bem dotado. O fato era que as mulheres da vida não queriam negócio com ele, não se sabe se por medo do tamanho do seu instrumento ou se por efeito da praga.

O miserável vivia atrás de cometer atos libidinosos com os cabras machos daquelas localidades por onde passava, cumprindo assim a sua sina, oriunda da praga arrogada por sua já falecida genitora. Uma das estórias que mais se conta dele se deu lá perto do Sítio Passagem da Madre. Passou-se o seguinte:

Existia, lá perto, uma encruzilhada por onde passava muita gente, era uma espécie de cruzamento do meio do mundo, quem fosse para qualquer lugar na região tinha de passar por lá. Fossem pro norte, sul, leste ou oeste, os transeuntes para fazer suas obrigações passavam na encruzilhada.

O lascivo tarado Seu Minringaba, sabendo disso, armou mesmo no centro do dito cruzamento, uma espécie de acampamento e, para tanto, fez um jirau e de lá passou a observar quem ia e quem vinha.

Quando se tratava de mulheres deixava passar livremente, se fossem “boiolas”, esse sim é que ele nem olhava, pois seu negócio mesmo era com os cabras machos.

Os homens, coitados, tinham que fazer das tripas coração e as mais diversas aventuras para desviar do seu caminho. Assim, eram obrigados a fazer desvios que aumentavam a distância em léguas, para não terem que passar na encruzilhada e não ter que topiar com a cobiça sexual de Seu Minringaba.

E prossegue João Simplício:

– Num certo dia, meu avô mandou que um dos seus moradores fosse buscar uma parteira, pois uma nora dele estava para ganhar menino. O pobre Zé de Biró despontou para cumprir sua missão, e sabendo que necessariamente teria que passar na encruzilhada, saiu de madrugada, para ver se tinha a sorte de não encontrar o tarado Minringaba, sentado no seu jirau.

Acontece, que ao chegar ao dito cruzamento lá estava Seu Minringaba sentado no seu jirau, a pitar o seu pacaiá de fumo de rolo.

Zé de Biró, tremendo de medo e vendo que não lhe restava outra saída, tinha que passar de qualquer jeito, parou e refletiu:

Depois de pensar, concluiu que a única alternativa, era oferecer de cara o seu “butico” ao tarado Minringaba.

Desta forma, se aproximou do violento homão e perguntou, virando a bunda para o algoz: – O Senhor quer Seu Minringaba? Perguntou com voz trêmula.

Minringaba, não levantou nem a cabeça e de onde estava, exclamou: – Quero não seu boiola, eu não gosto disso quando é oferecido. E dane-se logo daqui, seu fresco!

O pobre de Zé de Biró teve uma alegria tão grande, que quando saiu na carreira deixou as alpercatas...

Saiu estrada afora. Lá na frente, encontrou um vizinho seu que, ao ver que ele vinha na direção da encruzilhada foi logo perguntando: – Compadre Zé de Biró, tu passasse lá na encruzilhada? Tu visse se Seu Minringaba tá lá?

Ao que Zé de Biró, respondeu: –Tá sim, compadre!

– Sendo assim compadre, eu vou voltar! Foi dizendo isso e dando meia volta.

Zé de Biró já todo confiante falou: –Tem nada não compadre, tu pode passar! Tu faz que nem eu fiz, antes dele te agarrar, tu oferece, que ele não gosta de nada oferecido, foi desse jeito que eu passei! Assim o compadre vai lá e oferece também. Pode fazer assim sem medo, que ele te deixa passar!

– Quer dizer compadre, que eu posso confiar?

– Pode ir! Eu não passei! Então tu vai passar!

Assim o pobre homem saiu. Cada passada era uma pancada no coração, tão grande era seu medo e, chegando perto de Seu Minringaba, que estava deitado no seu velho jirau, disse-lhe:

– Ô Seu Minringaba, o senhor quer? Falou o pobre homem já mostrando o traseiro desnudo...

E Seu Minringaba num gesto de sadismo, levantou-se, deu um salto e saiu-se com essa:

– Vou lhe contar um negócio, eu não gosto dessas coisas oferecidas não, tá ouvindo! Mais já que você teve boa vontade, eu vou aceitar... Encoste a testa no tronco daquela baraúna ali!

E assim se deu um dos casos mais famoso do tarado Minringaba.

E continuou meu amigo João Simplício:

– Seu Minringaba tinha verdadeira paixão por um velho fazendeiro, o qual ela chamava amorosamente de Janjão.

Certa feita, numa madrugada chuvosa, o relâmpago e o trovão, cobrindo no sertão, o endiabrado do Minringaba, pensando em realizar o sonho de saciar seu desejo carnal, com sua paixão, foi até a casa do velho e batendo na porta disse:

– Janjão, ô Janjão, Janjããããã! Vamos salvar o seu açude que tá com uma cheia da mulesta e se não abrir o sangradouro ele vai estourar.

– Ô meu filho muito obrigado, espere aí que eu já tô indo! Disse o velho Janjão.

– E quem é que tá me chamando? Perguntou Janjão.

– É Minringaba! Respondeu o libertino tarado.

Janjão, ao saber de quem se tratava, gritou lá de dentro mesmo: – Deixa aquela merda ir embora, que amanhã eu mando fazer outro!

Desta forma, Janjão livrou-se de mais uma armadilha, dentre tantas tentativas armadas por Seu Minringaba. E concluiu meu amigo João Simplício:

– Era assim mesmo, ninguém tava livre das astúcias de Seu Minringaba. Certa vez, ele cismou de pegar um cabra, e mesmo estando a pé e o cabra num cavalo alazão, ele encostou o homem na baraúna. Aquele danado tinha parte com o cão.

– Na seca de 1958, ele inventou de pegar um brejeirinho, que veio a Patos trabalhar na construção do açude do Jatobá, um cabra baixinho, mais enfezado, danou-lhe um quicé de faca que o fato caiu fora.

Assim, estava explicado o medo de Miguelão! Miguelão por ser “um cabra macho” tinha tudo para despertar o apetite do impudico Minringaba.

A REAL EXISTÊNCIA DE NOVENTA E NOVE E DE JOÃO MACACO

Outra grande amizade feita em Patos foi com Geralda Caetano, uma colega da UFCG, que por sinal gosta muito dessas histórias e, um dia, quando conversávamos amenidades, surgiram as histórias de Muralhas. Comecei a contar os fatos narrados por Miguelão, passados em Condado, a terra natal dela, e, numa dessas coincidências que a vida nos mostra, Geralda, vinha a ser a filha de Antônio Caetano, proprietário da fazenda Mata Fome, onde aconteceu a caçada de onça pelo soldado Noventa e Nove, contada em Muralhas pelo velho João Nicolau, como também a do interrogatório do mentiroso João Macaco, relatada por Miguelão. Foi assim que tive a oportunidade de ouvir a confirmação das histórias.

O DESTINO DE MARGARIDINHA

Corria o ano de 1993, quando morávamos em Patos. Lá a festa da padroeira Nossa Senhora da Guia, é realizada no período de 14 a 24 de setembro. No mesmo mês em que ocorre a de Nossa Senhora das Mercês, em Cuité, sendo a data de 24 de setembro o dia de ambas as santas. A festa de Patos é muito tradicional e conta com a participação intensa da sociedade local. A mais antiga manifestação sócio-religiosa de Patos tem crescido a cada ano em número de pessoas e o evento já conta com mais 220 anos, abrilhantado, por pavilhões, parques de diversões e grandes atrações.

Pois bem, costumeiramente a minha participação na festa se dava em levar os meninos para brincar nos carrosséis e demais brinquedos dos parques. Os danadinhos, afoitos como toda criança, só gostavam dos que eu achava mais perigosos, insistiam tanto que eu acabava cedendo e ficava cá embaixo, pedindo a

Deus para tudo terminar bem. Era uma verdadeira peregrinação! Eles faziam questão de ir na roda gigante, no *enterprise*, nos *barcos vikings*, *montanhas-russas*, no *kamikaze* e outros não menos perigosos. Nós ficávamos de coração na mão.

Certa feita, tive tanto medo do tal *enterprise*, que o operador notou e se aproximou de mim e passou a me dizer que não tinha nenhum perigo, que há muito tempo trabalhava naquele parque e que nunca tinha havido um acidente.

Passamos a conversar e eu perguntei por que eles não faziam também a festa da cidade de Cuité e ele em tom de espanto me olhou com bastante atenção e quis saber o porquê daquela pergunta. Expliquei que era natural de Cuité e que a festa de lá estava também sendo realizada naqueles dias. E qual foi minha surpresa, veja onde foi dar a prosa, e o que me disse o operário do parque:

– Meu nome é Antônio, eu já fiz muitas festas em Cuité, mas quando eu trabalhava noutros parques. Em 1975, eu fui trabalhar e acabei me enrabichando por uma moça de lá e não é que acabei carregando ela e até hoje estamos vivendo juntos.

Ao ouvir isto, eu logo pensei. Meu Deus, será outra coincidência que a vida me reserva. E então passei a explorar o seu Antônio, e de cara fui logo perguntado: Foi mesmo? E como é o nome da sua esposa?

– Ela se chama Margarida, mas todo mundo só conhece ela por Margaridinha! Disse isso e embalou na conversa, sem que eu tenha perguntado mais nada, veja:

– Naquele tempo eu trabalhava na Roda Gigante do Parque São José e fui fazer a festa de Cuité. Numa noite a rua cheia de gente, a festa muito animada, os carrosséis todos lotados. De repente, entrou na Roda Gigante, aquela moreninha, bem novinha, bonitinha, peitinhos empinados, dessa de deixar qualquer

homem maluco. Parei a Roda Gigante e ele sentou na cadeira e de cara piscou o olho pra mim. E passou a rodar e todas as vezes que passava por mim soltava uma graça. Eu vou dizer uma coisa ao senhor, eu fiquei doidinho pela bichinha. Depois que ela desceu, pouco tempo depois, eu ouvi no alto falante do parque um postal sonoro, que dizia mais ou menos assim:

– Atenção muita atenção! Alguém das iniciais O.X da Roda Gigante, escute esta linda canção que alguém lhe oferece, como prova de amor. E sapecaram a musica “Seria Bom” de Paulo Diniz.

E prosseguiu: – O locutor do parque era meu irmão e assim que começou tocar a música, ele foi lá onde eu tava e disse que a música era para mim. – Foi aquela ali quem ofertou. Disse isso, apontando pra a danada da moreninha. Aí eu perguntei: – E porque ela me chamou de O.X? E meu irmão me disse: – Oxente teu nome não é Ontônio Xofer, eu falei pra ela e ela me mandou dizer só as iniciais pra fazer suspense.

Daí eu fiquei todo arrepiado e mandei ele retribuir com o seguinte postal: Esta música vai para uma mocinha de cabelos crespos, vestido vermelho e listras pretas, com um laço de fita na cabeça, que alguém das iniciais O.X lhe oferece. E mandei ver a música de Reginaldo Rossi, Mon Amour, Meu Bem, Ma Femme.

Assim começou nosso namoro e quando terminou a festa, eu pisei no pé dela. Naquele tempo, o povo dizia que quando quisesse roubar uma moça, era só pisar no pé, se ela topasse, o roubo tava feito. No dia seguinte nós fugimos e até hoje, estamos juntos. Se o senhor quiser ver ela, ela tá ali vendendo bilhete no barco viking!

E eu fui lá, chequei na bilheteria e chamei-a pelo nome. Ela tomou um susto e falou: – *Como é que o senhor sabe meu nome?* Sei porque eu conheço a sua história desde quando você nasceu. Você é filha de Zé de Arataca e Margarida, que moravam em Cui-

té. E ela: – *Sou sim. E o senhor quem é?* Daí, travamos uma longa conversa, no dia seguinte o casal almoçou lá em casa e eu fiquei a pensar, como o mundo é pequeno!

Depois de ver tudo isto revelado, eu passei a buscar na memória aqueles fatos de minha juventude e lembrei com riqueza de detalhes destes acontecimentos.

No tempo que tudo isto aconteceu, eu devia ter uns quinze anos e exatamente nesta época os parques de diversões que abrihantavam a festa da padroeira em Cuité eram armados na Rua Presidente João Pessoa, precisamente em frente à casa de minha avó paterna, Niná Fonsêca, onde eu era escalado por minha mãe, para dormir todas as noites e, assim, fazer companhia as velhinhas Niná e sua irmã Dodô. Lembro que tinha que deitar bem cedo, e deste modo não conseguia dormir, com minha energia de criança, doidinho para estar lá fora a brincar com meus primos, ademais porque ficava a escutar tudo que se passava lá fora, o barulho dos carrosséis, as músicas, os postais sonoros, as conversas das pessoas na rua.

Depois de tanto pensar, tive uma nítida lembrança de que realmente ouvi da minha rede, o postal sonoro oferecido por Margaridinha ao maquinista da Roda Gigante – O.X- Antônio Chofer.

A PAIXÃO PELA FARDA

A paixão pela farda que nutria João Nicolau era notória e esse é um fato bastante antigo. Ele foi criado ouvindo as notícias da 1ª Guerra Mundial, quando os soldados eram constantemente chamados de heróis, o que despertou uma verdadeira alucinação no quase ex-soldado. Mas, tudo não passava do campo da paixão e o velho João era tão somente um trabalhador da lavoura, com muitas frustrações e sonhos a realizar.

Agora, a *paixão* feminina por fardas sempre existiu, alimentada pelo charme e fascínio dos heróis de guerra, seja nos livros, seja nos filmes. Alguns terapeutas afirmam que o uniforme costuma expressar uma aparência mais bem cuidada e elegante. A farda segundo esses especialistas, simboliza poder, obrigação de cuidar das pessoas e capacidade de enfrentar obstáculos.

Por isso, não poderia deixar de contar a história de Maria, que trabalhou lá em casa nos idos de 1986 e que tinha verdadeira adoração por soldados.

Certa feita, fomos passar uns dias em Cuité, na casa de Seu Dedé e Dona Tezinha. Fatinha manifestou a sua mãe o desejo de arranjar uma moça que pudesse ir trabalhar lá em casa, na cidade de Patos. E assim saíram as duas de Rangel adentro, a procurar uma empregada. Voltaram ao final da tarde muito satisfeitas com a empreitada, pois havia conseguido a autorização do pai de Maria que prometera que ela iria morar com a gente.

Dito e feito, chegou o dia de voltarmos a Patos, e de repente chega a pobre Maria, de pés inchados, ao ponto de não poder calçar uma sandália. Cabelos de fuá, loiros descoloridos à base de água oxigenada, mal arrumados, despenteados e encaracolados, da altura das nuvens. Na boca, apenas dois dentes, olhos verdes e pele castigada pelos inclementes raios solares do nosso velho Nordeste.

Seguimos para Patos, de ônibus. Na estação rodoviária de Campina Grande, quando fizemos baldeação, para apanhar outro ônibus que nos levaria a Patos, a menina Maria chamava a atenção de todos.

Chegando a Patos, Fatinha, com muito jeito e zelo, foi moldando Maria. A primeira providência foi fazer uma compra de roupas e sapatos, os quais só depois de muito tempo foi que conseguiu calçá-los, devido ao inchaço dos pés. Aos poucos, Maria foi se adaptando à nova vida e aprendendo a gostar lá de casa. Ganhou possantes dentaduras e um corte mais adequado aos cabelos, o qual passou a cuidar com xampus e creme de babosa.

Depois de seis meses, já muito bem adaptada, eis que Maria pede a Fatinha, para escrever uma carta para seus familiares em Cuité. Fatinha muito solícita, passou a transcrever as citações de Maria. Eis um resumo da missiva:

– *Amiga Zefa.*

– *Em primeiro lugar, queria saber, se as coisas ai tão melhor ou pilhor.*

Ao ouvir tais saudações Fatinha, se segurando para não rir, foi até a sala onde eu já me desmanchava em risos e me perguntou: E aí o que eu faço? E eu lhe disse escreva do jeito que ela mandar, caso contrário ninguém vai entender o que ela quis dizer! E assim Fatinha, foi a missivista mais fiel de todos os tempos. E seguiu escrevendo conforme ditado:

– *Istou muito bem aqui, já tenho muita roupa boa, e muita chinela, já tô de dentadura nova, tô uma gata. Mai o melhor eu não te conto, tô no maior chamego com o homem de meu desejo. Tô de xodó cum um sordado. O homi é a coisa mai linda do mundo. Só tu veno. Essa noite ele me convidou pru mode de eu ir na casa dele. A casa dele é umas em riba das outra, tem que subir uma escada para chegar lá. Mai eu não te conto, quando nois chegemo ele ligou a televisão e tava passando a maior putaria do mundo, eu quaje morro de veigonha. Dici nas carreira e vim para casa. Tu acha muier? O danado queria se aproveitar deu. Tu sabe da minha paixão pru homi de fada, mai desse jeito não quero de jeito niuum. Só quero quando casar tudo direitin. Mande mi dizer como vai as coisa ai. Já tem muito mii e feção verde.*

Dê lembrança a todo mundo, que quando for no Natal, Fatinha vai pra Cuité e eu vou também visitar ocês.

Dias depois nós resolvemos colocar Maria para estudar e, assim, a matriculamos numa escola mantida por freiras no Colégio Cristo Rei de Patos, que funcionava a noite só para as operárias do lar.

O tempo passou e Maria, toda dona de si, já fazia suas próprias cartas e aqui acolá era que pedia ajuda a Fatinha, uma delas foi para perguntar como se escrevia videocassete. Certamente contava dos filmes que assistia no apartamento de seu namorado soldado.

Pois bem, certa feita nós havíamos saído de casa e uma colega da UFCG, Mozani, que trabalhava comigo no setor de RH, ligou para resolver um assunto de trabalho e como não me encontrou, pediu que Maria anotasse o recado e assim ela fez. Quando chegamos em casa ela veio toda satisfeita e me entregou o bilhete, o qual era um monte de rabiscos que não dava para ler nada. Aí se deu o seguinte diálogo entre eu e a escrevente Maria:

– *Não estou entendendo nada Maria! E ela, sem nenhuma cerimônia disse:*

– ***Eu não tenho culpa se o senhor não sabe ler!***



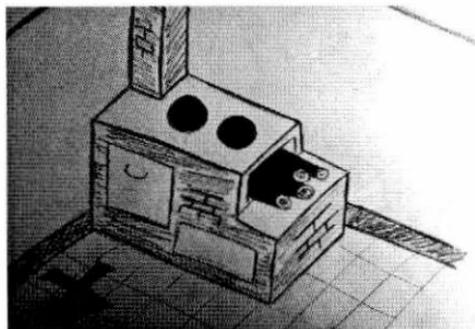
ÔNIBUS PERTENCENTE AO PAI DO AUTOR, NO QUAL ELE VIAJAVA PARA CAMPINA GRANDE, QUANDO POR UM ACASO DESCOBRIU O PARADEIRO DA CACHORRA VIOLETA.



**OUTRO ÔNIBUS PERTENCENTE AO PAI DO AUTOR, ESTE FAZIA A LINHA
CUIITÉ-NATAL.**

18

DESENTERRANDO A BOTIJA



O ano era 1992, no Brasil e no Mundo, grandes acontecimentos agitavam a sociedade. Para não nos alongarmos muito, vamos lembrar alguns fatos que marcaram aquele estremecido ano:

O presidente da república Fernando Collor de Mello, começava o ano de 1992, arregaçando as mangas e prometendo um céu de brigadeiros ao povo brasileiro. Mas em março, através de uma manobra política todo o seu ministério pediu demissão coletiva e um novo ministério foi convocado. Em maio, numa entrevista publicada na revista Veja Pedro Collor, revela ao país um esquema de corrupção no governo. Fernando Collor de Mello, acuado e num gesto de desespero, em pronunciamento à nação, apelou: “Não me deixem só!”. De nada adiantou. Em agosto a população foi às ruas, vestida de preto em sinal de luto. A denúncia foi o estopim de uma bomba, que degingolou, pela primeira vez no impeachment de um presidente eleito democraticamente.

Enquanto isto, nos EUA, Bill Clinton era eleito novo presidente da república, pondo fim a 12 anos de domínio republicano e recolocando o partido democrata no poder. George Bush deixava o poder diante da recessão e da explosão da revolta social em Los Angeles.

Em acidente aéreo, o Brasil perdia o Doutor Ulysses – o Senhor Diretas, apelido que ganhou dado a sua luta obstinada pela redemocratização do país e pelas eleições diretas. Desapareceu em acidente de helicóptero em Angra e seu corpo jamais foi encontrado.

No Rio de Janeiro, teve lugar a ECO 92, conferência de cúpula do Meio Ambiente, que consagrou os conceitos de desenvolvimento sustentável e biodiversidade. Mais de 100 chefes de estado discutiram temas para o futuro do planeta e fez da ecologia uma mania.

Em São Paulo, uma rebelião de presos no presídio do Carandiru, deu início ao maior massacre de presos da história. Mais de 300 policiais invadiram o pavilhão dos amotinados e depois de duas horas e meia restou o triste saldo de 111 presos mortos.

Em Barcelona, na Espanha, o mundo assistia encantado, a realização das olimpíadas. A Comunidade dos Estados Independentes (CEI) obteve 112 medalhas e ficaram em 1^o lugar, enquanto os americanos arrebatarem 108, ficou em segundo lugar.

O Brasil volta para casa trazendo apenas três medalhas com Gustavo Borges, prata na natação, um ouro surpreendente no judô, com Rogério Sampaio, e um arrebataador ouro para os meninos do vôlei. Ostentava a 25^a posição. Ainda assim, a imprensa alardeava um grande feito.

Meu time de coração, o Flamengo, sagrou-se pentacampeão brasileiro, derrotando o arquirrival, Botafogo. Uma tragédia na partida final ofuscou toda a festa. Por excesso de lotação, quatro pessoas morreram ao cair das arquibancadas do Maracanã.

Em Cuité, num verdadeiro duelo de titãs, os médicos Antônio Medeiros Dantas, pelo PMDB, Jaime da Costa Pereira Filho, pelo PFL e o Professor Universitário Charlinton José dos Santos Machado (atual presidente do diretório estadual do partido dos trabalhadores), pelo PT, disputaram as eleições municipais.

Compareceram às urnas 11.639 eleitores, de um total de 13.764. Venceria as eleições o Dr. Medeiros, com 5.651 votos, contra 5.465 obtidos pelo Dr. Jaime, uma pequena diferença de 186 votos. Charlinton, do PT, obteve apenas 91 votos.

Mas, e em Muralhas? Lá aconteceu, a meu ver, o fato mais relevante daquele ano, eis que após 115 anos de enterrada, era arrancada a botija do coronel João Clementino da Rocha, meu trisavô.

Naquela época residia em Muralhas apenas o casal Augusto e Adélia, ela irmã de minha mãe Vina. Portanto bisneta do Coronel.

Numa manhã ensolarada, chega à Casa Grande, Zé de Alaíde, morador da vizinhança, acompanhado de sua filha menor. A menina trazia a mão um recipiente de vidro, contendo água benta, e, na cintura, um enorme cordão de São Francisco. Zé portava a mão um maço de velas e dirigindo-se a tia Adélia, disse:

– Ô Dona Adélia, eu vim até aqui porque o coronel João Clementino, apareceu três noites seguidas, em sonho para esta menina e deu uma botija a ela e mandou nós vir arrancar ainda hoje!

Tia Adélia, surpresa e também em respeito à vontade de seu ente querido assim falou:

– *É, se ele deu a ela é dela!* Disse isto, e mandou os vizinhos entrar na Casa Grande, para realizar o desenterro da velha botija.

Os visitantes disseram que, segundo as recomendações do Coronel, ela não devia participar do evento, vez que ele já havia dado a sorte a muitos de seus descendentes e nenhum teria tido a coragem de encarar os fatos e desenterrar as suas economias. Assim, tia Adélia numa crença antiga e como já dito, em respeito ao falecido, assentiu ao homem, que então passou a escavar.

Tia Adélia, depois, contou ao meu irmão Flávio, que, na ocasião, teve uma espécie de hipnose, que lhe roubou os sentidos e, na sua aflição, só conseguia enxergar vultos. E assim não se

atreveu ir até a cozinha, onde pai e filha faziam o exumo da velha e tão propalada botija.

Para encontrarem o tesouro passaram a cavar uma vala em torno do fogão, no sentido da parede. E qual foi o resultado. Lá estava no encontro da parede da casa com o fogão um enorme pote de barro, tampado com uma bem polida pedra.

Quando tia Adélia refez-se do susto só encontrou o buraco e a pedra que tampava o pote, a qual foi deixada no local.

Muitos anos depois, fui até o local e lá encontrei a velha cozinha em ruínas, o velho fogão ainda teimava em ficar de pé, e em sua base a vala escavada e o buraco que conservava a forma do pote que foi retirado.

Conta-se que o velho pote continha uns sem números de objetos como: moedas de ouro, relógios, cordões de ouro, abotoaduras, talheres e outros utensílios de casa. É certo que constava também, centenas de moedas, cunhadas em bronze e níquel, as de mil reis, continuam a efígie do imperador Pedro II, com a expressão abreviada em latim: "PETRUS II. D.G. CONST. IMP. ET. BRAS. DEF, cuja tradução em português seria: "Pedro II, por graça de Deus, Imperador Constitucional e Perpétuo Defensor do Brasil", seguida do ano da cunhagem, que, no caso, era 1868. Foram encontradas também diversas moedas cunhadas em níquel, as quais continham no anverso o brasão do império, o ano da cunhagem e no reverso os dísticos do valor facial, ladeada pela legenda réis, circundada pela inscrição do Decreto nº 1.817 de 03 de setembro de 1870.

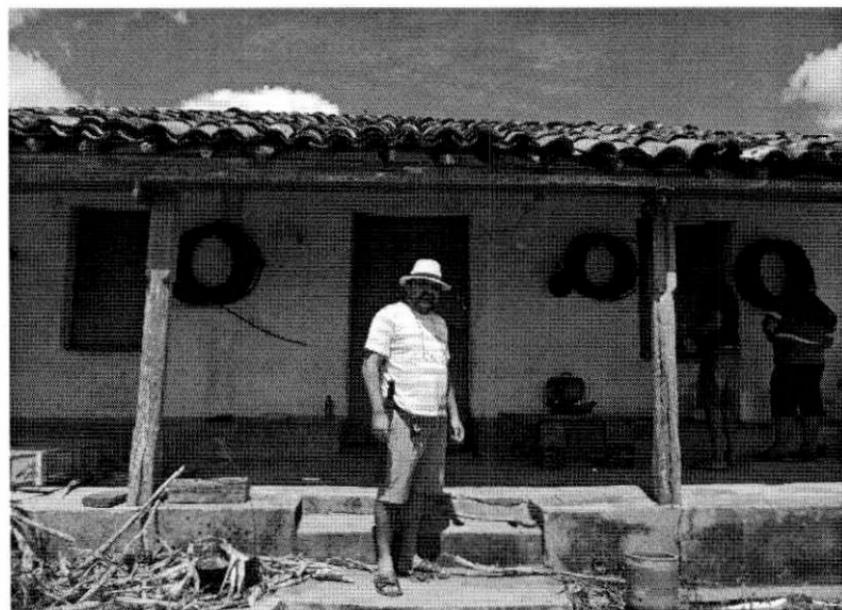
Estas moedas apesar de não terem mais valor monetário, na época em que foram desenterrados, são muito procuradas por colecionadores, que pagam muito bem para tê-las. E conforme contam, foram todas vendidas a um apaixonado pela numismática, da cidade de Natal - RN.

Contam os mais velhos que as pessoas que arrancam botijas devem se mudar do lugar onde moram, sob pena de morrerem. O sortudo não tardou em se mudar de mala e cuia, para o vizinho município de Baraúnas, onde certamente terá feito bom uso de seu presente.

Espero também que, enfim, o meu velho trisavô coronel João Clementino da Rocha, graças à coragem de Zé, tenha ganhado seu salvo-conduto, para descansar em paz, libertando-se de vez das coisas mundanas.

Essa é a real história, cantada em verso e prosa, por muitos cuiteenses. E antes que alguém me pergunte mais alguma coisa, eu digo como diria meu companheiro de jornada, o amigo Chicó, do Auto da Compadecida: “Não sei, só sei que foi assim”!

Por questão de privacidade alguns nomes de pessoas foram modificados.



O AUTOR NA CASA GRANDE ONDE FOI FEITO O DESENTERRO DA VELHA BOTIJA.

GLOSSÁRIO

Aluado: Adoidado, abilolado.

Aperrear: Incomodar; atazanar; pedir algo a outrem importunando.

Boleia: Cabine de veículo.

Bisaco: Espécie de alforje; bernal; mochila.

Buliu: Mexeu.

Butico: Ânus.

Cafuné: Ato de fazer carinho na cabeça com as pontas dos dedos.

Candingueiro: Candongueiro; aquele que engana; quem faz intriga; fofoqueiro.

Em cima da bucha: Resposta precisa, certa, rápida e que não deixa margem para dúvida.

Escalafobética: Coisa sem nexos, sem sentido, bagunçada.

Espevitado: Pessoa agitada; eriçada, que não para quieta.

Espinhaço: Espinha Dorsal.

Espreguiçadeira: Cadeira com fundo de pano.

Geringonça: Objeto, coisa malfeita.

Inticar: Provocar.

Incapetato: Encapetado comportamento endiabrado, travesso.

Jirau: Espécie de grade de varas.

Mangando: Rindo.

Mijado: Molhado de urina.

Moléstia dos cachorros: A pessoa está descontrolada, enraivecida.

Munganga: Careta, expressividade, palhaçada.

Mulesta: É corruptela de moléstia.

Nesse angu tem caroço: Algo nos escapa; há muito mais a saber.

O cabra: O mesmo que o sujeito; indivíduo, pessoa.

Patuá: Objeto que pode ser vivo ou inanimado ao qual se atribui o poder mágico.

Pacaiá: Cigarro de palha.

Pabular: Dizer grandes feitos, geralmente, sobre si mesmo; vangloriar-se.

Peia: Surrar alguém; açoiar.

Peru de jogo: Pessoa que assiste ao jogo.

Pitaco: Opinião.

Ponche: Termo usado para definir uma ampla variedade de bebidas, tanto alcoólicas como não-alcoólicas.

Pra riba: Pra cima.

Pru mode: Por modo de quê?

Quaje: Quase.

Quicé: Faca de lâmina curta, usada no interior do Nordeste para cortar fumo e também como defesa pessoal.

Rabo de galo: Bebida, cinzano com cachaça.

Trabalhar Boiado: Trabalhar com direito a alimentação.

Tópsia: Autópsia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E WEBGRAFIA

AGUIAR, José Geraldo - "Lampião, o invencível - duas vidas, duas mortes" - Thesaurus Editora, 2ª Edição, 2012, 280 páginas;

ALMEIDA, José Américo – O Ano do Nego – Memórias -Editora Record, 1988 , 290 paginas;

A SECA DE 1877 – Jornal de Mossoró – Disponível em: <http://www.omossoroense.com.br/index.php/universo/geraldo-maia/46943-a-seca-de-1877> (Acesso, 03 de abril de 2014);

A GRANDE SECA DE 1877 - Jornal o Povo de Fortaleza Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/colunas/anamiranda/2013/03/09/noticiasanamiranda,3018832/a-grande-seca-de-1877.shtml> (Acesso, 03 de abril de 2014);

Brasil - DECRETO N. 847 DE 11 DE OUTUBRO DE 1890 - Promulga o Código Penal do Brasil. Disponível em:http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaNormas.action?numero=847&tipo_norma=DEC&data=18901011&link=s(Acesso em 19/12/2013);

BLOGSPOT NOVOPERNAMBUCOLISMO. AS DUAS MORTES DE LAMPIÃO – disponível em: <http://novopernambucolismo.blogspot.com.br/2012/07/as-duas-mortes-de-lampiao.html> (Acesso 22/07/2013);

BBC – BRASIL - Um livro lançado na Espanha General Franco tinha apenas um testículo, diz livro.http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/05/090518_francoumtesticulofn.shtmlAtualizado em 18 de maio, 2009 - 11h32min (Brasília) 14:32 GMT (Acesso 17/11/2013);

Blog The Piauí Herald- Roseane revela que Collor não tem aquilo roxo – Revista Piauí Publicado em 16/07/2012 Disponível em: <http://revis-tapiaui.estadao.com.br/blogs/herald/brasil/rosane-revela-que-collor-nao-tem-aquilo-roxo> (Acesso 02/12/2014);

Blog O Berro.Net - Em Juazeiro Collor fez o famoso discurso: "nasci com aquilo roxo!" Publicado em: 15 de julho de 2011, Disponível em : <http://oberronet.blogspot.com.br/2011/07/em-juazeiro-collor-fez-o-famoso.html> (Acesso 02/12/2014);

Blog G1. Globo – Conheça as seis principais lendas sobre Lampião- Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL703549-5598,00->

CONHECA+AS+SEIS+PRINCIPAIS+LENDAS+SOBRE+LAMPIDAO.html (Acesso em 15/11/2013);

BINOMINO – JUSCELINO FOI A ARAXÁ E LEVOU ROLLA - Fonte: Binômio - Edição Histórica/ direção de José Maria Rabêlo. - Belo Horizonte: Armazém de Ideias/ Barlavento Grupo Editorial, 1997. 260 p. Todos estes textos e fotos foram publicados no Jornal Última Hora de Lagoa da Prata – 26/01/2006. <http://www.netwise.com.br/lagoadaprata/curiosidades/jk.html>-(Acesso, 28/11/2014);

Blog Genealogia Sertaneja “Histórias de Mané Franco” - Postado por Isabel Pinto – Disponível em: <http://genealogiasertaneja.blogspot.com.br/2013/08/historias-de-mane-franco.html> (Acesso em 17/08/2013); Blog Metamorfose Digital - Adolf Hitler perdeu um testículo na Primeira Guerra – Disponível em: <http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=4463#ixzz2kkiAbjQl> (Acesso em 15/11/2013);

CARNEIRO, Renato César, A bagaceira, eleitoral: verba, verbo e populismo: a história do voto na Parahyba (Da “Revolução de 30” a 1965) Editora Universitária da UFPB - 2011 - 454 páginas;

CÂMARA, Cascudo, Luís da. Contos tradicionais do Brasil. Belo Horizonte; São Paulo, Itatiaia, Editora da Universidade de São Paulo, 1986. Reconquista do Brasil, 2ª série, 96);

CÂMARA, Cascudo, Luís da - Dicionário do Folclore Brasileiro - Global Editora - 12ª edição 1ª – 1954, 776 páginas;

CHAUÍ, Marilena - SENSO COMUM E TRANSPARÊNCIA - O PRECONCEITO – vários autores - O Preconceito/ Júlio Lerner - editor - São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997; Disponível em: http://www.defendebrasil.org.br/novo/img/pdf/preconceito_.pdf - (Acesso em 17/08/2013);

JUNIOR, Antônio Gaspareto, Cangaço -*INFOESCOLA* – *Navegando e Aprendendo* – Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/o-cangaço/> - (Acesso em 19/11/2013);

LADEIRA, Leonardo - Cassino da Urca: do glamour do passado à polêmica dos dias de hoje, Postado em 09/07/2010, Disponível em: http://www.rioecultura.com.br/coluna_patrimonio/coluna_patrimonio.asp?patrim_cod=95 – (Acesso 03/12/2014);

MIRANDA Avay – Livro garante que lampião passou seus últimos anos de vida no Norte de Minas – Colaboração para O Norte – Publicado em 15/09/2009 – Disponível em: <http://bicicleteca.wordpress.com.br>;

MILAN, Pollianna - A legislação do defloramento - HISTORIA@GAZE-TADOPOVO.COM.BR - Publicado em 10/07/2010, - <HTTP://www.gaze-tadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1033613> (Acesso em 01/12/2014);

O Globo.com - “Papagaio mais famoso do mundo morre aos 31 anos” Publicado em 11/09/2007 e atualizado em 03/03/2012 – Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/papagaio-mais-famoso-do-mundo-morre-aos-31-anos-4155645#ixzz3LUWX2Eq2> (Acesso em 10/12/2014);

História de Santa Luzia – Mensagens com Amor – Blog R7 - Disponível em: http://www.mensagenscomamor.com/datas-especiais/historia_santa_luzia.htm - (Acesso 05/12/2014);

O rei do cangaço antes de Lampião, Publicado em 02 out. 2012 - Disponível em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodare-dacao/2012/10/02/o-rei-do-cangaco-antes-de-lampiao/> - (Acesso 24/11/2013);

“Padre sem cabeça???” Disponível em: <http://kasadaeskina.blogspot.com.br/2010/10/lendas-da-santana-o-padre-sem-cabeca.html> - (Acesso em 11/12/2014);

Regional – Diário do Nordeste- Há 70 anos morria o último chefe do Cangaço - Publicado em 25/10/2010 – Disponível em: <http://diariodo-nordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/ha-70-anos-morria-o-ultimo-chefe-do-cangaco-1.233532> - (Acesso 24/11/2013);

SYLVESTRE, Josué Lutas de vida e de morte: fatos e personagens da história de Campina Grande (1945/1953), Editora Senado Federal, 1982, 405 páginas;

TAVARES, Clotilde - A BOTIJA – Publicado em: 26 de dezembro de 2009, Disponível em: <http://umaseoutras.com.br/a-botija/> (Acesso em 19/11/2013);

TERCEIRO Neto Dorgival, Paraíba de Ontem Evocações de Hoje - Editora: Gráfica Santa Marta – 1999, 284 páginas;

TV Senado-PRINCESA DO SERTÃO. Direção e Roteiro: Deraldo Goulart, 2010. 1 DVD (133 min), NTSC, colorido e P&B..

VIDAL, Ademar, "João Pessoa e a Revolução de 30" – Editora Graal – 1978, 539 paginas;

VOU APRENDER, MAS NÃO VOU ME SUJAR POR POUCO', DIZ CLODOVIL - Atualizado em 03/10/2006-08h03m - Disponível em:<http://g1.globo.com/Noticias/Eleicoes/0,,AA1295842-6282,00.html> - (Acesso em 10/12/2014);

WIKISOURCE - "HISTÓRIA DE UM SOLDADO VELHO POR LIMA BARRETO" - Publicado em 06 de outubro de 2007. Disponível em: http://pt.wikisource.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_um_soldado_velho - (Acesso 24/11/2013);

YAHOO - Segundo a historia da humanidade qual desses dois tinha apenas um testículo: hitler ou pinochet? Disponível em: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20090625062056AAEfLZj> - (Acesso em: 02/12/2014);

Formato 15x21 cm
Tipologia Calibri
Papel Polén bold
Nº de Pág. 246

Editora da Universidade Federal de Campina Grande- EDUFCG

